

FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

**Jesus e o anúncio do Reino de Deus na teologia de Jon Sobrino:
A perspectiva das vítimas e o compromisso de descer da cruz os povos crucificados**

GILBERTO KRAISCH

Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio

BELO HORIZONTE
2008

GILBERTO KRAISCH

**Jesus e o anúncio do Reino de Deus na teologia de Jon Sobrino:
A perspectiva das vítimas e o compromisso de descer da cruz os povos crucificados**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. João Batista Libanio

BELO HORIZONTE
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2008

AGRADECIMENTOS

Ao Deus-Trindade: fonte da graça, da esperança e da vida plena.

A todos os seres humanos excluídos, espoliados e marginalizados, sobretudo os da América Latina, que padecem fome, abandono, que não têm o que vestir e onde morar, vítimas da exploração e globalização econômicas e do abuso de uma sociedade consumista, utilitarista, sem coração e sem amor.

Ao meu pai, Vicente, e à minha mãe, Margarida, que, na união de seus corações e no amor terno, fizeram-se uma só vida, para gerar, em Deus, seus três filhos, ensinando-nos o caminho da solidariedade e da justiça.

Ao diretor, coordenador, professores, e funcionários da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia pela atenção e conhecimentos adquiridos.

Ao orientador, João Batista Libanio, pela dedicação e lapidação.

Aos amigos e amigas do mestrado pela partilha e amizade.

À Diocese de Joinville que me permitiu o estudo.

À Paróquia Cristo Operário pela acolhida e apoio.

À CAPES pelo necessário apoio financeiro.

RESUMO

Esta pesquisa centra-se no estudo do tema do Reino de Deus em relação com os povos crucificados do continente latino-americano. Busca-se desenvolver o tema na visão do teólogo J. Sobrino. Consiste em retomar o tema do Reino num contexto de injustiça e pobreza, para suscitar esperança e misericórdia no coração das vítimas deste mundo, sem cair em idéias enganadoras ou em teologias alienadoras de consciências. Três capítulos buscam dar estrutura a esta dissertação: no primeiro, descreve-se a situação desumana do continente latino-americano que marcou profundamente a vida de J. Sobrino; no segundo, desenvolve-se a teologia do Reino de Deus em J. Sobrino na dimensão bíblico-teológica e na organização sistemático-teológica; no terceiro, retomam-se os pontos-chaves das reflexões anteriores para mostrar que a categoria Reino de Deus ilumina a missão da Igreja. J. Sobrino leva a sério o compromisso concreto de descer da cruz os povos crucificados da história. Para ele, a perspectiva a partir das vítimas, a vitória de Deus sobre a injustiça trazida pela ressurreição de Jesus e a esperança no “princípio misericórdia” manifestam a presença do Reino e iluminam a realidade dos crucificados deste mundo.

Palavras-chaves: Reino de Deus, Povo Crucificado, Pobreza, Injustiça, Misericórdia, Esperança, Missão.

SUMMARY

This research focus on the study of the Kingdom of God theme with relation to the crucified people in Latin American continent. The theme is searched, developed from the theologian J. Sobrino's point of view. One aims at studying the Kingdom theme in the context of poverty and injustice, so that hope and mercy are raised in this world victims' hearts, without falling either into deceiving ideas or theologies which alienate consciousness. This dissertation is structured in three chapters: in the first, one describes the inhuman situation of Latin American continent, which deeply struck J. Sobrino's life; in the second, one develops the Kingdom of God theology in J. Sobrino, both in the theological-biblical dimension and in the theological-systematic organization; in the third, one retakes the key points of the previous chapters reflections to show that the category of Kingdom of God illuminates the mission of the Church. J. Sobrino seriously makes the concrete commitment to taking the crucified people of history down the cross. For him, the victims' perspective, God's victory against injustice brought in by Jesus' resurrection and hope in the “mercy principle”, manifest the Kingdom's presence and illuminate the reality of those who are crucified in this world.

Key words: Kingdom of God, Crucified People, Poverty, Injustice, Mercy, Hope, Mission.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 Povos Crucificados ou Vítimas da História.....	13
1.1 Jon Sobrino e o espaço vivencial de sua produção teológica.....	13
1.1.1 Breve biografia de Jon Sobrino.....	14
1.1.2 Traços significativos da teologia de Jon Sobrino.....	15
1.1.3 O despertar teológico de Jon Sobrino.....	17
1.2 Descrição da realidade da pobreza salvadorenha.....	20
1.2.1 Conceituação: povos crucificados e/ou vítimas da história.....	21
1.2.2 Perseguições ao povo salvadorenho no final da década de setenta.....	25
1.2.3 Panorama da realidade atual da América Latina e salvadorenha.....	31
1.2.4 Equiparação da realidade salvadorenha com a latino-americana.....	35
1.3 Os pobres da América Latina na visão de Jon Sobrino.....	40
1.4 A categoria Reino de Deus na Teologia da Libertação.....	44
1.5 Conclusão.....	47
2 A Categoria Reino de Deus no pensamento de Jon Sobrino.....	50
2.1 Categoria Reino de Deus: desenvolvimento bíblico-teológico.....	50
2.1.1 Via nocional: a esperada utopia no meio da miséria humana.....	51
2.1.2 Via do destinatário: Reino de Deus dos pobres.....	56
2.1.3 Via da prática de Jesus.....	62
2.2 Categoria Reino de Deus: organização sistemático-teológica.....	73
2.2.1 Jesus como mediador absoluto do Reino de Deus.....	73
2.2.2 A centralidade do Reino anunciado por Jesus em favor dos pobres.....	80
2.3 Conclusão.....	92
3 A vivência do Reino de Deus sob a luz dos povos crucificados na teologia de Jon Sobrino.....	95
3.1 Perspectiva a partir das vítimas deste mundo: a esperança da proximidade de Cristo e do Reino de Deus.....	96
3.2 Que significa descer da cruz o povo crucificado hoje?.....	100
3.3 Que novidade traz a ressurreição de Jesus para os povos crucificados na construção do Reino de Deus?.....	102
3.3.1 Teológica.....	103
3.3.2 Cristológica.....	104
3.3.3 Antropológica.....	104
3.3.4 Comunitária.....	106
3.4 A esperança no “princípio misericórdia” como sinal do Reino de Deus.....	107
3.5 Exigências pastorais do “princípio misericórdia”.....	110
3.5.1 Orientar a vida com a atitude misericordiosa do perdão-acolhida.....	112
3.5.2 A vivência da práxis misericordiosa na história fortalece a fé e a esperança dos pobres.....	114
3.6 A história como lugar de salvação para as vítimas na reflexão teológica de Jon Sobrino.....	117
3.6.1 A manifestação atual de Deus na história.....	118
3.6.2 A reação misericordiosa como <i>intellectus amoris</i>	119
3.6.3 A opção pelos pobres como pré-compreensão da teologia.....	119
3.6.4 Eixos da teologia do “princípio misericórdia” como salvação na história.....	121
3.7 Conclusão.....	123
Conclusão.....	126
Referências Bibliográficas.....	131

SIGLAS

AT – Antigo Testamento

CAFTA-DR – Acordo de Livre Comércio da América Central e República Dominicana

CDH – Comissão dos Direitos Humanos

CELADE – Centro Latino-Americano de Demografia

CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e o Caribe

CRM – Coordenadoria Revolucionária de Massas

CVI – Cruz Vermelha Internacional

DEI – Departamento Ecumênico de Investigações

DH – *Dignitatis Humanae*

EUA – Estados Unidos da América

FMLN – Partido da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional

GS – *Gaudium et Spes*

NT – Novo Testamento

ONU – Organização das Nações Unidas

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SCSASS – Secretaria de Comunicação Social do Arcebispado de San Salvador

SRS – *Sollicitudo Rei Socialis*

UCA – Universidade Centro Americana

INTRODUÇÃO

1 Horizonte temático da pesquisa e sua relevância

Numa realidade como a do Terceiro Mundo, J. Sobrino e a Teologia da Libertação vêm, na categoria Reino de Deus, a via com maior capacidade de organizar sistematicamente o todo da teologia¹. Essa categoria unifica e articula, na reflexão teológica, transcendência e história, teoria e práxis. Supera os perigosos dualismos e oferece a verificação na realização do transcendente na história. Além disso, o Reino de Deus faz redescobrir o anti-reino, o mundo de pecado².

A realidade latino-americana clama pelo Reino de Deus. O fato maior na América Latina é a massiva e injusta pobreza em que vive a maioria dos seres humanos esmagados sob o peso da vida. Entretanto, o fato mais novo consiste na esperança de vida justa, de libertação. A convicção da realidade primária, como pobreza injusta e como exigência a apostar em favor da vida, leva à reformulação da reflexão teológica como pré-compreensão necessária para entender a Revelação de maneira adequada. Essa Revelação percorre a tarefa teológica como sinal dos tempos e manifestação da vontade divina. A realidade em si mesma possui seu próprio clamor³.

Hoje existem povos inteiros injustamente crucificados e oprimidos e que têm esperança de vida. Essa situação para J. Sobrino, sem cair em ingenuidades nem anacronismos, assemelha-se à realidade na qual surgiu a noção de Reino de Deus. Por isso, a realidade histórica atual faz com que o Reino de Deus seja hoje mais útil que outros conceitos para elaborar teologicamente a realidade. A urgência do clamor se dirige à vinda do Reino de Deus. O compromisso de construir esse Reino, como algo irrenunciável, exige estar cheio do mesmo espírito presente na vida e na missão de Jesus. A ação do Espírito hoje, na história, orienta a decisão fundamental da construção do Reino de Deus, que é proporcionar a vida dos pobres.

Para a Teologia da Libertação, o Reino de Deus põe em evidência a ultimidade da vontade de Deus, seu desígnio, sua transcendência assim como seu conteúdo como boa-

¹ Cf. SOBRINO, J. Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.). *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1991. v. 1, p. 472-473.

² Cf. Idem., p. 474.

³ Cf. *Ibidem.*, p. 475.

notícia: o amor e a misericórdia. Deus se faz o Deus das vítimas deste mundo e essa solidariedade chega até os extremos da cruz. O evangelho de Jesus é boa-nova para os pobres e estes são a chave para se aproximar, hoje, do evangelho⁴.

Esta pesquisa quer redescobrir a importância da consciência do Reino de Deus na pregação de Jesus, sob a ótica de J. Sobrino e, ao mesmo tempo, deseja abrir espaço para a reflexão atual do compromisso cristão com as vítimas da história.

2 Limites desta dissertação

O tema central desta pesquisa se estrutura na relação entre a categoria Reino de Deus e povos crucificados, a partir da cristologia fundamental de J. Sobrino.

Os limites do horizonte desta pesquisa foram traçados na formulação da questão central: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia e como essa categoria ilumina a prática pastoral na realidade de povos crucificados da América Latina? Essa questão perpassa todo o trabalho.

Outras questões decorrentes do estabelecimento do Estado da Questão servem de suporte para a pesquisa: Qual o significado, o alcance e a relevância do Reino de Deus e dos povos crucificados na cristologia de J. Sobrino? Qual a repercussão e/ou a contribuição que ele oferece na redescoberta dessas categorias? A partir desta análise, necessita-se repensar a fé cristã à luz da realidade atual e do evento central: Jesus Cristo. Portanto, como fazer uma releitura da Sagrada Escritura? Como anunciar a esperança na misericórdia aos pobres sem aliená-los e sem propor-lhes o recurso à violência?

A pesquisa não aborda todos os aspectos da vasta produção teológica de J. Sobrino. Entretanto, concentra-se na perspectiva das vítimas deste mundo e no compromisso de descer da cruz os povos crucificados como chave de leitura hermenêutica da tarefa teológica sobriniana. J. Sobrino constata que Jesus revela a proximidade de Deus através do amor misericordioso e da defesa concreta dos pobres e excluídos.

Com relação à categoria Reino de Deus, não se tem a intenção de fazer uma exegese bíblica, nem uma abordagem histórica completa desse conceito. O propósito é contextualizar o autor em questão. Essa contextualização se faz necessária para melhor compreender a proposta de J. Sobrino de valorizar a categoria Reino de Deus na reflexão

⁴ Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo/Petrópolis: Loyola/Vozes, 1985. p. 26.

teológica, no atual momento latino-americano.

3 Novidade e colaboração

O presente trabalho se propõe a organizar e sistematizar, na cristologia de J. Sobrino, a categoria Reino de Deus em relação aos povos crucificados, no contexto latino-americano atual. Essa é a especificidade desta pesquisa: uma colaboração útil e necessária num momento que exige repensar a fé cristã à luz do Reino de Deus na pregação de Jesus.

A novidade desta pesquisa repousa na ênfase dada à questão fundamental relativa ao Reino de Deus, e como esse Reino ilumina a prática pastoral em favor dos povos crucificados no pensamento de J. Sobrino.

Na trilha da Teologia da Libertação, J. Sobrino exerce influência na redescoberta da categoria Reino de Deus e no compromisso cristão com as vítimas deste mundo. Acredita-se que essa reflexão possa trazer alguma contribuição à ciência teológica.

4 A edificação da pesquisa e os pressupostos metodológicos

Três capítulos buscam dar estrutura a esta dissertação: o **primeiro** se concentrará em construir o marco fundante do espaço vivencial da produção teológica de J. Sobrino. A preocupação central será em responder à pergunta: Quem é J. Sobrino e qual é a proposta do Evangelho para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador na sua teologia? Nesse intuito, faz-se mister realçar a situação desumana dos povos crucificados do continente latino-americano. J. Sobrino redescobre o “pobre” como lugar teológico e como lugar teologal. Sua reflexão metodológica privilegia os pobres. Leva-os a sério e possibilita atualização constante da tarefa teológica. Dessa forma, lança-se a proposta desse Autor na redescoberta, no âmbito da Teologia da Libertação, da categoria Reino de Deus em favor dos povos crucificados.

No **segundo**, deseja-se responder à seguinte questão: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia? Esse capítulo desenvolverá a teologia do Reino de Deus proposta por J. Sobrino, começando pelo desenvolvimento bíblico-teológico da categoria Reino de Deus e, em seguida, passando para a organização sistemático-teológica dessa categoria. A partir da averiguação da via nocional, do destinatário e da prática de Jesus, buscaremos traçar os caminhos de compreensão da categoria Reino de Deus na teologia desse Autor. Ele não faz exegese bíblica dos textos relativos à categoria Reino de Deus, mas oferece elementos históricos significativos da

vida de Jesus. Depois, analisaremos os pontos-chaves da cristologia de J. Sobrino em relação à realidade do Reino de Deus. Os tópicos abordados – Jesus como mediador absoluto do Reino de Deus e a centralidade do Reino de Deus anunciado por Jesus em favor dos povos crucificados – buscarão responder às realidades centrais da vida e da pregação de Jesus como Mestre de Nazaré.

O **terceiro capítulo** procurará mostrar que a categoria Reino de Deus ilumina a missão da Igreja. Pergunta-se: Quais as implicações, na teologia de J. Sobrino, que a categoria Reino de Deus oferece para a prática pastoral, hoje, em favor da situação dos povos crucificados da história? O Autor leva a sério o compromisso concreto de descer da cruz os povos crucificados da história. Para ele, a perspectiva a partir das vítimas, a vitória de Deus sobre a injustiça trazida pela ressurreição de Jesus e a esperança no “princípio misericórdia” manifestam a presença do Reino e iluminam a realidade dos crucificados deste mundo.

Por fim, na **conclusão final**, serão evidenciados os principais elementos desta pesquisa, os resultados, as contribuições e as verificações das hipóteses de trabalho. As hipóteses de trabalho aqui elencadas são decorrentes do estabelecimento do Estado da Questão. Essa dissertação aborda uma temática abrangente, que envolve elementos e relações terminológicas diversas entre as categorias Reino de Deus e povos crucificados, o que comporta uma hipótese complexa e pertinente.

Para o estudo desta dissertação serão utilizadas as seguintes obras de J. Sobrino: *Cristologia a partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico; *Jesus na América Latina*: seu significado para a fé e a cristologia; *Espiritualidade da libertação*: estrutura e conteúdos; *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré; *A Fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas; *O Princípio Misericórdia*: descer da cruz os povos crucificados; *Onde está Deus?* Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia; *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos, principalmente o capítulo sobre a centralidade do Reino de Deus anunciado por Jesus; *Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación em *Mysterium Liberationis**; *Jesús y el Reino de Dios. Significado y objetivos últimos de su vida y misión em *Sal Terrae**. Além destes, outros textos do Autor contribuirão no aprofundamento do tema.

A pesquisa perpassará, a partir de levantamento bibliográfico, as principais obras teológicas de J. Sobrino pertinentes ao tema. A partir das leituras e fichamentos das referidas obras, passaremos ao exercício e método hermenêutico para analisar os textos do Autor e realizar a elaboração de uma visão teológico-sistemático-pastoral. Buscaremos captar a unidade interna de seu pensamento. O recurso a outros autores certamente se fará necessário para complementar o trabalho e atingir o objetivo proposto. O caminho percorrido será a interpretação refletida e criativa do conteúdo teológico do Autor em questão, a partir de cada tema e subtema escolhidos para a pesquisa.

O trabalho responde à linha de pensamento e/ou ação de J. Sobrino. As respostas às questões foram dadas a partir do estudo das obras desse Autor que aprofundam a categoria Reino de Deus. Depois de cada capítulo, oferecem-se as principais conclusões, enquanto a conclusão final sintetiza toda a pesquisa.

O contexto ou a problematização deste trabalho se orienta sob dois aspectos:

Por um lado, trata-se de responder à exigência objetiva e legítima: explanar e dilatar a verdade sobre Jesus de Nazaré com relação ao Reino de Deus no processo histórico. No intuito dos cristãos fomentarem as razões da esperança (cf. 1Pd 3,15), a teologia amplia o leque na tentativa de esclarecer os fundamentos da verdade de Cristo;

Por outro, trata-se de expor a verdade sobre Cristo, de levar também em consideração os elementos fundamentais da fé real em Cristo, desenvolvida e elaborada pela cristologia libertadora latino-americana.

Na América Latina um novo repensar teológico inicia sua caminhada no final dos anos 60. São os primeiros passos da longa e importante marcha que continua até hoje. G. Gutiérrez, J. B. Libanio, H. Câmara, J. L. Segundo, I. Ellacuría, O. Romero, P. Richard, C. Mesters, L. Boff, C. Boff, A. M. Tepedino e outros oferecem mudança no panorama teológico e no modo de conceber a vida cristã. Essa experiência, vivida numa perspectiva de embate e conflito, nutre e abre novas sendas para o crescimento da consciência e da práxis teológica e dialógica sobre o Reino de Deus e os pobres. J. Sobrino expressa a urgente necessidade do zelo teológico, centrado no mistério da presença misericordiosa de Deus na história dos povos crucificados.

A visão de J. Sobrino se mostra provocativa e desafiadora. Escolhi trabalhar esse Autor porque sua preocupação central é com a vida dos pobres, a aterradora evidência

dos povos crucificados na América Latina. Ele recupera a constitutiva e dupla relacionalidade histórica de Jesus: com o Reino de Deus e o Deus do Reino⁵. Aponta a raiz mais profunda da vida cristã como experiência integral e encarnada.

Segundo J. Sobrino, a vida cristã centrada no Deus da vida supera a dicotomia, o dualismo e possibilita o serviço profético do Reino. Ele mergulha nas tensões entre fé e vida que orientam a práxis cristã. Num continente estigmatizado pela separação tão escandalosa entre pobres e ricos, o seguimento de Jesus a serviço do Reino significa descer da cruz os pobres.

O Autor salvadorenho testemunha o Deus do Reino que se dirige de modo prioritário ao mundo dos excluídos e empobrecidos. A irrupção do rosto do Deus da vida presente no mundo se reveste da figura do Deus dos pobres.

Essa reflexão teológica justifica a escolha do Autor investigado. O objetivo é mostrar as principais idéias do pensamento teológico de J. Sobrino sobre a concepção do Reino de Deus, a partir da articulação entre Reino de Deus e pobres⁶.

Outras questões trabalhadas por J. Sobrino, não mencionadas nesta dissertação, ficarão, quiçá, para algum aprofundamento posterior. Espera-se que essa reflexão possibilite estimular a continuação da pesquisa teológica nesse tema e nesse Autor. Que ela consiga se unir à luta de todos aqueles que buscam, na ação misericordiosa, o sinal da presença do Reino de Deus em favor dos povos crucificados.

⁵ Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 33.

⁶ Cf. Idem., p. 196-201.

1 Povos Crucificados ou Vítimas da História

Mesmo depois de dois mil anos de história do cristianismo, o mundo continua marcado por contradições. No continente latino-americano, em sua maioria composto de cristãos, povos inteiros continuam crucificados. Enorme parcela de seres humanos vive esmagada sob o peso da vida e “sobreviver é a maior dificuldade e a morte lenta o destino mais próximo”⁷. Num continente tão marcado pelas desigualdades, surge a subespécie dos não-existentes, os marginalizados, os sobrantes, os excluídos⁸.

A pobreza, a gritante desigualdade social, a cultura da indiferença e do descartável, a mudança de paradigmas, as rápidas transformações político-econômicas e socioculturais, as revoluções tecnológicas e científicas carregam um imperativo: repensar a fé cristã à luz da realidade atual e a partir do evento central, Jesus de Nazaré⁹. A linguagem encobre a realidade. As tecnologias da informação e das comunicações e as forças de mercado globais polarizam rapidamente a população em duas forças irreconciliáveis e potencialmente antagônicas: nova elite cosmopolita, que controla as tecnologias e as forças de produção, e o crescente número de trabalhadores permanentemente demitidos, que têm poucas esperanças e perspectivas de empregos significativos na economia global.

É nesse contexto de pobreza e exclusão que se situa o teólogo J. Sobrino, em El Salvador. A preocupação central deste capítulo será em responder à pergunta: Quem é J. Sobrino e qual é a proposta do Evangelho para a superação da situação de pobreza e exclusão em El Salvador na sua teologia? Para tanto, serão analisados os seguintes tópicos: breve biografia do autor, influência de seu ambiente para a formulação de sua teologia, descrição da realidade da pobreza salvadorenha, identificação do povo latino-americano como povos crucificados, pobres na América Latina na visão de J. Sobrino e a redescoberta da categoria Reino de Deus, como centro articulador do seu pensamento.

1.1 Jon Sobrino e o espaço vivencial de sua produção teológica

A realidade salvadorenha marcou profundamente a vida de J. Sobrino. Ele se manifesta como testemunha da cruel pobreza e da injustiça, dos terríveis massacres e

⁷ SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 13.

⁸ Cf. *Idem.*, p. 13.

⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 14-15.

terremotos, e também da luminosidade, esperança, criatividade, solidariedade e generosidade sem conta das vítimas de El Salvador¹⁰. Vamos conhecer brevemente a vida de J. Sobrino, os traços relevantes de sua teologia e seu despertar teológico.

1.1.1 Breve biografia de Jon Sobrino

J. Sobrino nasceu em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938. Entrou na Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Pertence à Província da América Central e reside em El Salvador desde 1957, país que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St Louis dos EUA, em 1963, J. Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, e, conseqüentemente, na aplicação desse Concílio através da realização da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, no ano de 1968. Doutorou-se em Teologia na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, na Alemanha, em 1975. Sua tese versa sobre o “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pelas Universidades de Lovain, na Bélgica e de Santa Clara, na Califórnia, ambas em 1989¹¹.

Dedicou-se por anos à docência teológica na Universidade Centro Americana (UCA). Publicou significativas obras nas áreas de cristologia e espiritualidade. Sua primeira obra, publicada em 1976, foi *Cristologia a partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico: obra que o insere entre os teólogos da libertação. Outros livros publicados em português: *Ressurreição da verdadeira Igreja*: os pobres, lugar teológico da eclesiologia, 1982; *Jesus na América Latina*: seu significado para a fé e a cristologia, 1985; *Espiritualidade da libertação*: estrutura e conteúdos, 1992; *O Princípio Misericórdia*: descer da cruz os povos crucificados, 1994; *Jesus, o Libertador*: a história de Jesus de Nazaré, 1996; *A Fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas, 2000; *Onde está Deus?* Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia, 2007; *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos, 2008.

J. Sobrino foi assessor teológico de O. Romero, arcebispo de San Salvador,

¹⁰ Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 16.

¹¹ Revista On-Line do Instituto Humanitas Unisinos – www.unisinos.br/ihu, acessado no dia 19/07/2008.

assassinado pela direita salvadorenha em março de 1980. Escapou do atentado realizado por militares do exército em novembro de 1989, quando seis colegas jesuítas e duas mulheres foram barbaramente assassinados na UCA, entre os quais o teólogo I. Ellacuría, reitor da mesma universidade. É responsável pelo *Centro de Pastoral Dom Oscar Romero*, e pertence ao comitê editorial da Revista Internacional de Teologia *Concilium*¹².

1.1.2 Traços significativos da teologia de Jon Sobrino

O traço característico da cristologia de J. Sobrino, presente na Teologia da Libertação, é a ênfase no Jesus histórico, no Jesus que vem narrado nos Evangelhos. Trata-se de alguém marcado pelo “princípio misericórdia”, pela dinâmica da hospitalidade e da acolhida. Em Jesus transparece a face do Deus amoroso, com entranhas de ternura e misericórdia, que se compadece dos mais pobres e excluídos. O Jesus histórico é o “ponto de partida da cristologia” sobriniana¹³. A realidade última para Jesus não foi ele mesmo, nem a Igreja, mas o Reino de Deus, como Reino de afirmação da vida.

A América Latina, continente cristão em massa, viveu a clamorosa opressão sem que a fé em Cristo a tenha questionado e sem que a imagem de Cristo tenha servido sequer para suspeitar que algo estava mal no continente. A partir da perspectiva libertadora, a nova imagem de Cristo expressa pelo menos essa suspeita, e, profunda e concretamente, significa a superação dessa escandalosa situação¹⁴.

Para J. Sobrino, certas cristologias oferecem imagens de Cristo como sublime abstração. Exemplos: a imagem do Cristo-amor, sem incluir as formas fundamentais do amor de Jesus, como a justiça e a parcialidade em favor dos pobres; a imagem de Cristo-poder, sem referência ao poder-serviço vivido por Cristo; a imagem de Cristo-reconciliador, sem levar em conta Jesus de Nazaré: a denúncia profética, as bem-aventuranças aos pobres, a concretização do amor na defesa dos pobres e a exigência radical de conversão aos opressores... J. Sobrino observa o perigo da soteriologia tradicional. Interpreta-se a cruz como reconciliação transcendente de Deus com os homens, mas fora do âmbito do conflito histórico causado pelos pecados históricos, que levam Jesus

¹² Idem.

¹³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 62; Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 108-112.

¹⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 30.

à cruz e hoje conduzem a ela os povos oprimidos¹⁵.

J. Sobrino vê como questão problemática a “absolutização absoluta” de Cristo. O perigo se mostra em ignorar a constitutiva e a dupla relacionalidade histórica de Jesus entre o Reino de Deus e o Deus do Reino¹⁶. J. Sobrino acrescenta a relacionalidade histórica à relacionalidade trinitária transcendente. Jesus não viveu para si mesmo, mas teve um pólo referencial no Reino de Deus, onde mesmo depois da ressurreição é referido ao Pai, até que este seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,28)¹⁷.

O risco para a reflexão teológica e para a vida cristã se estabelece quando há uma ditadura de Cristo na Igreja e no mistério da salvação. O receio do Terceiro Mundo consiste num “Cristo sem Reino”, um mediador sem mediação. Em nome da concentração no mediador, corre-se o risco de relegar a segundo plano as exigências da mediação do Reino, que se traduz pela realização histórica da vontade do Pai. A preocupação central da teologia sobriniana é a vida dos pobres, a aterradora evidência dos povos crucificados na América Latina. A retomada do Jesus histórico significa a superação de imagens alienantes de séculos de exercício da fé no Cristo¹⁸.

A recuperação do novo rosto de Cristo libertador funciona, na prática, como desmascaramento do que há de acristão e anticristão nas imagens de Jesus, superando e até contrapondo as imagens alienantes das cristologias. É a “despacificação de Cristo” e sua “desidolatrização”, ou seja, a afirmação da imagem de Cristo que não permite a isenção dos sujeitos face aos apelos do real, e a utilização de seu nome para a continuidade da opressão¹⁹.

A preocupação com o Jesus histórico na América Latina é marcada pela hermenêutica da práxis: para que haja uma relação positiva com o Jesus histórico é necessário que se relacione adequadamente com ele, mediante a práxis do seguimento²⁰. Afinal, “o mais histórico de Jesus é sua prática, e acrescenta o espírito com que a realizou e com o qual a imbuíu: honradez para com a realidade, parcialidade para com o pequeno, misericórdia fundante, fidelidade ao mistério de Deus”²¹. Essa mesma prática e espírito que foram transmitidos por Jesus se tornam convocação para os cristãos no prosseguimento de

¹⁵ Cf. *Idem.*, p. 30-33.

¹⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 33.75.

¹⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 33.

¹⁸ Cf. *Ibidem.*, p. 34.

¹⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 82.

²⁰ Cf. *Idem.*

²¹ *Ibidem.*, p. 84.

sua causa na história. Acrescentar o espírito à prática de Jesus constitui numa relativa novidade que foi exigida pela experiência latino-americana. J. Sobrino parte da consciência de que é mediante o Jesus histórico e a práxis de seu seguimento que se dá o acesso ao Cristo da fé²².

A reflexão teológica latino-americana embarca na sensibilidade face aos tremendos desafios que acompanham a realidade sofrida dos pobres no continente. A atenção ao mundo dos pobres consiste num marco essencial da teologia de J. Sobrino. Ele mudou de lugar social quando se deparou com o povo pobre e os sofrimentos de El Salvador. Sua obra, em particular sua cristologia, “resulta da experiência evangélica”, da “ruptura epistemológica” e do descobrimento dos pobres como “lugar teológico”. Seu ensinamento cristológico recupera a autoridade evangélica dos pobres, a preferência de Deus por revelar-se aos pobres, o dom do Reino de Deus em primeiro lugar aos pobres²³. J. Sobrino redescobre a categoria do “pobre” como lugar teológico e como lugar teologal. Sua reflexão metodológica privilegia os pobres. Leva-os a sério e possibilita atualização constante da tarefa teológica.

O caminho teológico desse Autor se traduz em fé e esperança, pela fidelidade em sua longa e conhecida experiência de sofrimento compartilhada com o povo, com o arcebispo Romero e com seus irmãos assassinados. Esse percurso torna-se um método cristológico incontornável de coerência e convicção cristã.

1.1.3 O despertar teológico de Jon Sobrino

Sobre quais fundamentos J. Sobrino constrói a cristologia latino-americana? Para mergulhar na cristologia libertadora de J. Sobrino, faz-se necessário ouvir a pergunta de Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29). A resposta reflexiva emerge da historização e conceitualização da América Latina e depara-se com a situação dos povos crucificados e de Cristo neles. J. Sobrino se questiona: há algo mais urgente e necessário sobre o que pensar e o que fazer, do que descer da cruz o povo crucificado da história?²⁴. Num mundo de vítimas, o teólogo salvadorenho faz sua experiência de Deus. Essa experiência não permite a indiferença ante o sofrimento das pessoas e convoca todo ser

²² Cf. *Ibidem.*, p. 88-89.

²³ Cf. *Ibidem.*, p. 42-61.

²⁴ Cf. *Ibidem.*, p. 17.

humano à reação misericordiosa.

J. Sobrino descreve como os cristãos de El Salvador despertaram, na vida e ao longo da trajetória teológica, para a verdadeira realidade dos povos crucificados. Esse despertar o levou não somente a purificar sua compreensão da presença de Cristo crucificado no aterrorizante sofrimento dos pobres, mas o interpelou a inclinar-se, como Jesus, com ternura e misericórdia ante as vítimas deste mundo. “O despertar para a realidade do mundo oprimido e subjugado”²⁵ simbolizou o toque da graça que redimensionou nele, e em outros teólogos, o modo de ser e de teologizar. Sua teologia é pensada a partir das vítimas e do povo crucificado. O despertar para as vítimas, produto do pecado e da opressão humana, repercutiu em todas as dimensões de sua vida: religiosa, eclesial, intelectual e, sobretudo, nas dúvidas de fé. Seus questionamentos teológicos passaram a ter primazia sobre outros despertares. A exigência teológica se converte na honestidade da realidade histórica de crueldade, repressão e mortes injustas de vítimas inocentes. Nessa circunstância, o rosto de Deus se revela de modo inesperado²⁶. A realidade das vítimas dilata os horizontes. Abrir-se à realidade dos pobres significa abrir-se ao Deus da vida e da esperança²⁷.

Foi a estarrecedora realidade dos povos crucificados que lhe possibilitou abraçar a causa dos pobres. O sofrimento do povo e o martírio dos confrades e leigos salvadorenos o iluminaram e revolucionaram sua vida²⁸. Num primeiro momento, o percurso teológico e ministerial não o despertou para a verdadeira realidade do mundo empobrecido. Afirma: “Ao chegar a El Salvador em 1957, deparei com a terrível pobreza, mas mesmo vendo-a com os olhos, não a via, e esta pobreza nada comunicava para minha própria vida de jovem jesuíta e de ser humano”²⁹. Não lhe ocorreu transformação, porque o modo de pensar e de conceber o mundo vinha da Europa. Continua: “Eu representava, pois, o típico ‘missionário’, com boa vontade, e ao mesmo tempo eurocêntrico e cego para a realidade”³⁰. Mas não tardou acontecer o “despertar dogmático” para a singularidade de Deus escondida na realidade dos pobres e vítimas do Terceiro Mundo. Chegou sacudindo e derrubando conceitos referentes à fé, questionando a imagem de Deus. Os estudos de

²⁵ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 12.

²⁶ Cf. SOBRINO, J. Teología desde la realidad. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 159-160.

²⁷ Cf. Idem., p. 160.

²⁸ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 12.

²⁹ Idem.

³⁰ *Ididem.*, p. 12-13.

filosofia e teologia desafiaram-no a uma mudança de paradigma. Aprendeu que nem tudo permanecia pronto e encerrado³¹. Sentiu-se instigado a gerar a dimensão compassiva e misericordiosa da razão.

Ao despertar do “sono dogmático”, J. Sobrino se descobre desadormecido do sono da cruel inumanidade. Os estudos teológicos contribuíram para desvendá-lo os olhos para o mistério de Deus que transparece, simultaneamente, de obscuridade e de luminosidade e se revela na história. A teologia e o mergulho na realidade do mundo dos pobres nortearam-no para descobrir Jesus de Nazaré, “que não consistia no Cristo abstrato que antes tinha em mente [...]”. E ratificou que “Cristo não é outro senão Jesus, e que este teve uma utopia na qual não pensava antes: o ideal do Reino de Deus”³². O acordar do sono da inumanidade abalou forte e dolorosamente a vida de J. Sobrino: “como se lhe arrancassem a pele pouco a pouco”³³. Essa sacudida permitiu-lhe deixar-se tocar pelo Cristo real e averiguar a presença desse Cristo na vida e na história sofrida do povo pobre e oprimido do Terceiro Mundo³⁴.

J. Sobrino reconhece a importância do conhecimento e dos estudos, porém constata a falta de mudança no primordial: o coração. A crucial realidade do povo crucificado e o testemunho dos confrades que lutavam em favor do povo sofrido de El Salvador despertaram-no para a reviravolta no teologizar. Entre estes estão I. Ellacuría e o arcebispo Romero, que cooperaram para que seus olhos se abrissem à realidade sofrida dos povos crucificados da América Latina, levando-o a reagir com misericórdia³⁵.

No seu despertar teológico, o Autor verifica o toque da graça de Deus. O rosto de Deus se revela em circunstância inesperada e surpreendente³⁶. A realidade latino-americana de povos crucificados o impeliu a se questionar e a sondar não só a existência de Deus, mas também a dos ídolos. Descoberta teológica significativa para ele foi a releitura da Escritura: “a relação transcendental entre Deus e os pobres”³⁷, sempre presente na Escritura. Essa redescoberta bíblica encorajou-o a adotar a conduta do bom samaritano (cf. Lc 10,30-35) para descer da cruz os povos crucificados.

Com essa experiência do Cristo real, presente nos povos crucificados, J.

³¹ Cf. *Ididem.*, p. 13.

³² *Idem.*

³³ SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 156.

³⁴ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 14.

³⁵ Cf. *Idem.*, p. 15.

³⁶ Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 159.

³⁷ *Idem.*, p. 161.

Sobrino reestrutura a pergunta teológica fundamental: “somos ou não humanos e, para os crentes, nossa fé é ou não humana?”³⁸. Ele responde através do testemunho de vida, pela alegria de se sentir humano e homem de fé. Mas isto sob a condição de transformar a mente, os olhos e o coração e encher-se de reação misericordiosa³⁹.

O salto na compreensão do teologizar e o despertar para as inúmeras penúrias na realidade dos pobres avivaram-lhe a urgência de relacionar estreitamente a fé e a prática. J. Sobrino perscruta a teologia não só como *intellectus fidei*, mas como *intellectus misericordiae*, ou melhor, assumindo a misericórdia divino-humana na práxis⁴⁰. O desabrochar do sono da inumanidade para a realidade da humanidade lhe ensinou a ver Deus a partir do mundo das vítimas, e a ver o mundo das vítimas a partir de Deus⁴¹.

A assimilação da realidade das vítimas do Terceiro Mundo proporcionou uma reação de misericórdia em favor dos empobrecidos⁴² e a descoberta do sentido e da alegria da vida⁴³. Desse modo, a misericórdia prevaleceu na vida e na missão teológica. O testemunho dado em favor dos pobres revela sua compreensão cristã e teológica, reacendendo a opção de dignificar na vida o “princípio misericórdia”, para descer da cruz os povos crucificados.

1.2 Descrição da realidade da pobreza salvadorenha

O que se propõe nesse capítulo não é fazer uma análise sócio-política e econômica da realidade de El Salvador. O que se busca é compreender o contexto provocador de pobreza e exclusão que instiga J. Sobrino a fazer algumas perguntas que passarão a nortear toda sua reflexão teológica. Numa situação de extrema injustiça, o teólogo se pergunta: Como são as vítimas deste mundo? Como se configuraram essas vítimas na história política, social, econômica, religiosa e cultural da América Central e, sobretudo, de El Salvador? Quais os impérios que se apossam do continente latino-americano, através do exército ou do sistema econômico? Como funcionam as oligarquias e empresas multinacionais? E o poder das Forças Armadas? Por que a liberalização do

³⁸ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 15.

³⁹ Cf. *Idem*.

⁴⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 65-67.

⁴¹ Cf. *Ibidem.*, p. 28.

⁴² Cf. *Ibidem.*, p. 26.

⁴³ Cf. *Ibidem.*, p. 28.

comércio se tornou hoje uma questão crítica?

Essas perguntas serão respondidas a partir da compreensão do conceito de povos crucificados e/ou vítimas da história. Na realidade centro-americana, milhões de inocentes ou povos inteiros crucificados morrem nas mãos de seus opressores⁴⁴.

No cerne de cada situação de crise e de desejo de mudança, sobrevém a questão básica do poder. Não se transforma a sociedade sem definir atitudes perante o poder existente. O projeto democrático não inclui a maioria dos pobres: eles não são considerados nessa visão de sociedade⁴⁵. O próprio conceito de democracia fica desmoralizado por essa interpretação inadequada. O que as vítimas de fato revelam é que tal democracia se alimenta de vítimas reais. A globalização se evidencia como parte da ideologia desta pseudo-democracia, oferecendo um mundo homogêneo. As vítimas, porém, deixam claro que, na globalização, nem tudo é tão homogêneo assim: existem vencedores e derrotados⁴⁶.

1.2.1 Conceituação: povos crucificados e/ou vítimas da história

A linguagem não consegue comunicar todo o mal que o mundo latino-americano vive. Fala-se de “povos crucificados”⁴⁷, linguagem metafórica, mas, certamente, que comunica a magnitude histórica dessa ruína e de seu significado para a fé. J. Sobrino admite três tipos de linguagem para expressar a realidade dos povos crucificados⁴⁸:

- a) Os povos crucificados tornam-se linguagem útil e necessária em dimensão fático-real, porque “cruz” significa morte, à qual se submetem, de mil maneiras, os povos latino-americanos. Morte lenta, mas real, causada pela pobreza gerada por estruturas injustas; morte rápida e violenta, por causa de repressões e guerras.
- b) Os povos crucificados tornam-se linguagem útil e necessária também em

⁴⁴ Cf. *Idibem.*, p. 16.

⁴⁵ Cf. SOBRINO, J. Aniquilação do outro. Memória das vítimas. Reflexão profético-utópica. *Concilium*, Petrópolis, n. 240, p. 20, 1992.

⁴⁶ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 16. Cf. MICHALET, C-A. *O que é mundialização?* Pequeno tratado para uso dos que ainda não sabem se devem ser a favor ou contra. São Paulo: Loyola, 2003. p. 180-189.

⁴⁷ Foi I. Ellacuría quem pela primeira vez cunhou a expressão “povos crucificados”. Cf. ELLACURÍA, I. El pueblo crucificado: ensayo de soteriología histórica. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 18, p. 305-333, 1989; Cf. ELLACURÍA, I. The crucified people. In SOBRINO, J.; ELLACURÍA, I. *Systematic Theology: Perspectives from liberation theology*. New York: Orbis Books, 1996. p. 257-278.

⁴⁸ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 85-86; Cf. SOBRINO, J. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé: à memória de Ignacio Ellacuría. *Concilium*, Petrópolis, n. 232, p. 118-119, 1990.

dimensão histórico-ética, porque “cruz” expressa um tipo de morte infligida de modo ativo. Morrer crucificado não significa simplesmente morrer, mas ser morto; significa que existem vítimas e opressores. Por mais que se queira edulcorar o fato, a verdade da existência da cruz dos povos latino-americanos se alicerça na apropriação do continente por diferentes dominadores: no passado, os espanhóis e portugueses; hoje, os EUA e seus aliados. Esses usam de exércitos ou de sistemas econômicos, políticos, culturais e religiosos, em convivência com os poderes locais.

c) Finalmente, os povos crucificados tornam-se linguagem útil e necessária em dimensão religiosa, porque “cruz” evoca pecado e graça, condenação e salvação, ação dos homens e ação de Deus.

A dramática imagem de “povo crucificado”⁴⁹ une os rostos desfigurados das vítimas do mundo com a fisionomia dolorosa do messias sofredor. “Povo crucificado” significa: o sinal dos tempos, o lugar de revelação e o Servo de Javé. Essa expressão serve de conteúdo para a metáfora messiânica “luz para as nações” (Is 42,6). Essas intuições de I. Ellacuría, adotadas por J. Sobrino, fundamentam a categoria “povo crucificado”.

1.2.1.1 Sinal dos tempos

J. Sobrino, baseado em palavras de I. Ellacuría⁵⁰, lembra que, antes de ser sinal dos tempos, o povo crucificado é realidade histórica. A expressão “povo crucificado” aponta para a vasta, mas específica, classe de pessoas que vivem na sombra da morte; uma esmagadora maioria no continente latino-americano⁵¹. Como consequência da atual ordem mundial, “surge a ‘subespécie’ dos não-existentes, os sobrantes, os excluídos”⁵².

A linguagem do “povo crucificado” desafia e desmascara os defensores da atual ordem mundial. I. Ellacuría enfatiza o caráter estrutural do pecado histórico, ao descrever o povo crucificado como “corpo coletivo” que constitui a maioria da humanidade. Esse “corpo coletivo” está numa condição de crucificação, devido à maneira

⁴⁹ Cunhada por I. Ellacuría, essa expressão denota a realidade histórica que funciona como sinal crucial dos tempos recentes. Cf. ELLACURÍA, *El pueblo*, p. 305-333; Cf. ELLACURÍA, *The crucified people*, p. 257-278.

⁵⁰ Cf. ELLACURÍA, I. Discernir “el signo” de los tiempos. *Diakonía*, Manágua, n. 17, p. 58, 1981; Cf. SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 20.

⁵¹ Cf. SOBRINO, J. *Onde está Deus?* Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 87-88.

⁵² SOBRINO, *A Fé em Jesus Cristo*, p. 13.

como a sociedade é organizada e mantida pela minoria que exerce o poder. Tomados esses fatores em conjunto e dado o impacto concreto na história, chega-se à estrutura do pecado histórico⁵³. Essa análise de sistemas globais em termos de pecado histórico dá nomes a crucificadores individuais e coletivos. Além disso, desvenda os mecanismos de tortura e execução escondidos nas realidades mundanas, tais como os programas de ajuste estrutural, regiões de livre comércio, medidas de segurança nacional e guerra ao terrorismo. Portanto, a expressão “povo crucificado” cobra uma prestação de contas por parte dos que lucram com a crucificação.

1.2.1.2 Lugar de revelação

O “povo crucificado” revela onde os cristãos experimentam Deus na história. Ele não apenas aponta, como sinal, para a realidade histórica, mas encarna o *lócus* onde o humano e o divino se entrecruzam, lugar revelatório exemplar⁵⁴.

A familiaridade com os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola levou I. Ellacuría a repensar a fé. Na meditação dos Exercícios, Santo Inácio instrui o exercitante a perguntar-se diante do Crucificado: “O que fiz por Cristo? O que faço por Cristo? E o que preciso fazer por Cristo?”⁵⁵. Baseado nessa experiência, I. Ellacuría recomenda aos leitores que abram os corações aos que padecem miséria, fome, opressão e repressão e, “diante deste povo assim crucificado”, se perguntem: “O que fiz para crucificá-lo? O que faço para acabar com a crucificação? O que necessito fazer para que este povo ressuscite?”⁵⁶.

A linguagem do povo crucificado, usada por I. Ellacuría, ilumina a realidade histórica e historiza a realidade a fim de revelar a contínua presença de Jesus Cristo na história. Jesus crucificado é identificado com o povo crucificado e o seguimento dele é proposto quando se trabalha para descer esse povo da cruz. Recupera-se o paradoxo central

⁵³ Cf. ELLACURÍA, I. El pueblo crucificado. In ELLACURÍA, I; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1994. v. 2, p. 202. Como esta obra tem o mesmo nome da anteriormente citada na nota 41, ela será identificada como El pueblo (ML).

⁵⁴ Cf. ELLACURÍA, I. Los pobres, lugar teológico en América Latina. *Misión Abierta*, Madrid, n. 4-5, p. 225-240, 1981.

⁵⁵ LOYOLA, I. de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 47 (exercício n. 53).

⁵⁶ Cf. ELLACURÍA, I. Las Iglesias latinoamericanas interpelan a la Iglesia de España. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 826, p. 230, 1982.

do evangelho: no próprio lugar da morte, Deus é revelado como Deus da vida⁵⁷.

1.2.1.3 Servo de Javé

Chamar as vítimas da história de “povo crucificado” significa enfrentar a realidade histórica escandalosa e, simultaneamente, redescobrir Deus no mundo. I. Ellacuría observa: “o que a fé cristã acrescenta à constatação histórica do povo oprimido é a suspeita de que, além de ser o destinatário principal da obra salvífica, ele será também, na própria situação crucificada, princípio de salvação para o mundo inteiro”⁵⁸. Para fundamentar essa percepção, I. Ellacuría recorre à lógica de sofrimento e salvação revelada nos cânticos do Servo Sofredor de Isaías e à identificação que o cristianismo faz desse Servo com Jesus⁵⁹.

O Servo Sofredor – vítima do pecado do mundo – torna-se o intermediário da salvação. A possibilidade de solidariedade redentora emerge da necessidade divina de misericórdia. Nas palavras lapidares de I. Ellacuría:

Somente num difícil ato de fé o autor dos cantos do Servo é capaz de descobrir justamente o oposto do que aparece aos olhos da história, precisamente porque vê alguém carregar os pecados que não cometeu. Também pelas conseqüências desses pecados, ele ousa – em virtude da própria injustiça da situação – atribuir a Deus tudo o que acontece. Deus não pode atribuir a este ato de absoluta injustiça histórica senão um valor plenamente salvífico. Deus faz essa atribuição porque o próprio Servo aceitou o destino de salvar os que causaram seus sofrimentos, ao carregar esses mesmos sofrimentos⁶⁰.

Como o Servo Sofredor, Jesus luta primeiramente contra o pecado antes de morrer por causa dele e radicaliza o vínculo salvação e sofrimento histórico. Ele não sofreu e morreu simplesmente. Foi torturado e morto pelos inimigos do Reino de Deus porque os desmascarou. Chegou a ser aniquilado por defender a justiça. Do mesmo modo, a ressurreição não revela apenas o poder de Deus sobre a morte, mas a vitória de Deus sobre a injustiça⁶¹. À luz da salvação transmitida por Jesus através de sua vida histórica, continua renovada e concretizada após a ressurreição uma história desfigurada por contínuas

⁵⁷ Esta idéia corresponde ao que E. Schillebeeckx chama de “experiência de contraste negativo”. Nas experiências de dor, toma-se consciência, de maneira negativa e dialética, de um desejo e uma busca de sentido e liberdade, de salvação e felicidade para o futuro. Cf. *Jesús: la historia de un viviente*. Madrid: Cristiandad, 1981. p. 583-586; Cf. *God the Future of Man*. New York: Sheed and Ward, 1968. p. 152-161.

⁵⁸ ELLACURÍA, El pueblo (ML), p. 202.

⁵⁹ Cf. ELLACURÍA, El pueblo, p. 321-327.

⁶⁰ Cf. ELLACURÍA, El pueblo (ML), p. 209-210.

⁶¹ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 72-73.

crucificações.

Surge a questão-chave para a soteriologia histórica: “Quem continua, na história, a função essencial, a missão salvífica que o Pai confiou ao Filho?”⁶². A resposta inclui o “povo crucificado” na interação de Jesus e do Servo Sofredor de Isaías. Como sinal de contradição, o “povo crucificado” chama as nações à conversão; revela o triunfo de Cristo, a ressurreição do Crucificado. Como Servo Sofredor, encarna a “esperança contra toda esperança” (Rm 4,18). Através da própria negatividade do sofrimento e da morte, o “povo crucificado” simboliza o Deus libertador⁶³.

No horizonte complexo da realidade salvadorenha, cheio de negatividades e dramas, ocorre o despertar teológico de J. Sobrino e da Igreja salvadorenha.

1.2.2 Perseguições ao povo salvadorenho no fim da década de setenta

El Salvador sofreu o maior massacre de camponeses latino-americanos em proporção à sua população. Em 1932, trinta mil camponeses foram assassinados a mando do ditador Maximiliano Hernández Martínez (1931-1944)⁶⁴. No final da década de 1970, o governo do general Molina tentou modificar as estruturas agrárias tradicionais em El Salvador. Essa experiência resultou para o governo em uma onda de repressão sistemática. Os camponeses organizaram para defender os direitos mais elementares, mas foram brutalmente reprimidos. Nessa situação de guerra, abandonaram seus povoados e se transformaram em verdadeiros nômades. Os ataques do governo com a aviação e tropas terrestres destruíram vidas, plantações, ranchos e exterminaram animais... Os pais se viram obrigados a carregar os filhos para refúgios em lugares inadequados para moradia, entre os pântanos.

A repressão pelas Forças Armadas salvadorenhas – corpos policiais, exércitos e

⁶² ELLACURÍA, El pueblo (ML), p. 189.

⁶³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 366-381.

⁶⁴ Cf. RICHARD, P.; MELENDEZ, G. *La Iglesia de los pobres en América Central: un análisis socio-político y teológico de la Iglesia Centroamericana (1960-1982)*. Costa Rica: DEI, 1982, p. 46. Em dezembro de 1931 foi deposto Arturo Araújo e instalado na presidência o general Maximiliano Hernández Martínez. No início de 1932, na região de Izalco, um levante de camponeses se propagou rapidamente por toda a região ocidental do país. As forças repressivas do governo, com o apoio dos guardas civis organizados pelos latifundiários e pela burguesia urbana, dizimaram brutalmente a rebelião. Esta massiva campanha de repressão teve um saldo de trinta mil camponeses mortos. Esse massacre representou um momento decisivo da história salvadorenha e a confirmação da aliança entre o grupo oligárquico e os militares.

organizações paramilitares, todo o complexo aparato repressivo de dominação⁶⁵ – durou por décadas. Vários camponeses foram entregues ao próprio destino. Decidiram assentar-se em qualquer lugar onde pudessem trabalhar e viver com dignidade. No entanto, a perseguição continuava, pois esses camponeses viviam em zonas conflituosas ou possuíam algum familiar na guerrilha⁶⁶.

Privilegia-se, nessa pesquisa, o período em que o bispo Romero exerceu o ministério na arquidiocese de San Salvador (1977-1980). Conforme o testemunho de J. Sobrino, esse período – sem deixar de reconhecer outros – acirrou a perseguição à Igreja e abriu portas para novo despertar teológico⁶⁷.

Em fevereiro de 1977, chegaram a El Salvador três figuras que simbolizavam as principais forças do país:

- a) O general Romero, que fora ministro da defesa e da segurança pública de 1972 a 1976 e representava os mais reacionários, o exército e a oligarquia.
- b) O bispo Romero, eclesiástico da linha conservadora. Como secretário da Conferência Episcopal de El Salvador impedira a aplicação dos resultados da Conferência de Medellín na Igreja salvadorenha. Assumiu a liderança da arquidiocese de San Salvador, no lugar do monsenhor Luis Chávez y González, que se mostrava aberto a Medellín.
- c) As Ligas Populares de 28 de fevereiro, que seguiam as pegadas de outras organizações populares já florescentes, símbolo da coragem e determinação do povo salvadorenho⁶⁸.

Entre 21 de fevereiro e 12 de março de 1977 intensificou-se a perseguição contra o povo e a comunidade cristã em El Salvador. Prisões, torturas, arrombamentos, expulsões marcaram esse período. Em 12 de março, o jesuíta padre Rutílio Grande e dois companheiros foram assassinados pela oligarquia salvadorenha e pelos servidores armados no caminho de Aguilares. Padre Grande era uma figura-chave de renovação apostólica na arquidiocese. Foi o pioneiro da Igreja salvadorenha na recepção do Concílio Vaticano II e

⁶⁵ Cf. SOL, R. *Para entender El Salvador*. Costa Rica: DEI, 1980. p. 35-52.

⁶⁶ Cf. SOBRINO, J. Vivir en tiempo de guerra. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 75, p. 157-163, 1987. J. Sobrino conta a reconstrução de um grupo de famílias que retorna ao povoado de Las Vueltas alguns meses depois da destruição feita pela invasão militar no final da década de 70.

⁶⁷ Cf. SOBRINO, J. Mi recuerdo de Monseñor Romero. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 16, p. 21-26, 1989.

⁶⁸ Cf. CARDENAL, R.; MARTÍN-BARÓ, I.; SOBRINO, J. *Voz dos sem voz: a palavra profética de D. Oscar Romero*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 11-12.

de Medellín.

Diante do assassinato do padre Grande e de dois companheiros, o arcebispo Romero fez a defesa dos camponeses, convertendo-se em voz dos sem-voz. J. Sobrino declara que foi os sofrimentos dos pobres que sacudiu o arcebispo. Os pobres exigiam dele conversão e lhe ofereciam luz e esperança.

O arcebispo Romero se empenhou nessa mudança. Explicou ao povo o sentido da Igreja, as denúncias proféticas, a defesa dos pobres, a repressão ao povo, a perseguição à Igreja... Exigiu do governo a investigação dos assassinatos e prometeu à sua gente que a Igreja estaria em defesa da justiça. Rompeu publicamente sua participação nos atos oficiais do governo, enquanto não se esclarecessem os crimes e cessasse a repressão⁶⁹. Nessa atitude do arcebispo Romero, J. Sobrino encontrou um válido motivo para sua atividade teológica⁷⁰.

Os assassinatos do Padre Grande e de outros cristãos impressionaram até o âmago a sensibilidade do arcebispo Romero. Assim, pouco a pouco, a voz do arcebispo se erguia para denunciar a injustiça pecaminosa que provocava a morte do povo salvadorenho. Transformou sua voz no clamor pelo sangue do povo massacrado. Ele mesmo se fez clamor pela justiça e dignidade do povo pisoteado, o que o levou a uma fé viva e integrada⁷¹.

Em julho de 1977, o general Romero assumiu o poder em El Salvador. Com ele, consagra-se um programa político repressivo, que abandonava as intenções reformistas e entregava o país aos interesses financeiros agrícolas e exportadores reacionários. O café, principal fonte de economia salvadorenha, alcançou os preços mais elevados, mesmo no mercado internacional.

A repressão ao povo provocada pelo colapso do programa de reforma agrária e, principalmente, a hipocrisia que decorreu das eleições fraudulentas que deram posse ao general Romero como presidente, constituíram as características mais importantes da vida em El Salvador durante a primeira metade de 1977⁷². Três grandes massacres atingiram o povo salvadorenho nesse período, além de outros assassinatos, como o do padre Alfonso

⁶⁹ Cf. SOBRINO, Mi recuerdo, p. 13-14.

⁷⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 25.

⁷¹ Cf. HERNÁNDEZ-PICO, J. *Un cristianismo vivo: reflexões teológicas desde Centroamérica*. Salamanca: Sígueme, 1987. p. 102-103.

⁷² Todavia, já em 1972, constatou-se fraude no processo eleitoral em El Salvador. Os jornais internacionais, especialmente o *Le Monde* (francês), denunciaram a manobra cínica do governo. Este expôs a necessidade de recontar os votos, já que a primeira contagem não lhe havia sido favorável. Cf. SOL, op. cit., p. 49-50.

Navarro⁷³:

- a) o massacre dos partidários da coalizão opositoristas de 28 de fevereiro;
- b) o massacre dos trabalhadores no Parque Cuscatlán de San Salvador em 1º de maio;
- c) a operação militar contra a população de Aguilares, que acarretou a morte e o desaparecimento de inúmeras pessoas.

Esses fatos provocaram sério conflito, resultando numa ferrenha perseguição à Igreja⁷⁴. No dia 25 de novembro de 1977, foi promulgada a “Lei de defesa e garantia da ordem pública”. Sob a camuflagem de princípios democráticos, a Lei autorizava o governo a eliminar qualquer pessoa ou grupos que considerasse perturbador⁷⁵.

Desde então, a casa do arcebispo Romero se transformara em abrigo e esperança para os oprimidos. O fluxo constante dessas vítimas angustiadas tornara-se a fonte de inspiração para os anúncios proféticos do arcebispo. Ele via em tais pessoas o semblante vivo de Jesus, novamente crucificado. As palavras do arcebispo estimulavam as vítimas a prosseguirem como imperturbáveis defensoras da vida e da justiça que os poderosos dos setores econômico, político e militar se encarregavam de pisotear⁷⁶.

No ano de 1978, 1.063 pessoas foram presas e violentadas; 147 foram assassinadas, entre as quais, o padre Ernesto Barrera; 23 desapareceram por motivos políticos⁷⁷. Nesse contexto de repressão e opressão, as reflexões pastorais da Igreja institucional salvadorenha divergiam em relação às organizações populares⁷⁸.

Nos primeiros nove meses de 1979, as forças de segurança salvadorenhas prenderam ilegalmente, em média, três pessoas a cada dois dias e assassinaram outras quatro⁷⁹. Nesse período, muitos do clero católico – Otávio Cruz, Rafael Palácios, Alírio Napoleón Macías – continuavam a ser vítimas de sangue ao lado do povo.

⁷³ Cf. CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 14-15.

⁷⁴ Em 1977, o Secretariado Social Interdiocesano esclareceu ao povo cristão o sentido da perseguição à Igreja: “Perseguição à Igreja é, portanto, atacar de forma institucionalizada e permanente os meios que tem a Igreja, pessoas e instituições, de anunciar e realizar o Reino de Deus, de denunciar o pecado que nega esse Reino e de atacar os destinatários dessa missão, em concreto a maioria do povo salvadorenho católico, que vive em situações de extrema miséria, causada pela injustiça estrutural e permanente, que é a negação do Reino de Deus”. RICHARD; MELENDEZ, op. cit., p. 89.

⁷⁵ Cf. CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 17.

⁷⁶ Cf. Idem., p. 18.

⁷⁷ Cf. Secretaría de Comunicación Social del Arzobispado de San Salvador (SCSASS). Informe sobre la represión en El Salvador. *Boletín Informativo*, n. 10 (12 de dezembro de 1979).

⁷⁸ Cf. *Editorial*. División y conflicto en el episcopado salvadoreño. *Estudios Centroamericanos*, San Salvador, n. 359, p. 687-689, 1978.

⁷⁹ Cf. SCSASS, Informe 10.

A crise institucional, política e econômica chegou a dimensões insuportáveis. Intensificaram-se as reivindicações da população operária em busca de seus direitos. A ação repressora já não conseguia conter a oposição, principalmente contra os grupos políticos e militares. Assaltos e seqüestros, ocupações de edifícios, confrontos e combates nas ruas tornaram-se rotineiras. El Salvador deslizou rapidamente para a desintegração social.

O triunfo sandinista na Nicarágua contra a ditadura do presidente Somoza atraiu a atenção do exército salvadorenho. Apesar dos esforços do general Romero para redimensionar e reorientar os rumos do governo e das Forças Armadas do país, ele foi deposto em 15 de outubro de 1979, num incruento golpe militar. Um grupo de oficiais jovens, com tendências democráticas e reformistas, apoiado pelos EUA, liderou o golpe. Desejava-se romper com o passado corrupto e com o servilismo em face dos interesses do capital. Iniciava-se, portanto, nova época com reformas políticas e econômicas⁸⁰.

Entretanto, depois do golpe militar, a repressão atingiu dimensões maiores e causando tantas mortes, ao ponto de recordar o genocídio de 1932⁸¹. O governo se mostrava incapaz de concretizar as exigências propostas pelos jovens oficiais. Em contrapartida, crescia a unidade das forças revolucionárias populares. Na segunda quinzena de janeiro de 1980, as organizações populares formaram a CRM (Coordenadoria Revolucionária de Massas). Os grupos políticos e militares criaram uma frente unida semelhante. Essa unidade do povo evidenciou-se em 22 de janeiro de 1980, por ocasião de gigantesca manifestação, a maior de toda a história de El Salvador. A manifestação foi adiante, apesar de as forças de segurança tentar impedir que os não-residentes da capital entrassem na cidade. Os soldados atiraram nos manifestantes, deixando um saldo de quarenta mortos e centenas de feridos⁸².

As estatísticas dos assassinatos nos governos de Molina (1972-1977) e de Romero (1977-1979), embora fossem elevadas, de repente pareciam mínimas se comparadas às novas⁸³. As forças de segurança, com o apoio do governo e dos EUA, desencadearam uma organizada campanha de repressão e de terror: 265 pessoas mortas em

⁸⁰ Cf. La insurrección militar del 15 de octubre. *Estudios Centroamericanos*, San Salvador, n. 373, p. 741-744, 1979; Cf. SOL, op. cit., p. 79.

⁸¹ Cf. RICHARD; MELENDEZ, op. cit., p. 46.

⁸² Cf. ESCOBAR, F. A. En la línea de la muerte – la manifestación del 22 de enero de 1980. *Estudios Centroamericanos*, San Salvador, n. 377-378, p. 375-376, 1980.

⁸³ Cf. SOL, op. cit., p. 80.

janeiro de 1980 pelas forças de segurança; 236 em fevereiro e 514 em março⁸⁴.

Por causa da trágica realidade salvadorenha, o arcebispo escreveu uma carta ao presidente dos EUA, Jimmy Carter⁸⁵, enfatizando o valor dos direitos humanos e sensibilizando o presidente norte-americano a não enviar ajuda militar para El Salvador⁸⁶.

A repressão provocava sofrimento, e simultaneamente, esperança no arcebispo Romero. A partir dos pobres, ele descobriu que Deus pertence aos crucificados, defende-os e liberta-os. Entre os pobres descobriu que Deus é o Deus dos empobrecidos⁸⁷.

Na homilia de 23 de março de 1980 o arcebispo Romero denuncia fortemente a violência repressora. Instou as tropas e os guardas nacionais a não obedecerem às ordens dos oficiais de matar os irmãos, e sim a obedecerem à Lei de Deus: “Em nome de Deus, portanto, e em nome desse povo sofredor, cujos clamores sobem a cada dia em tom mais alto aos céus, peço-lhes, suplico-lhes, ordeno-lhes em nome de Deus: cessem a repressão!”⁸⁸.

No dia seguinte – 24 de março de 1980 – o arcebispo Romero foi vítima da repressão quando celebrava no altar. A morte do arcebispo causou tristeza e desconcerto. No enterro, em 30 de março de 1980, pessoas morreram asfixiadas ou baleadas. Enterrou-se o arcebispo às pressas e em meio aos feridos e mortos, assim como vivera, no meio do povo oprimido e pisoteado, cuja causa ele assumira como própria e a cujas aspirações ele dera voz⁸⁹.

Entre os anos de 1977 e 1980, seis sacerdotes salvadorenhos foram assassinados antes do arcebispo Romero. Depois dele, três religiosas, uma missionária leiga norte-americana e toda a comunidade de jesuítas da UCA, além de duas leigas, empregadas domésticas da comunidade, que também foram martirizadas⁹⁰.

Nas décadas de 1970 até 1990, mais de quarenta mil homens e mulheres do

⁸⁴ Cf. CDH de El Salvador, Reporte estadístico. *Orientación*, San Salvador, 11 de maio de 1980, p. 4.

⁸⁵ Cf. CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 276-278. O arcebispo Romero escreveu, principalmente, quatro cartas pastorais à Igreja de San Salvador: a) A Igreja Pascal; b) A Igreja, corpo de Cristo na história; c) A Igreja e as organizações políticas populares; d) A missão da Igreja em meio à crise nacional.

⁸⁶ Cf. BERRYMAN, P. *Stubborn Hope: Religion, Politics, and revolution in Central America*. New York: Orbis Books, 1994, p. 64.

⁸⁷ Cf. SOBRINO, Mi recuerdo, p. 15.

⁸⁸ CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 32; SOBRINO, Mi recuerdo, p. 32-33; BERRYMAN, op. cit., p. 64-65.

⁸⁹ Cf. CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 33.

⁹⁰ Cf. SOBRINO, J. *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*. Depoimento de Jon Sobrino. São Paulo: Loyola, 1990. p. 6-8; Cf. SOBRINO, J. El asesinato-martirio de los jesuítas salvadoreños. ¿Quiénes eran y por qué los mataron? *Sal Terrae*, Barcelona, n. 12, p. 853-874, 1989.

povo foram assassinados ou caíram ao lutar por justiça na realidade salvadorenha. Para construir o Reino e a justiça anunciados por Jesus, várias pessoas combateram firmemente o anti-reino. Uma “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1) – multidão de animadores sociais, catequistas, sindicalistas, trabalhadores do campo, jovens, pais e mães de família – foi sacrificada na guerra cruel, que contou com o apoio da administração estadunidense, de diversas formas, a sucessivos governos representantes das oligarquias cruéis e sangrentas da América Latina⁹¹.

1.2.3 Panorama da realidade atual da América Latina e salvadorenha

A pobreza e a desigualdade social aumentam drasticamente na América Latina.

De 1980 a 2006 o número de pobres aumentou em setenta milhões na América Latina. Naquele ano de 1980 constatava-se que 40% da população vivia abaixo da linha de pobreza e, em 2006, a mesma percentagem persistia. A América Latina tem 205 milhões de pessoas pobres, mais do que os 135 milhões de 1980. Além disso, 85% dos pobres da região vive nos países com renda per capita, em termos de poder de compra, superior a cinco mil dólares, como México e Brasil⁹².

Grave problema é a desigualdade econômica. Na América Latina “há vários mundos”: padrões de vida similares aos da Europa e outros que se parecem com a África Subsaariana, como é o caso de Metlatónoc, no sul do México⁹³.

A realidade da América Latina e do Caribe torna-se preocupante. Situam-se na região de maior desigualdade do mundo, contando atualmente com 563 milhões de habitantes. Desses, aproximadamente, 551 vivem na América Latina, dos quais cerca de 213 milhões consideram-se pobres – não há cifras disponíveis sobre a pobreza no Caribe – e 89 milhões sobrevivem abaixo da linha da pobreza⁹⁴.

J. Sobrino observa que o mundo atual conta com meios para mostrar a verdade

⁸⁵ Cf. SOBRINO, Mi recuerdo, p. 42-44.

⁹² <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI1397454-EI8140,00.html>, acessado no dia 10/07/2008.

⁹³ A crise econômica e os ajustes estruturais arrastaram para a pobreza contingentes das camadas médias. Com o “império neoliberal”, esses novos pobres não são um problema exclusivo do Terceiro Mundo. Segundo o relatório 1991 do PNUD, mais de 100 milhões de habitantes dos países industrializados vivem abaixo da linha de pobreza. Essa cifra passa dos 200 milhões quando se inclui a Rússia e a Europa Oriental. Cf. VIGIL, J. M. Seguir a Jesus sob o império neoliberal na América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 227, p. 538, 1997.

⁹⁴ O Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE) fornece os dados das estimativas demográficas: *Boletim Demográfico: América Latina. Proyecciones de población urbana y rural, 1970-2005*. Ano XXXVIII, n. 76, Santiago: Chile, CELADE, 2005. A Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) disponibiliza os dados das estimativas de pobreza: *Panorama social da América Latina*. Santiago: Chile, 2005. Cf. www.oitbrasil.org.br/info/downloadfile.php?fileId=187, acessado no dia 10/07/2008.

do sofrimento das vítimas e fazer com que ela interpele: reportagens jornalísticas, televisivas, internet... Entretanto, esses meios encobrem e neutralizam a interpelação sem sentimento de culpa: a indústria do entretenimento, esporte, música... A conclusão é que a verdade fica dissimulada ou anulada, e a realidade, encoberta. A honradez para com a realidade exige e interpela no nível do saber, do esperar, do fazer e do celebrar⁹⁵. Não há igualdade diante das necessidades básicas da vida e nem em termos de demonstrações de dignidade, de apreço, de consideração, de decisão... O abismo entre ricos e pobres cresce rapidamente: segundo o PNUD: 1 a 30 em 1960, 1 a 60 em 1990, 1 a 74 em 1997⁹⁶.

O projeto de modernização capitalista neoliberal impulsionado pelos EUA promete serviços, bens, democracia e outros. No entanto, vê-se hoje: mais privatização, internacionalização do solo e do subsolo, e mais dependência do Estado. O Estado latino-americano mostra-se superendividado interna e externamente. A dívida interna torna-se o principal instrumento de acumulação capitalista na América Latina e de relação parasitária do empresariado com o Estado⁹⁷.

Na América Central, a crença na economia exportadora leva os pequenos países periféricos a apostarem todas as fichas na assinatura de tratados de livre comércio com os EUA (CAFTA-DR). O cenário se consolida em grande área submetida à indústria maquiladora⁹⁸, que não tem futuro quando comparada com a capacidade dos chineses em atrair o investimento estrangeiro direto e roubar a indústria maquiladora, especialmente em busca de melhores condições de valorização⁹⁹. Outros aspectos como exportação, entrega do território, incapacidade de controlar e de explorar a biodiversidade como riqueza estratégica e a crescente expulsão de força de trabalho completam o quadro de aprofundamento da dependência na América Central.

Para reavivar a constatação de que o mundo continua injusto, desumano e

⁹⁵ Cf. SOBRINO, Onde está Deus?, p. 63-84.

⁹⁶ Cf. Idem., p. 94-98.

⁹⁷ Cf. http://www.ola.cse.ufsc.br/analise/20070312_nildo.htm, acessado no dia 11/07/2008.

⁹⁸ A indústria maquiladora se instalou no Norte da República Mexicana em meados dos anos 60. O conceito de indústria maquiladora se situa numa malha de relações cada vez mais complexas em que se apóia a produção de bens e serviços dos países industrializados. Sua trajetória está vinculada com as tendências na divisão internacional do trabalho. Consequentemente, isso reflete em mudanças na organização das empresas, empurradas pelo crescimento do comércio mundial e a intensificação da competição entre países (CEPAL). http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/actemp/papers/1998/maquila/capi-1.htm#C1_1, acessado no dia 25/07/2008.

⁹⁹ Cf. SOBRINO, Onde está Deus?, p. 69-85.

cruel, J. Sobrino pensa nos mártires de El Salvador¹⁰⁰. O sistema produz violência e provoca a morte de milhões de seres humanos. E a globalização¹⁰¹ – mesmo com o potencial positivo – contribui para o agravamento dessa situação, aumentando o número dos pobres, oprimidos, e vítimas aos milhões. A globalização não consegue ocultar que, por trás dos conflitos étnicos, engendram-se gravíssimas injustiças contra os grupos minoritários e as etnias indefesas.

A realidade salvadorenha demonstra desafios: altos índices de pobreza, catástrofes, violência civil, economia informal como sustento da maioria da população e o fenômeno migratório que não se detém e que provoca mudanças sociais sem precedentes. Oficialmente, a metade da população salvadorenha vive na pobreza grave ou extrema¹⁰².

Após dezesseis anos da afirmação dos Acordos de Paz¹⁰³, as conseqüências do conflito seguem presentes. A violência social tem alcançado magnitudes incomensuráveis e o sofrimento do cidadão se solidifica cada vez mais nessa terra onde pouco se valoriza a vida humana¹⁰⁴. Por outro lado, o pós-guerra vem edificar as bases para a nova sociedade, apesar de a cicatriz da guerra ainda permanecer na memória coletiva.

O que se passa em El Salvador merece atenção especial. O político fantoche, Elías Antonio Saca González (2004-2009), ocupa a Presidência e o dólar faz a vez de moeda nacional. O Partido da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), herdeiro das mais heróicas guerrilhas do continente, a maior força política do país, mantém a unidade e governa hoje a capital e as principais cidades. A intensa luta de classes, também em El Salvador, desmente a teorização dos que a consideravam superada.

O Partido da FMLN demonstra, entretanto, no combate, consciência das

¹⁰⁰ Cf. SOBRINO, El asesinato-martirio de los jesuítas salvadoreños, p. 853-874, 1989; Cf. SOBRINO, Os seis jesuítas, 1990. p. 5-70; Cf. SOBRINO, J. *Oscar Romero: profeta e mártir da libertação*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 20-37; Cf. SOBRINO, J. Los mártires y la teología de la liberación. *Sal Terrae*, Santander, n. 983, p. 699-715, 1995; Cf. SOBRINO, J. Los mártires latinoamericanos. Interpelación y gracia para la Iglesia. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 48, p. 307-330, 1999.

¹⁰¹ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 78-80; Cf. DE SEBASTIÁN, L. Europa: globalização e pobreza. *Concilium*, Petrópolis, n. 293, p. 62, 2001.

¹⁰² Cf. SOBRINO, Onde está Deus?, p. 30.

¹⁰³ Cf. BERRYMAN, op. cit., p. 98-106: As Forças Armadas, o governo, a FMLN, a embaixada dos EUA, a CVI, a CDH e numerosos líderes religiosos comunitários e pastorais, depois de inúmeras tentativas de reconciliação e paz, de responsabilizar os culpados pelos assassinatos, torturas e violências chegaram ao Acordo de Paz. Celebrou-se oficialmente o fim da guerra em 15 de janeiro de 1992 pelas ruas de San Salvador. Drapejou-se o *banner* de Farabundo Martí em frente à catedral para simbolizar que o conflito não significava derramamento de sangue.

¹⁰⁴ J. Sobrino observa que noutros lugares persiste a morte por guerras, barbárie e terrorismo. Em El Salvador continuam as mortes pela violência. Cada dia há dez homicídios. Assim, a morte se faz presente na vida da maioria do povo salvadorenho. Cf. Fora dos pobres não há salvação, p. 164, nota 6.

limitações que lhe são impostas pela luta travada no quadro institucional. Aproveita todas as oportunidades que o sistema lhe abre. Dos êxitos eleitorais alcançados – alguns retumbantes – não tira a conclusão de que lhe abrem o caminho para a tomada do poder. A estratégia de dominação dos EUA na América Central, hoje autêntico quintal do imperialismo, não permitiria no atual contexto histórico que o partido como a FMLN pudesse exercer o poder real, mesmo que, através de eleições viesse a conquistar a presidência. Se dependesse da lucidez com que a FMLN analisa a conjuntura política e social do país, seria levada a desistir de seu ideal revolucionário. Porém conserva-se totalmente fiel a ele¹⁰⁵.

A cultura atual de El Salvador, como na América Latina, se caracteriza pelo acentuado pluralismo. Eis algumas características da modernidade: concepção dinâmica, histórica e evolutiva do ser humano e da história; visão antropocêntrica marcada por forte racionalismo; dessacralização da natureza, forte subjetivismo individualista, dualismo antropológico; processo de secularização; perspectiva mecanicista do ser humano e da realidade; enfim, o futuro melhor para todos, visto na imanência da história¹⁰⁶.

Como reação às acentuações próprias da modernidade, constata-se o influxo crescente da sensibilidade pós-moderna, com noção pessimista e diminuída do ser humano: compreensão crítica do racionalismo e do mecanicismo modernos; valorização do simbolismo e do mundo da afetividade; desconfiança dos compromissos sociais e políticos bem como das instituições. A pós-modernidade prioriza a procura de satisfações imediatas, o utilitarismo e o consumismo. E ainda, vive-se num acentuado subjetivismo individualista e narcísico...¹⁰⁷

O neoliberalismo econômico alicerçado na tecnologia da informação desenvolve a economia informacional e global. Projeta a Sociedade em Rede¹⁰⁸. O mercado organiza leis e normas próprias. Quem desobedece a essas leis permanece excluído da economia globalizada. Considera-se o desemprego estrutural como normal. Arrisca-se na competitividade desenfreada. Culpam-se os excluídos e valoriza-se o ser

¹⁰⁵ Cf. <http://resistir.info/mur/firenze.html>, acessado no dia 02/08/2008.

¹⁰⁶ Cf. PARRA CARRASCO, F. O. *Modernidad, utopía e historia en América Latina*. Santiago: San Pablo, 1995. p. 17-54.

¹⁰⁷ Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Ideas y creencias del hombre actual*. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1991. p. 153-178; Cf. MARDONES, J. M. *Postmodernidad y cristianismo: el desafío del fragmento*. Santander: Sal Terrae, 1988. p. 17-57.

¹⁰⁸ Cf. CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1, p. 21-47.

humano por aquilo que consome no mercado mundial. Quem não consome faz parte da massa descartável. O enraizamento local tende a ser suplantado pelo espaço de fluxos e o tempo cronológico pelo tempo virtual. Desenvolve-se a cultura internacional que desvaloriza as expressões culturais nacionais e regionais¹⁰⁹.

Ao repensar a fé cristã à luz da realidade salvadorenha e a partir do evento Jesus de Nazaré, surgem interrogações: Que dialética se desdobra no aprendizado que consiste em ver Deus a partir do mundo de vítimas, e em ver o mundo de vítimas a partir de Deus? Em que Deus se crê? E em que ídolo não se crê?¹¹⁰ Quais são as situações de dor e de sofrimento dos pobres que questionam a fé cristã?

1.2.4 Equiparação da realidade salvadorenha com a latino-americana

Morrer crucificado não consiste em simplesmente morrer, mas em ser morto, no contexto latino-americano. Para J. Sobrino, sobreviver constitui a maior dificuldade e a morte lenta o destino mais próximo¹¹¹. Como compagnar o senhorio de Cristo e a miséria nesse mundo?¹¹² Essa perspectiva abre horizontes para a leitura dos textos cristológicos e o conhecimento melhor de Jesus Cristo?¹¹³ Como o teólogo salvadorenho – e a Igreja latino-americana – vê a situação dos pobres na América Latina? Que significa trabalhar pela justiça em nome do amor para com a maioria injustamente oprimida? Como colocar a serviço da justiça a capacidade humana, intelectual, religiosa, científica, tecnológica...?¹¹⁴

Responde-se a essas perguntas a partir da análise da situação desumana dos pobres latino-americano na visão de alguns teólogos e da Igreja latino-americana, destacando a concepção de J. Sobrino com relação às vítimas deste mundo.

1.2.4.1 Faces de dor e de sofrimento dos pobres na América Latina

Os pobres ocupam lugar privilegiado na teologia latino-americana. Revelam, no mundo, o rosto de Deus desfigurado pela opressão, marginalização e injustiça social.

¹⁰⁹ Cf. *Idem.*, p. 457-496.

¹¹⁰ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 24.

¹¹¹ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 13.

¹¹² Cf. *Idem.*, p. 18.

¹¹³ Cf. *Ibidem.*, p. 18-19.

¹¹⁴ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 25-27.

Desafiam o cristão a reagir, clamam por justiça e por vida humana mais digna.

No contexto latino-americano convivem situações de injustiças que afetam a imensa maioria do povo. As elites detêm o poder, o saber e o ter, e confiscam para si os destinos de povos inteiros, impondo seus interesses e mantendo seus privilégios com todas as armas disponíveis. Os pobres se situam em condição desumana de sobrevivência, clamando por dignidade, por direitos fundamentais, por relações igualitárias na sociedade e por mecanismos de participação mais efetivos. Esse clamor eleva-se até o coração de Deus¹¹⁵.

A pobreza como carência de meios para produzir e reproduzir a vida com o mínimo de dignidade humana torna-se, inegavelmente, a chaga mais dolorosa da história humana. Os pobres, sem os meios necessários para a sobrevivência, não são produto do acaso, mas sim gerados por estruturas econômicas, sociais e políticas injustas (cf. Puebla, 30; 509; 1.160; 1.264). O pobre nasce inserido num sistema social no qual, estrutural e historicamente, foi-lhe tirada a capacidade de vestir-se, alimentar-se e desenvolver-se fisiológica, psicológica e intelectualmente¹¹⁶. As linhagens ameríndias e africanas empobreceram quando foram colonizadas pelo capitalismo mercantilista, industrial, imperialista e cibernético atômico¹¹⁷.

No atual contexto histórico de economia livre de mercado, os pobres não contam nem como mão-de-obra nem como consumidores: são os excluídos, os sobrantes, os descartáveis. As causas da exclusão são econômicas e sociais, de gênero (mulheres), de raça ou cor (índios, afro-americanos), de geração (crianças, jovens, idosos) ou por outras razões (incapacidades, homossexualidade). A exclusão social e a destruição da natureza corroboram como brechas profundas do atual sistema de economia global de mercado. Torna-se cada dia mais profunda a fenda entre incluídos e excluídos, vinculados e desvinculados¹¹⁸.

Os pobres são definidos em relação, pois não existem ricos e pobres em si mesmos. Num sentido econômico, pobre se contrapõe a rico; num sentido político, pobre se opõe a poderoso; num sentido cultural, pobre se distingue do letrado. Os opressores

¹¹⁵ Cf. Documento de Puebla, 27-70.

¹¹⁶ Cf. FENGER, A. L. Pobreza. In EICHER, P. (org.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 708.

¹¹⁷ Cf. Idem.

¹¹⁸ Cf. RICHARD, P. A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 342, p. 203-204, 2001.

forçam a pobreza por mecanismos econômicos sociais de exploração que violam a justiça¹¹⁹. Pesa sobre os pobres violenta cultura de dominação que se sobrepõe às culturas locais. Em quase todos os países latino-americanos morrem prematuramente milhares de seres humanos¹²⁰.

A pobreza desumaniza ricos e pobres. Aos pobres traz toda sorte de carências, desestrutura a vida emotiva, as relações com os outros. Impede a vocação essencial do ser humano de desenvolver-se e expandir capacidade para além do instinto da sobrevivência. Leva-os à violência contra os mantenedores da miséria. Aos ricos desumaniza, ao considerar os pobres incapazes, sobrantes da sociedade¹²¹.

Aos pobres faltam as pré-condições para a vida humana digna. Reduz-se a vida à situação de fome e exploração, de atenção insuficiente à saúde e moradia, de acesso difícil à educação, de baixo salário e desemprego, de lutas pelos próprios direitos e de repressão. Por outro lado, os pobres latino-americanos interpelam a Igreja a se converter (cf. Puebla, 1.147) e, na fé, expressam a exigência de formas de convivência humana digna e livre (cf. Puebla, 1.154)¹²².

1.2.4.2 A Igreja latino-americana ante a realidade dos pobres

Fala-se do destino comum da humanidade e das relações entre os povos. A sociedade ignora o fato fundamental e antagônico da divisão entre os que têm e os que não têm. Com isso, aumenta a divisão e o antagonismo entre os opressores e as vítimas¹²³.

Os bispos latino-americanos assumem a dor e o sofrimento das vítimas da história. Lembram que “existem muitos estudos sobre a situação do ser humano latino-americano. Neles se descreve a miséria que marginaliza grandes grupos humanos em nossos povos. Essa miséria, como fato coletivo, se qualifica de injustiça que clama aos

¹¹⁹ Cf. BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 19-24.

¹²⁰ Cf. BOFF, L. *Nova Evangelização*. Perspectiva dos oprimidos. Fortaleza: Vozes, 1990. p. 63.

¹²¹ L. Boff comenta que as classes dominantes consideram os pobres desqualificados socialmente, evitam-lhes o contato físico, passam ao largo, insensíveis às suas misérias. Os governos dos países latino-americanos, controlados pelas classes dominantes, brutalizadas em seus sentimentos de humanidade, desconsideram, em seus planejamentos econômicos, culturais, urbanos, sanitários, os pobres que constituem a maioria desses países. Além disso, qualquer organização e movimento de pobres são logo controlados e reprimidos com brutal violência. Tal situação gera mal-estar e apavora a sociedade: os pobres pelas contínuas ameaças que sofrem, os ricos com medo da revolta vindicativa dos pobres. Cf. BOFF, L. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 68-69.

¹²² Cf. FENGER, op. cit., p. 705.

¹²³ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 22.

céus” (Medellín, Justiça 1). Puebla recorda: “o mais devastador e humilhante flagelo [é] a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos...” (n. 29). Os rostos dos “filhos e filhas de Deus” são crianças machucadas pela pobreza, jovens frustrados em situações infra-humanas, camponeses explorados, operários mal remunerados, desempregados... (cf. Puebla, 32-39). E Santo Domingo, em 1992, amplia esses rostos, como sinal de que a família humana não avança, mas retrocede. J. Sobrino compreende o texto de Santo Domingo próximo à realidade salvadorenha¹²⁴.

Rostos desfigurados pela fome, conseqüência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente (Santo Domingo, 178).

Assim como Medellín, Puebla e Santo Domingo, Aparecida, em 2007, segue a tradição da Igreja e destaca os rostos sofredores na América Latina (cf. Aparecida, 407-430). Na Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, João Paulo II fala das “estruturas de pecado”, que levam à ditadura econômica e ao imperialismo internacional do dinheiro¹²⁵. Esses documentos eclesiais denunciam a injustiça que causa o abismo entre pobres e ricos, oprimidos e opressores.

A Igreja reconhece nos injustiçados as “feições sofredoras de Cristo” (Puebla, 31) e a atitude de misericórdia prevalece sobre o sacrifício (cf. Os 6,6; Mt 9,13). Essa misericórdia, diz Gregório de Nazianzeno, “queremos conquistá-la por intermédio dos pobres e daqueles que ora se acham pisados ao chão”¹²⁶.

Com a recepção do Concílio Vaticano II pelas Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, a Igreja latino-americana voltou-se para o mundo dos pobres¹²⁷. Solidariza-se com os sem-voz e sem-vez. Sofre na própria carne a paixão dolorosa do povo e assume o compromisso profético de colocar-se a serviço do povo crucificado. Reconhece a situação desumana em que vivem os pobres e sente-se desafiada a responder com

¹²⁴ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 288.

¹²⁵ Cf. SRS, n. 37; J. Sobrino cita João Paulo II quando fala de estruturas, algumas com alcance internacional, das quais diz que reproduzem, hoje, a parábola do rico avarento e o pobre Lázaro; recorda o discurso do papa no dia 17/09/1985, em Edmonton, Canadá: “No dia do juízo, os povos do Sul julgarão os do Norte”. Revista Missões On-line: www.revistamissoes.org.br/quadro2.php?url=edicoes/05_2001/eucaristia.php, acessado no dia 15/08/2008.

¹²⁶ MIGNE, J. P. *Patrologiae graeca*: Sanctus Gregorius Nazianzenus. Parisiis: Bibliothecae Cleri Universa, 1862. v. 37, p. 909.

¹²⁷ Cf. SOBRINO, J. La Iglesia de los pobres, concreción latinoamericana del Vaticano II. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 5, p. 124-140, 1985.

audácia, ousadia e urgência a essa realidade anti-evangélica.

Essa realidade sofrida levou os teólogos e a Igreja a uma reflexão teológica sobre a pobreza¹²⁸. A partir da Escritura, repensou-se o significado do termo pobre e a concreção do Reino de Deus em favor deles. Medellín interpreta: “Cristo Salvador não só amou os pobres, senão que ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, centralizou a missão no anúncio aos pobres em vista da libertação e fundou a Igreja como sinal desta pobreza entre os homens” (Medellín, Pobreza na Igreja 6).

Tal contexto de anti-reino e de não-vida constitui-se num desafio peculiar à missão evangelizadora da Igreja. A fidelidade ao projeto de Deus exige e requer, necessariamente, fidelidade aos povos crucificados da história. O Deus bíblico toma partido dos pobres e oprimidos (cf. Lc 16,19-31). Jesus chama de bem-aventurados os pobres, os famintos e sedentos de justiça, os perseguidos e os amaldiçoados. Repreende com maestria os ricos, os fartos, os gozadores e bajuladores com a expressão “ai de vós” (cf. Lc 6,20-26).

Num mundo dialético, contraditório e desumano, onde existem oprimidos e opressores, vítimas e algozes, Deus age com misericórdia e ama, impreterivelmente, os pobres e humilhados. A estes o Reino de Deus se orienta e se destina (cf. Mt 5,3; Lc 4,18). Esse fato teológico se vincula à vida e à missão evangelizadora da Igreja e, sobretudo, relaciona a presença da realidade dos pobres no teologizar.

G. Gutiérrez, ao falar dos destinatários do Reino, assegura que a preferência de Deus pelo pobre, pelo fraco, pelo doente, pelo oprimido e pelo insignificante perpassa toda a Escritura. Essa preferência é entendida na absoluta liberdade e gratuidade do amor de Deus. E diz: “A gratuidade não é o Reino do arbitrário e do supérfluo; o gratuito não se opõe nem desmerece a busca da justiça; ao contrário, dá-lhe seu verdadeiro sentido. Nada há de mais exigente que a gratuidade do amor”¹²⁹.

Esse foi o panorama do sofrimento dos pobres na América Latina. O próximo passo se concentra em responde a pergunta: Como J. Sobrino vê os pobres e as vítimas deste mundo em sua tarefa teológica?

¹²⁸ Cf. GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000. p. 148.

¹²⁹ GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992. p. 155.

1.3 Os pobres da América Latina na visão de Jon Sobrino

Os pobres vivem numa situação desumana e desumanizante, geradora de milhões de vítimas. Trata-se, não apenas de realidade social de injustiças estruturais, mas também de verdadeira situação coletiva de pecado, contrária ao desígnio histórico de Deus¹³⁰.

Jesus, em vida e missão, mostra como os pobres ocupam lugar preferencial no Reino de Deus. Essa compreensão evangélica de pobreza justifica a emergente teologia da misericórdia de J. Sobrino, que se baseia em Mt 11,5; os pobres são considerados os primeiros e os herdeiros da mensagem do Reino de Deus (cf. também Mt 5,3-12 e Lc 6,20)¹³¹.

Conforme J. Sobrino, “os pobres se situam embaixo na história e a sociedade os oprime e os segrega”¹³². A pobreza econômica e a indignidade moral expressam esse estar embaixo¹³³. A realidade da América Latina revela marginalizados e excluídos pelas estruturas econômicas, políticas e sociais injustas. As privações impostas por esse sistema impossibilitam a vida digna e fortalecem o anti-reino, produzindo as vítimas da cruz¹³⁴.

Na esteira com I. Ellacuría, J. Sobrino propõe a leitura, em forma de meditação, dos cânticos do Servo de Javé. Esses textos possibilitam a comparação do povo crucificado com o Servo Sofredor. O cântico expressa: “Ele era desprezado, deixado de lado pelos homens, homem de dores, familiarizado com o sofrimento” (Is 53,3). O sofrimento dos pobres aumenta quando, como o Servo, buscam instaurar a justiça e o direito. A mais dura repressão e a morte recaem sobre os pobres, de modo a desfigurar seus rostos. Tornam-se, então, semelhantes ao Servo Sofredor pela “feiúra da pobreza cotidiana a que se acrescenta a do sangue desfigurante, o espanto das torturas, das mutilações...”¹³⁵.

J. Sobrino entende o povo crucificado como o “desprezado pelos homens” (Is 53,3), de quem arrancam tudo. O sistema opressor suporta os pobres, pois estes sustentam

¹³⁰ Cf. SOBRINO, J. A injusta e violenta pobreza na América Latina. *Concilium*, Petrópolis, n. 215, p. 60, 1988.

¹³¹ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 133; Cf. SOBRINO, J. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. *Concilium*, Petrópolis, n. 10, p. 18-23, 1979.

¹³² SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 126.

¹³³ Cf. Idem., p. 124-126.

¹³⁴ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 85-86; Cf. SOBRINO, J. Nosso mundo. Crueldade e compaixão. *Concilium*, Petrópolis, n. 299, p. 12-21, 2003.

¹³⁵ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 88; Cf. SOBRINO, J. Meditación ante el pueblo crucificado. *Diakonía*, Manágua, n. 49, p. 5-8, 1989.

aquele. Entretanto, “quando os pobres decidem a viver e a invocar o Deus que os defende e os liberta, então nem sequer são reconhecidos como pessoas de Deus”¹³⁶.

Aterrorizados e desprezados de todas as formas, dos pobres não se conhece nomes e nem número: “Do Servo consta que ‘foi preso sem defesa, sem justiça’, em total impotência ante a arbitrariedade e a injustiça”¹³⁷. Mas ao povo crucificado não falta profeta que o defenda na luta pela vida. A repressão contra essa luta se manifesta brutal e cruel. Cala-se drasticamente a voz dos profetas defensores da vida, através das torturas, exílios e assassinatos. Contudo, os pobres simbolizam o Servo Sofredor de Javé na continuidade da história. Reproduzem essa realidade no Terceiro Mundo, particularmente na América Latina: povos inteiros crucificados, privados de toda justiça. Os direitos fundamentais são violados, mas como o Servo de Javé, os pobres empenham-se em implantar a justiça e o direito e lutam pela libertação. Em meio à situação de opressão, descobrem caminhos para a libertação¹³⁸.

Os pobres revelam o pecado da inumanidade. Afinal, “se eles não são merecedores de tal castigo, então o que injustamente lhes foi infligido é obra de nossas mãos”¹³⁹. Eles exprimem a verdadeira realidade da América Latina. Verdade que exige ser acolhida e assumida, caso contrário, o anti-reino estende mais vigorosamente o poder e a força diante dos filhos(as) de Deus.

J. Sobrino mostra a preocupação especial com os pobres na apresentação da obra *O Princípio Misericórdia*, na qual insiste na realidade mais flagrante do mundo e na reação mais necessária à pobreza¹⁴⁰. Baseado em I. Ellacuría afirma que o sinal dos tempos consiste “na existência do povo crucificado”, e a primeira exigência que se incumbe para qualquer ser humano e cristão é a de “descê-los da cruz”¹⁴¹.

J. Sobrino distingue dois tipos de pobres: o mundo “de povos crucificados” ou “vítimas deste mundo” e “o mundo pecaminoso”. No entanto, a sociedade não deseja reconhecê-los nem indagá-los de frente. Ocultar tal situação é a principal forma de oprimir a verdade com a injustiça. Assim, desconhece-se o mundo dos pobres. Ao situar os povos crucificados na cruz, o Autor desencadeia dois questionamentos: a) alguém os pregou e,

¹³⁶ SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, p. 88.

¹³⁷ *Idem.*, p. 89.

¹³⁸ Cf. BOFF, *Do lugar do pobre*, p. 135-138.

¹³⁹ SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, p. 89.

¹⁴⁰ Cf. *Idem.*, p. 7.

¹⁴¹ *Ibidem.*

em decorrência disso, b) os pobres provêm do produto de mãos humanas¹⁴².

Os povos que vivem na abundância e aqueles que exercem algum tipo de poder ignoram a realidade dos pobres. É o mundo de pecado: “O Terceiro Mundo não interessa ao Primeiro Mundo; interessa-lhe, sobretudo, poder devastá-lo para a própria abundância”¹⁴³.

A conjuntura dos povos crucificados desvenda a verdadeira face do Terceiro Mundo e, a partir dela, a face do Primeiro. Em sentido teológico, Deus se faz presente no povo crucificado e, por meio dele, profere uma palavra contra a injustiça provocadora da pobreza, cujos clamores chegam até o céu (cf. Medellín, Justiça 1); pronuncia a vigente palavra de esperança de libertação de todas as escravidões (cf. Medellín, Introdução 4); anuncia a presente palavra de ânimo e de exigência a reverter situações inumanas a outras mais humanas (cf. Medellín, Introdução 6). Os pobres interpelam a missão teológica como sinal dos tempos e como manifestação atual de Deus¹⁴⁴.

Os povos crucificados exprimem a realidade concreta do mundo dos pobres, diante dos quais se reivindica responsabilidade histórica¹⁴⁵. São eles o objeto da teologia de J. Sobrino e, simultaneamente, os destinatários privilegiados da sua mensagem teológica. Essa realidade cruel reivindica “olhos novos para averiguar a verdade da realidade”¹⁴⁶; a verdade dos seres humanos¹⁴⁷; a verdade de Deus ao convocar a reagir com misericórdia¹⁴⁸.

J. Sobrino fundamenta a perspectiva do pobre numa tripla exigência: a) a predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo¹⁴⁹; b) a situação de pobreza extrema em que vive a maioria dos seres humanos encurvados sob o peso da vida; c) e a sobrevivência como máxima dificuldade e a morte lenta como o destino mais próximo¹⁵⁰. Ao evidenciar os povos crucificados como realidade histórica do Terceiro Mundo, J. Sobrino se refere a I. Ellacuría: “Este costumava dizer que é bom falar de ‘Deus crucificado’, porém, é mais necessário falar de ‘povo crucificado’, além do mais, com isto,

¹⁴² Cf. *Ibidem.*, p. 17-18.

¹⁴³ *Ibidem.*, p. 17.

¹⁴⁴ Cf. SOBRINO, J. Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 55, p. 287-288, 1989; Cf. SOBRINO, Onde está Deus? p. 78.

¹⁴⁵ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 13.

¹⁴⁶ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 16-19.

¹⁴⁷ Cf. *Idem.*, p. 19-22.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem.*, p. 22-27.

¹⁴⁹ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 16.

¹⁵⁰ Cf. *Idem.*, p. 13.

ele também elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teológica”¹⁵¹.

A teologia da misericórdia considera importante a abertura ao horizonte das vítimas. J. Sobrino crê na possibilidade de estabelecer o “*Horizontsverschmelzung*” (entrelaçamento ou fusão de horizontes)¹⁵² entre a fé das vítimas e a fé de líderes e pensadores conscientes. Na solidariedade com as vítimas, no apoio mútuo na fé, abrem-se os olhos das não-vítimas, a fim de assimilar as coisas de outra maneira, mas nunca totalmente. As vítimas proporcionam luz específica para ver melhor os conteúdos da teologia: “Deus, Cristo, graça, pecado, justiça, esperança, encarnação, utopia”¹⁵³.

Estabelece-se a relação recíproca: de um lado, a perspectiva das vítimas coopera para entendimento dos textos cristológicos e melhor conhecimento de Jesus; de outro, Jesus, conhecido dessa forma, colabora para a melhor compreensão das vítimas e em sua defesa. Está posta a centralidade da relação entre pobre e Deus. A fé cristã é enriquecida, pois remete à tarefa de descer da cruz os crucificados da história. Os povos crucificados, como sacramento de Deus, irradiam luz e utopia, interpelação e exigência de conversão, acolhida e perdão¹⁵⁴.

Os pobres, como vítimas deste mundo, desafiam a tarefa teológica. Provocam conversão. Fazem a Igreja abrir-se à realidade trágica, injusta e escandalosa das vítimas. Imploram erradicação dessa realidade de pecado pela reação do amor misericordioso. Para J. Sobrino, a honestidade fundamental frente à realidade do mundo consiste na opção pelos pobres, o que requer a conversão do teólogo para a verdade libertadora e o persuade a abrir-se continuamente à verdade da cruel realidade dos pobres, e até dispor-se ao martírio¹⁵⁵.

J. Sobrino se convence de que o evangelho de Jesus passa pelos pobres. A interação com os pobres desperta do sono da inumanidade e reaviva a urgência da misericórdia. Foram os pobres que despertaram o teólogo para desvendar o mundo real

¹⁵¹ SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 366.

¹⁵² Conforme J. Habermas, entre os principais conceitos de H. G. Gadamer compreende-se a “fusão de horizontes” (1960). “Horizontes” significam os mundos vivos do autor e do intérprete que se fundem quando os dois se defrontam no texto. O leitor expande o horizonte do texto ao apropriar-se dele na nova situação histórica. O texto, em troca, questiona o leitor a desafiar e expandir as estruturas e pressuposições que trouxe ao texto. Nesse processo, surge a “fusão de horizontes”. Trata-se da forma de compreensão recíproca entre pontos situados em horizontes diferentes. Cf. HABERMAS, J. *Verdade e Justificação*: ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004. p. 86.

¹⁵³ SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 18. Cf. SOBRINO, J. La teología y el “principio liberación”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 35, p. 139, 1995.

¹⁵⁴ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 19.

¹⁵⁵ Cf. SOBRINO, Como fazer teologia, p. 299-300.

com novo olhar. Com isso, ele presenciou “o negrume da pobreza e da injustiça, de grandes e terríveis massacres, e também a luminosidade da esperança, da criatividade e generosidade sem conta dos pobres”¹⁵⁶. Deu-se uma nova descoberta onde tudo se funda: “a revelação da verdade da realidade e, através dela, da verdade dos seres humanos e da verdade de Deus”¹⁵⁷.

Até o presente momento buscou-se descrever como J. Sobrino mergulha na realidade da pobreza salvadorenha, e por extensão, no continente latino-americano. Nesta lealdade para com o real, como ele mesmo afirma, verificar-se-á, a seguir, como J. Sobrino – em consonância com a Teologia da Libertação – recupera a categoria Reino de Deus no âmbito da redescoberta da pesquisa do Jesus histórico¹⁵⁸.

1.4 A categoria Reino de Deus na Teologia da Libertação

A partir dos anos 60, com o impacto da modernidade, a América Latina comprometeu-se com uma cristologia que deu aos cristãos a base da práxis para conduzir os processos históricos de libertação. A reflexão teológica latino-americana levantou suspeitas sobre certas cristologias clássicas e contemporâneas que ignoravam valores fundamentais da pregação e atuação de Jesus de Nazaré¹⁵⁹. A figura de Jesus ficava obscurecida, e disto decorriam funestas conseqüências, especialmente três¹⁶⁰:

- a) redução de Cristo à abstração mesmo que sublime; separação do Cristo total da história concreta de Jesus;
- b) apresentação do Cristo como reconciliação universal sem nenhuma dialética, sem denúncia profética; do Jesus das bem-aventuranças sem as mal-aventuranças; do Jesus que ama indistintamente a todos os homens sem dar atenção ao pobre e ao oprimido;
- c) tendência à absolutização de Cristo sem vinculá-lo a dialética alguma.

¹⁵⁶ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 16.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Se nos adentrarmos na história expressiva do movimento de volta a Jesus de Nazaré, depararemos com o retorno ao Jesus histórico e com a realidade do Reino de Deus. Sobre o Jesus histórico e as diversas fases da pesquisa, recomendam-se: GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 45-56; THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 539-550; ZUURMOND, R. *Procurais o Jesus Histórico?*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 21-40.

¹⁵⁹ Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 13.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 13-16; Cf. GIBELLINI, op. cit., p. 368.

Procurando superar esses riscos acima, a Teologia da Libertação elabora uma nova cristologia, da qual renasce a categoria central do evangelho: o Reino de Deus. Sob essa ótica, a figura de Cristo se torna símbolo de libertação e de protesto contra as injustiças e opressões sofridas pelas vítimas da história. A Teologia da Libertação relê a Revelação. Faz a pergunta à Revelação a partir da situação onde vive o ser humano: escolheu a práxis de Jesus como lugar teológico. Que conclusões pastorais levam a colocar os pobres no centro do espaço e do lugar teológicos?

Com Medellín (1968), abrem-se as portas para a reflexão cristológica latino-americana. Esta Conferência não elaborou um documento específico sobre Cristo, mas fez afirmações concretas, ao apontar nova compreensão hermenêutica pastoral e teológica de Cristo e do Reino de Deus¹⁶¹.

A cristologia libertadora mostra Jesus, em primeiro lugar, em relação com o Reino de Deus e faz dessa relação o dado-chave para compreender a verdade de Jesus¹⁶². Jesus surge relacionado a partir do princípio com o sentido último da vontade de Deus: “venha a nós o vosso Reino” (Mt 6,10). Essa cristologia descreve a prática de Jesus como serviço ao Reino de Deus. Jesus se revela como encarnado parcialmente no mundo dos pobres¹⁶³.

A obra *Jesus Cristo Libertador* do teólogo L. Boff (1972) marcou o início de um caminho novo ao fazer a leitura histórica de Jesus Cristo na perspectiva da teologia latino-americana¹⁶⁴. Nessa cristologia, interpreta-se que Jesus anuncia, na pregação, o Reino de Deus como nova ordem das coisas, como transformação total, global e estrutural da sociedade. Conseqüentemente, dela emerge a utopia libertadora, que exige

¹⁶¹ Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 18; Cf. LOIS, J. Cristología en la teología de la liberación. In ELLACURÍA; SOBRINO, *Mysterium Liberations*, v. 1, p. 223-224.

¹⁶² Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 29.

¹⁶³ Cf. Idem; Cf. SOBRINO, J. Jesús y el Reino de Dios. Significado y objetivos últimos de su vida y misión. *Sal Terrae*, San Salvador, n. 5, p. 350, 1978.

¹⁶⁴ Cf. BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. Outros teólogos da libertação também tratam da categoria “Reino de Deus”. Dentre eles destacam-se: GUTIÉRREZ, O Deus da vida, 1992; RICHARD, P. *O Homem Jesus*. São Paulo: Moderna, 1993; PALÁCIO, C. *Jesus Cristo: história e interpretação*, São Paulo: Loyola, 1979; SEGUNDO, J. L. *A História perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997; BARREIRO, A. *Os pobres e o Reino: do Evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983; NEUTZLING, I. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986; ELLACURÍA, I. *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios: para anunciarlo y realizarlo en la historia*. Santander: Sal Terrae, 1984; ECHEGARAY, H. *Utopia e Reino na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989; LIBANIO, J. B. A redescoberta do Reino na teologia. In Vigil, J. M. (org). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007; GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981.

concretizações históricas antecipatórias.

Entre os projetos cristológicos mais bem elaborados na perspectiva da relação de Jesus e o Reino de Deus pertence o do teólogo da libertação hispano-salvadorenho J. Sobrino.

O Autor realça a realidade de Jesus e o Reino de Deus nos Evangelhos. Mostra como Jesus não anuncia a si mesmo, nem simplesmente Deus, e sim, o Reino de Deus. Na ação libertadora se põe ao serviço do Reino e o faz presente. Jesus é constantemente visto em sua relação constitutiva da Trindade com o Pai e com o Reino de Deus. Assim, o seguimento do caminho de Jesus torna-se a exigência moral fundamental, o paradigma geral da existência cristã, da vida no Espírito¹⁶⁵.

J. Sobrino insiste que, numa primeira instância, é preciso afirmar que Jesus é Filho de Deus e não simplesmente Deus. Isso remete para o Pai, que na relação com o Filho faz proceder o Sopro, o Espírito. Portanto, a inteira Trindade está presente na história e no processo de salvação e libertação. O conceito totalizante da pregação de Jesus é a categoria Reino de Deus, que envolve toda a criação, as sociedades humanas para culminar no Reino da Trindade¹⁶⁶.

Em Jesus surge o verdadeiro caminho, o caminho para o Pai, o caminho para o Deus do Reino: Deus da vida, Deus vivente, que dá a vida. Ao contrário dos ídolos que só dão morte¹⁶⁷. Na América Latina, aguça-se o problema de delimitar o verdadeiro Deus das falsas divindades, a fé no verdadeiro Deus da idolatria: a teologia latino-americana da libertação confronta-se com o problema da manipulação do nome de Deus, a idolatria. A história de Jesus prossegue em seu seguimento. É Ele quem torna presente o Reino de Deus.

O Autor salvadorenho constata que a necessidade da cristologia libertadora se dá por razões históricas: revela-se Cristo como aliado da libertação e não da opressão¹⁶⁸. Exemplo disso é a opção de Jesus pelos pobres, a misericórdia e a justiça, a confrontação com os poderosos, a perseguição e a morte por causa de tudo isso, a ressurreição reivindicadora; e, principalmente, na concretização do Reino de Deus como referencial do

¹⁶⁵ Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 20-22.

¹⁶⁶ Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 82-84.

¹⁶⁷ Cf. Idem., p. 149-179.

¹⁶⁸ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 14.

seguimento de Jesus¹⁶⁹.

A partir destas breves considerações, o teólogo salvadorenho chega à seguinte conclusão: fora de Jesus Cristo não se compreende plenamente o significado de libertação e de opressão, quem é o Deus da vida e quem são os ídolos da morte¹⁷⁰ e a nova imagem de Cristo libertador justifica-se por oferecer melhor a relevância de Cristo para o continente de opressão e recupera melhor a identidade de Cristo, sem perder sua totalidade, ao remeter a Jesus de Nazaré¹⁷¹. Para o Autor, recuperar o Jesus histórico não significa apenas ter notícias acerca de sua vida, missão e destino, mas também reproduzir sua vida, nas mais variadas circunstâncias históricas.

Neste contexto, trata-se de reconhecer a originalidade e a abrangência da proposta de J. Sobrino com relação ao Reino de Deus. Depois de situar a proposta do teólogo salvadorenho no contexto latino-americano, faz-se necessário verificar, como objeto de estudo do próximo capítulo, o desenvolvimento e a sistematização da categoria Reino de Deus no pensamento desse Autor.

1.5 Conclusão

O objetivo deste capítulo foi buscar a compreensão da realidade da América Latina, sobretudo, de El Salvador, para obter melhor conhecimento do pensamento teológico de J. Sobrino. Descobriu-se que sua teologia se enriqueceu com a experiência existencial vivenciada cotidianamente ao lado de companheiros de trabalho pastoral e intelectual. A vida de irmãos “crucificados” e “martirizados” revolucionaram sua tarefa teológica. A existência de pessoas que se assemelham ao Cristo Servo Sofredor constitui potencial de humanização.

Esse sangue martirial derramado em El Salvador e em toda a América Latina infunde, para o Autor, novo espírito de luta e nova esperança no povo, e consequentemente, na Igreja latino-americana. As vítimas deste mundo despertaram J. Sobrino para a realidade do mundo oprimido e subjugado, que tomou sua libertação como

¹⁶⁹ Cf. *Idem.*, p. 15.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 16.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem.*, p. 27.

tarefa fundamental.

A expressão “povos crucificados”, vista segundo os níveis fático-real, histórico-ético e religioso, desemboca na cristologia. Esses povos simbolizam a presença atual de Cristo crucificado na história. J. Sobrino toma como modelo interpretativo o Servo Sofredor de Isaías e a figura de Jesus. Relaciona a situação dos povos latino-americanos, e, em especial, do povo salvadorenho, com o Cristo injustiçado pelos chefes políticos e religiosos de seu tempo.

O Autor salvadorenho traz a marca da realidade latino-americana, ao deixar-se afetar pela situação do mundo dos pobres. A opção pela cristologia encarnada na vida dos pobres invade o teologizar desse Autor. O teólogo situa-se numa realidade histórica e se vê mergulhado no mundo de pessoas marginalizadas do Terceiro Mundo. Nessa experiência, o teólogo aprende que os pobres têm contra si todos os poderes deste mundo: as oligarquias, as empresas multinacionais, as Forças Armadas e praticamente todos os governos. J. Sobrino constata que se oculta a verdadeira realidade do mundo, se oprime a verdade com a injustiça.

A urgência de misericórdia que experimentam os povos crucificados, como aborda o Autor, interpela todo cristão a reação misericordiosa diante de situações injustas e sofridas do povo latino-americano. Os povos crucificados constituem o lugar teológico a partir do qual J. Sobrino desenvolve sua teologia da misericórdia. No último capítulo se desenvolverá, como sinal do Reino de Deus, a prática da misericórdia proposta pelo Autor.

A partir da história de Jesus que J. Sobrino sistematiza os temas da cristologia. Essa opção, que é precedida pelo compromisso com os que lutam pelo Reino de Deus, reivindica o uso de categorias político-teológicas para que o discurso cristológico efetivamente contribua para o adequado posicionamento da fé cristã em meio a conflitos e esperanças.

O Reino de Deus é pregado pelo Jesus histórico. A vida, a missão e o destino de Jesus de Nazaré consistem no fato gerador do processo de reapropriação da categoria Reino de Deus. Neste capítulo, se buscou também analisar a redescoberta da categoria Reino de Deus e a relevância dessa categoria no continente latino-americano pela Teologia da Libertação.

A cristologia da libertação insere-se no grande movimento de volta ao Jesus histórico com a preocupação central de dar continuidade à sua prática. Entre os teólogos da

libertação, J. Sobrino nota a inoperância das cristologias tradicionais e recupera na elaboração de sua reflexão cristológica a categoria Reino de Deus como central da vida, da missão e do destino de Jesus.

A preocupação do próximo capítulo será identificar e realçar a contribuição específica desse Autor na redescoberta da categoria Reino de Deus em favor dos povos crucificados. O objetivo consiste em responder à primeira parte da pergunta central dessa pesquisa: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia? A segunda parte dessa pergunta central – como essa categoria ilumina a prática pastoral na realidade de povos crucificados da América Latina? – será respondida no último capítulo da dissertação.

O Autor salvadorenho observa certa semelhança, sem cair em ingenuidade, entre a situação histórica de Jesus de Nazaré e a vida na América Latina. Outros questionamentos estão imbricados na sistematização da categoria Reino de Deus no pensamento desse Autor: Que especificamente ele oferece para a categoria Reino de Deus? Quais são os caminhos para a compreensão da categoria Reino de Deus em sua teologia? Qual é o seu propósito em salvaguardar a centralidade, a mediação e a relevância da pregação de Jesus? Na vida e na pregação de Jesus, qual é a sua relação com o Reino de Deus e com o Deus do Reino?

2 A Categoria Reino de Deus no pensamento de Jon Sobrino

No primeiro capítulo, descrevemos como J. Sobrino – e outros autores – mergulha na realidade da pobreza salvadorenha, e por extensão, no continente latino-americano.

O objetivo deste capítulo é responder à pergunta: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia? Para tanto, analisaremos o desenvolvimento bíblico-teológico e a organização sistemático-teológica dessa categoria.

2.1 Categoria Reino de Deus: desenvolvimento bíblico-teológico

Para compreender o sentido da categoria Reino de Deus e suas implicações para a existência cristã na obra cristológica de J. Sobrino, é necessário perguntar: Quais os caminhos para a compreensão da categoria Reino de Deus em J. Sobrino?

Jesus compreende a realidade última como unidade dual: Deus se dá à história ou a história chega a ser segundo Deus¹. Essa unidade dual explicita-se como Reino de Deus.

Jesus prega abertamente o Reino de Deus na novidade, na exigência, no escândalo, na conversão, mas nunca define concretamente o que significa esse Reino. J. Sobrino sintetiza essa categoria para a fé e prática cristãs na atualidade²:

- a) Jesus anunciou o Reino, em cuja chegada iminente acreditou no início de sua missão.
- b) Ele nunca definiu o Reino, embora falasse dele através de parábolas.
- c) O conteúdo do Reino é utópico, mas nessa utopia se espera a renovação do homem, das relações entre os homens e de tudo com Deus.
- d) Essa utopia se anuncia especialmente aos pobres.

¹ Sobre esse tema do conceito de transcendência histórica cristã, que ocupa lugar significativo na Teologia da Libertação, cf. ELLACURÍA, I. Historicidad de la salvación cristiana. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 1, p. 5-45, 1984.

² Cf. SOBRINO, J. El significado actual del Reino de Dios anunciado por Jesús. *Iglesia Viva*, Madrid, n. 105-106, p. 361, 1983.

- e) Jesus não somente falou do Reino, mas o anunciou em ações concretas e proclamou sua exigência aos seus ouvintes.
- f) Pelo serviço ao Reino, Jesus entrou em conflito com os poderosos. Por isso, sofreu a perseguição e a cruz.

O Autor propõe três vias de averiguação para a compreensão da categoria Reino de Deus no Evangelho³:

- a) **Via nocional:** consiste em averiguar a noção de Reino que Jesus teve, cotejando-a com as noções prévias em Israel.
- b) **Via do destinatário:** mostra que, ao anunciar explicitamente a mensagem, Jesus relaciona o Reino e seus destinatários, os pobres.
- c) **Via da prática:** percebe que palavras e atos de Jesus pressupõem sua atividade a serviço do anúncio do Reino. Como E. Schillebeeckx assegura: “o conteúdo concreto do Reino de Deus se deduz do conjunto de atividade de Jesus, das parábolas e da vida cotidiana”⁴.

A teologia moderna trabalha mais a via nocional e, às vezes, acrescenta a via da prática para compreender Jesus e o Reino de Deus. J. Sobrino insiste em determinar o destinatário para compreender a mensagem de Jesus e do Reino e saber de que boa-nova se trata. Vejamos essas três vias para delinear a categoria Reino de Deus no pensamento desse Autor.

2.1.1 Via nocional: a esperada utopia no meio da miséria humana

Para entender a via nocional, J. Sobrino investiga as noções do Reino de Deus no AT, a expectativa do Reino no tempo de Jesus e as noções de Jesus sobre o Reino de Deus.

2.1.1.1 Noções do Reino de Deus no AT

A relação de Javé com a realeza aparece com frequência no AT, mas não a expressão “Reino de Deus” (*malkuta Jahweh, basiléia tou Theou*), por ser uma formulação

³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 108-159; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 476-492.

⁴ SCHILLEBEECKX, op. cit., p. 130.

apocalíptica tardia⁵. O específico e original da religião de Israel consiste na historicização da noção de Deus-rei, segundo a fé fundamental de que Javé intervém na história.

A realeza de Javé perpassa toda a Bíblia, configurando os períodos da história de Israel⁶. Que se entende por essa realeza? Para J. Sobrino, essa realeza não é entendida como realidade geográfico-política, embora Israel expresse a esperança e a fé de um povo concreto, nem é realidade cultural-ascendente, embora Israel demonstre nas liturgias a realeza do Reino como resposta a Javé⁷. Mas a expressão Reino de Deus tem duas conotações essenciais⁸:

- a) O agir de Deus,
- b) para transformar a realidade histórico-social má e injusta em realidade boa e justa⁹.

Por conseguinte, em vez de Reino de Deus, seria mais apropriado falar em Reinado de Deus¹⁰, porque expressa a ação de Deus na realidade, enquanto Reino de Deus significa história, sociedade e povo transformados segundo a vontade de Deus, que realmente reina neste mundo¹¹. Conforme J. Jeremias, “a característica principal deste Reino é que Deus concretiza o ideal régio da justiça [...] que jamais se realizou plenamente na terra”¹².

J. Sobrino compreende o Reinado de Deus esperado por Israel em três etapas¹³:

- a) O Reino, como realidade histórica, incide na vida do povo de Israel. O Reino de Deus corresponde à esperança e a fé histórica do povo de Israel num Deus capaz de transformar a realidade má e injusta, em boa e justa.
- b) O Reino designa formalmente a utopia de Deus, a esperança popular de e para todo o povo e visa à transformação da sociedade, sem menosprezar as exigências individuais de conversão.

⁵ O termo Reino de Deus não se delineava central no judaísmo tardio, nem tão pouco quando surgiu o período apocalíptico. Cf. SCHILLEBEECKX, op. cit., p. 135.

⁶ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 110-111.

⁷ Cf. Idem., p. 111; Cf. SOBRINO, J. Jesús de Nazaret. In FLORISTÁN, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (org.). *Conceptos fundamentales de pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 485.

⁸ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 111; Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 351-352.

⁹ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 111; Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 63.

¹⁰ Cf. SEGUNDO, J. L. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 147.

¹¹ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 111; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 490.

¹² JEREMIAS, J. *Teología del Nuevo Testamento: la Predicación de Jesús*. 3. ed. Salamanca: Sígueme, 1977. p. 122.

¹³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 112-113.

- c) O Reino, como realidade dialética e conflituosa, contradiz e exclui o anti-reino. Surge como boa notícia diante da situação de opressão. Corresponde à esperança ativa e lutadora contra as expressões do anti-reino.

2.1.1.2 Expectativa do Reino de Deus no tempo de Jesus: João Batista

Jesus, ao participar das esperanças do povo, situa-se na encruzilhada do tempo e na continuidade da história de Israel. J. Sobrino, ao constatar a história da teologia em geral, deparou com certa preocupação em evidenciar a descontinuidade da história de Jesus, ao relegar em segundo plano o aspecto da continuidade histórica¹⁴.

João Batista emerge no deserto anunciando a vinda iminente de Deus, mas no sentido de *juízo de Deus* e não de *Reino de Deus*¹⁵. Desponta como profeta que denuncia o pecado do povo e anuncia a vinda do julgamento radical de Deus. Por isso se impõe a exigência da conversão, a ser vivenciada no batismo do perdão dos pecados¹⁶.

A pessoa e a mensagem de João Batista exerceram grande influência no tempo de Jesus e também no próprio Jesus. Os Evangelhos narram que Jesus se deixou batizar por João Batista.

J. Sobrino averigua a profundidade da relação de Jesus com João Batista. Do ponto de vista histórico-religioso, Jesus se subordinou ao movimento profético-escatológico de João Batista¹⁷. “A relação de Jesus com João Batista não consistia numa relação fugaz”¹⁸. Nota-se indubitavelmente esta profundidade na relação quando Jesus elogia João Batista (cf. Lc 7,26-28; Mt 11,11) quando se retira para lugar solitário, após saber do assassinato de João Batista (cf. Mt 14,3-13). Segundo Marcos e Mateus, Jesus inicia o projeto missionário “ciente da prisão de João Batista” (Mc 1,14-15; Mt 4,12-17). Disto resultam alguns conteúdos na proclamação da vinda do Reino de Deus.

Desta perspectiva inicial da missão de Jesus, emerge sua percepção pessoal do Reino de Deus após considerar a visão profética do Reino que trouxera João Batista.

¹⁴ Cf. Idem., p. 117.

¹⁵ A fonte Q (*Quelle* em alemão) recolheu o específico da figura de João Batista: “Ele dizia às multidões que vinham ser afundadas [no rio]: ‘Raças de víboras! Quem disse a vocês que fugissem da ira que virá? Mudem seus modos de agir...’” (SQ 4; cf. Mt 3,7s; Lc 3,7s): MACK, B. L. *O Evangelho Perdido: o Livro Q e as Origens Cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 81.

¹⁶ Cf. JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 62.

¹⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 115-116.

¹⁸ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 63.

Porém, em relação à visão de João Batista, a visão de Jesus revela diferenças em pontos essenciais¹⁹.

2.1.1.3 Noções de Jesus sobre o Reino de Deus

Para J. Sobrino Jesus é solidário com a esperança da humanidade oprimida²⁰. Ele conserva do Antigo Israel a tradição de esperança do povo oprimido. Continua consciente desta realidade humana, mas introduz sua descontinuidade²¹. Revela a verdade de Deus e do ser humano na vida cotidiana. No seu amor sem limites até a cruz, identifica-se a totalidade da continuidade e da descontinuidade em relação aos seres humanos.

A continuidade de Jesus com a tradição israelita revela sua participação na expectativa do Reino de Deus e do Deus do Reino. O Autor valoriza a participação de Jesus nas esperanças utópicas da humanidade e o mostra em confronto com a pergunta que a humanidade sempre faz: Há ou não salvação para a história dos oprimidos?²² Jesus crê na possibilidade da justiça e na superação da miséria. Ele pertence à corrente solidária com os sofrimentos dos oprimidos. Não vê nesses sofrimentos a última possibilidade da história. Mas qual é a noção específica do Reino de Deus anunciado por Jesus?

A) Proximidade do Reino de Deus

Jesus anuncia a proximidade do Reino de Deus. Jesus declara: “Em verdade eu vos digo, dentre os que aqui estão, alguns não morrerão antes de ver o Reinado de Deus vindo com poder” (Mc 9,1). Nas parábolas, assevera a madureza da colheita (cf. Mt 9,37), a brancura dos campos (cf. Jo 4,35), o vinho novo (cf. Mc 2,22) e lembra que na presença do noivo não se jejua (cf. Mc 2,18-20; Mt 9,14-16; Lc 5,33-35). Mostra que o Reino irrompe quando se expulsa os demônios (cf. Mt 12,28; Lc 11,20). E, à pergunta dos fariseus sobre quando chegaria o Reino, Jesus responde: “o Reinado de Deus está entre vós” (Lc 17,21). Estes anúncios da proximidade do Reino revelam o despertar da aurora da

¹⁹ Cf. Idem., p. 66.

²⁰ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 117.

²¹ Cf. Idem.

²² Cf. *Ibidem.*, p. 118.

salvação²³.

Jesus não só espera o Reino de Deus, mas testemunha sua aproximação. O Reino se faz iminente não apenas como objeto de esperança, mas na certeza constatável²⁴. Jesus proclama a superação do anti-reino e mantém viva essa esperança através de seus sinais.

B) Reino como pura iniciativa de Deus, dom e graça

A vinda do Reino é repleta de gratuidade: Deus vem por amor puro e gratuito, não como resposta à ação dos homens. Essa gratuidade não se opõe à ação dos homens²⁵. Jesus, ao anunciar a gratuidade do Reino, serve ativamente ao Reino. Ele não tolera a situação de injustiça e denuncia o anti-reino.

A irrupção do Reino de Deus propõe conversão (*metánoia*)²⁶ por parte dos ouvintes. Aos pobres, propõe acolher a bondade e a ternura de Deus. Aos opressores, exige mudança radical de conduta. Sua proposta se endereça a todos os ouvintes²⁷.

Conforme J. Sobrino, a gratuidade e o dom de Deus não se opõem à atividade humana²⁸. A iniciativa amorosa de Deus não vem forçada pela ação humana. O dom e o amor gratuito de Deus fazem gerar a reação amorosa dos homens. Deus não força o início do Reino, tal como pretendiam os essênios, fariseus e grupos armados. Ele o oferece como dom gratuito.

²³ Cf. *Ibidem.*, p. 119.

²⁴ Nas parábolas, Jesus sublinha também que essa vinda do Reino transcorre em humildade, em pequenos sinais, apenas perceptíveis, mas permanece certa e segura. Cf. JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 181-198.

²⁵ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 119-120.

²⁶ *Metánoia* (mudança de vida, conversão, penitência): em grego a nota semântica decisiva de *metánoia* significa mudança de atitude tanto para o bem como para o mal. Diferente da pregação de João Batista, Jesus quando prega sobre o arrependimento – embora haja pouco material referente à pregação de Jesus ao exortar sobre o arrependimento – contempla-o no contexto da proclamação do Reino. O arrependimento em Jesus significa: viver a salvação fornecida pelo Reino de Deus, uma salvação anunciada já e que se realiza no presente, e que suprime todo o passado de culpabilidade. MERKLEIN, H. *Metánoia*. In BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998. v. 2, p. 248-253.

²⁷ Cf. SCHRAGE, W. *Ética del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1987. p. 27-146.

²⁸ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 120-121.

C) Reino de Deus como *eu-aggélion*, boa-nova

O novo do Reino anunciado por Jesus se manifesta na graça de Deus, como uma surpreendente boa-notícia – *eu-aggélion*. Jesus traz a relevante notícia: Deus se aproxima dos homens e assim manifesta-se como o Deus de bondade²⁹.

O termo *eu-aggélion* e a categoria Reino de Deus se correlacionam. Nos Evangelhos, boa-notícia ou boa-nova significa o próprio Jesus. Com prioridade lógica, boa-notícia consiste no que Jesus traz: o Reino de Deus³⁰. Não há distinção entre anunciar o Reino de Deus proposto por Jesus e a boa-nova trazida pelo próprio Jesus.

2.1.2 Via do destinatário: Reino de Deus dos pobres

Os pobres, destinatários do Reino de Deus, compreendem o conteúdo do Reino como boa-notícia³¹. Ao proclamar a boa-notícia como essência relacional, Jesus oferece o amor de Deus a todos, mas não da mesma maneira³². Jesus é o evangelizador interessado na salvação de todos. Mas isto não impede que ele tenha em mente um destinatário específico ao anunciar o Reino de Deus.

2.1.2.1 Por que os pobres são os destinatários do Reino de Deus?

A oferta de salvação que Jesus faz aos pobres resulta escandalosa, absurda. Para Jesus, o Reino pertence aos pobres³³. É a eles que sua missão é dirigida (cf. Lc 4,18; 7,22; Mt 11,5).

J. Sobrino constata a relação entre Reino de Deus e pobres. Nos Evangelhos, o Reino é dos pobres de fato e de direito, pois se baseia na misericórdia de Deus, manifestada a eles desde o AT³⁴. Puebla ratifica esta relação: o simples fato de serem

²⁹ Cf. *Idem.*, p. 121.

³⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 122.

³¹ A partir da relação entre os termos Reino, pobres e boa-notícia, movem-se o conteúdo profético da pregação de Jesus. A mensagem, a atitude, o ministério e mesmo a morte de Jesus se correlacionam dentro deste círculo. Cf. SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. História e atualidade: Sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulinas, 1985. v. II/1, p. 133.

³² Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 123.

³³ Cf. JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 133.142.

³⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 125.

pobres, seja qual for a situação moral ou pessoal, já faz com que Deus os defenda. Os pobres ocupam o lugar central nos Evangelhos como os primeiros destinatários da missão de Jesus (cf. Puebla, 1.142).

Assim, surgem algumas questões: Como compreender o Reino de Deus, Jesus e a missão da Igreja? Em que pobres Jesus pensa quando diz que o Reino de Deus lhes pertence?

Baseando-se em J. Jeremias e outros³⁵, J. Sobrino constata que, nos Sinóticos, os pobres caracterizam-se, descritivamente, por dois aspectos³⁶:

- a) **Econômico:** Pobres são os que gemem sob algum tipo de necessidade básica: os famintos, os sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, os oprimidos pelo peso real (cf. Lc 6,20-21; Mt 25,35-36). São aqueles que vivem curvados (*'anawim*)³⁷ sob o peso de alguma carga ou opressão.
- b) **Social:** Pobres são os desprezados pela sociedade, os chamados pecadores, os coletores de impostos, as prostitutas (cf. Mc 2,16; Mt 11,19; 21,32; Lc 15,1-2), os simples, os pequenos, os menores – as crianças – (cf. Mt 10,42; 11,25; 18,10.14; 25,40.45; Mc 9,36-37), os que exercem profissões desprezadas (cf. Mt 21,31; Lc 18,11). A eles é negada a sociabilidade, as relações inter-humanas fundamentais, o mínimo de dignidade. São marginalizados, a eles “a ignorância religiosa e o comportamento moral fecham, segundo a convicção da época, a porta de acesso à salvação”³⁸.

Nos Evangelhos não se comprova um conceito unívoco de pobres, destinatários do Reino. Conforme J. Sobrino, Jesus vê os pobres em posição de inferioridade. Segundo J. Jeremias, tanto a pobreza econômica como a indignidade moral exprimem esta inferioridade. Nesse sentido, as duas acepções de pobres coincidem e convergem historicamente nos países do Terceiro Mundo. A morte lenta pela pobreza e a privação de

³⁵ Cf. JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 134-138; Cf. PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opção pelos pobres: experiência de Deus e justiça*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 79-85; Cf. SOARES-PRABHU, G. M. Clase en la Biblia: los pobres bíblicos, ¿una clase social? *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 12, p. 217-239, 1987.

³⁶ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 125-126; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 488-489.

³⁷ *'anwim*: primeiramente significa aquele que está dependente e oprimido, submetido socialmente, que implica também a condição econômica e cultural. Mais tarde, o termo evolui e se identifica com os justos, os humildes, principalmente nos Salmos. Cf. FABRIS, R. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 12-16.

³⁸ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 137.

dignidade social e religiosa são os constitutivos da condição das maiorias populares latino-americanas.

Jesus mostra indubitável parcialidade tanto para com os pobres econômicos – como se verifica nas bem-aventuranças de Lucas – como para com os pobres sociais e religiosos – como revelam textos em que defende os pecadores e publicanos³⁹.

Os Evangelhos Sinóticos empregam a expressão *pobres* no plural, tomando-a como realidade coletiva e massiva, indicando também seu caráter econômico e sociológico. Na tradução grega do NT, pobres é *ptochos*⁴⁰. Das vinte e cinco vezes em que aparece, vinte e duas “se referem aos aflitos e despossuídos economicamente”⁴¹. Mesmo nos três casos em que Jesus relaciona Reino de Deus e *ptochoi*, (cf. Mt 11,5 = Lc 7,22; 4,18; 6,20), o termo “pobre” é uma categoria econômico-sociológica⁴².

A Sagrada Escritura mostra os pobres numa relação dialética: pobre-rico. Mesmo que o NT não a explicita tanto como no AT, não quer dizer que não dê continuidade a esta dialética presente no AT. “Por trás desta compreensão ‘ricos-pobres’, nota-se implícita a dialética de classes do AT”⁴³. Para J. Sobrino, no NT se faz presente a compreensão da pobreza como estado de opressão injusta⁴⁴.

J. Sobrino entende que o Reino de Deus pertence aos pobres, àqueles que não possuem o fundamental da vida. Jesus anuncia aos pobres: salvaguardem a esperança, porque Deus não compactua com as promessas dos opressores; o fim das calamidades se aproxima; o Reino de Deus lhes pertence e está próximo⁴⁵.

Os pobres, assim entendidos, são os destinatários do Reino. A partir deles, compreende-se melhor o Reino que Jesus pensava: Reino formalmente parcial, cujo

³⁹ O judaísmo da época, na maioria dos centros ativos e grupos conscientes, tendiam a “formar seitas”. Essa tendência segregacionista levou os grupos a se considerarem os únicos herdeiros do verdadeiro povo de Deus. SCHILLEBEECKX, op. cit., p. 131-132: “Estes grupos costumam manter o princípio de amar os que Deus ama (e escolhe) e odiar os que Deus rejeita... Sobretudo ‘os publicanos e pecadores’ são evitados como a peste; relacionar-se com eles significa se tornar também pecador”.

⁴⁰ *Ptochos* (pobre) designa quem não possui absolutamente nada e necessita mendigar para obter o indispensável para viver. Para analisar o termo “*ptochos*”, levam-se em conta os componentes semânticos explícitos pela história no conceito do AT e no judaísmo. Ao referir a Is 61,1s, Jesus entende toda a proclamação como boa-nova aos pobres, como se estes e através destes todo Israel dependesse da atividade salvífica de Deus. MERKLEIN, H. *Ptochos*. In BALZ; SCHNEIDER, (orgs.). Dicionário, v. 2, p. 1.258-1.262.

⁴¹ SOARES-PRABHU, op. cit., p. 223.

⁴² Cf. Idem., p. 225.

⁴³ *Ibidem.*, p. 228.

⁴⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 128.

⁴⁵ Cf. Idem.

conteúdo mínimo, mas fundamental, significava a vida e a dignidade dos pobres⁴⁶.

2.1.2.2 Parcialidade do Reino de Deus

A parcialidade do Reino de Deus tem raízes no AT. J. Sobrino redescobre esta parcialidade a partir do acontecimento fundante do AT: o êxodo. Deus se mostra parcial para com o povo oprimido, a ele se revela e o liberta⁴⁷. Javé é o Deus de misericórdia e compaixão, que toma partido do desvalido. Ele tem atitude única e singular: não aceita suborno, nem faz acepção de pessoas. Atua como defensor de categorias sociais injustiçadas: o órfão, a viúva e o estrangeiro (cf. Dt 10,14-22)⁴⁸. As alianças seladas entre Deus e o povo, particularmente a aliança do Sinai (cf. Ex 20,1-17), reafirmam essa incondicional solidariedade.

Os textos da Lei relacionam a existência dos pobres a dados concretos de miséria. Os pobres reivindicam a liberdade no ano sabático, porque a acumulação de dívidas os obriga a se manterem escravos do rico que lhes emprestou o dinheiro. Além disso, reivindicam a devolução do manto antes de anoitecer e a colheita das espigas caídas após a ceifadura em terra alheia (cf. Ex 23,10s; Dt 12ss; 14,28-29; 23,25-26; 24,19-22; Lv 19, 9-10; 25). Os textos de Dt 15,1-11 e de Jó 24,1-24 descrevem com detalhes a situação do pobre.

Historicamente, em Israel, não havia pobres até o surgimento de uma classe rica que progride com a monarquia. A estrutura tribal da época dos juízes desaparece. A terra torna-se algo negociável e rentável. A este latifundismo crescente agrega-se o aumento de funcionários a serviço do rei e da corte, de oficiais que viverão de impostos precedentes do domínio régio e das propriedades das tribos e famílias israelitas⁴⁹.

No período profético, a preferência de Deus pelos pobres se estende a todas as pessoas marginalizadas, desamparadas e indefesas⁵⁰. A opressão injusta aparece fortemente em Amós e o “pobre” é identificado com o “justo” (cf. Am 2,6; 5,12; Is 5,23; 29,21; Sf

⁴⁶ Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 492.

⁴⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 129.

⁴⁸ Cf. KRAMER, P. O órfão e a viúva no livro do Deuteronômio. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 27, p. 20-21, 1990.

⁴⁹ Cf. HERRMANN, S. *Historia de Israel: en la época del Antiguo Testamento*. 3. ed. Salamanca: Sígueme, 1996. p. 306-312.

⁵⁰ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 353. Pobre, viúva e órfão surgem frequentemente nos profetas (cf. Is 1,10.17.23); o estrangeiro na Lei (cf. Ex 22, 21s; Dt 24, 19-22).

2,3).

As reivindicações dos direitos dos pobres entram no culto, nas liturgias de Israel. Invoca-se um Deus que mostre a verdadeira justiça. Paralelamente, as súplicas dos pobres atingem outras dimensões que não procederiam exclusivamente da pobreza material, mas de enfermidades, perseguições, murmurações, adversidades.

J. Sobrino verifica que, se de forma apocalíptica Jesus acentua o caráter escatológico e a vinda iminente do Reino de Deus, profeticamente sublinha a parcialidade de Deus como Deus dos pobres⁵¹. O rei esperado no AT se solidariza com os oprimidos:

A justiça do rei, segundo as concepções dos povos do Oriente e também segundo as concepções de Israel desde os tempos mais antigos, não consiste primordialmente na emissão do veredicto imparcial, mas na proteção do rei, respeito aos desvalidos e aos pobres, as viúvas e aos órfãos⁵².

Nota-se que a utopia em Israel e também nos povos vizinhos se expressava em termos de realeza: salvar os oprimidos da injustiça⁵³.

No AT é clara a parcialidade do Reino de Deus em defesa ativa do pobre pelo fato de ser pobre. Conforme J. Sobrino, Jesus, ao continuar esta tradição, causa escândalo e conflito⁵⁴. Em resposta aos enviados de João Batista, ao citar os sinais do Reino e o anúncio da boa-notícia aos pobres, Jesus termina com estas palavras: “e bem-aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim!” (Mt 11,6; Lc 7,23). A boa-nova causa escândalo?! O fato de Jesus anunciar a boa-nova aos pobres agita e abala os alicerces da religião. A imensa gratuidade de Deus transparece num mundo que ideologiza a riqueza e o poder.

Por isso, o escândalo nasce da boa-nova (cf. Mt 11,6) e não primariamente do apelo que Jesus faz à penitência. A mensagem de que Deus se importa com os pecadores, de que estes se sentem mais próximos de Deus que os piedosos, provoca o protesto apaixonado, principalmente por parte dos fariseus⁵⁵.

A parcialidade do Reino de Deus para com os pobres perpassa toda a Revelação⁵⁶ e manifesta-se dialeticamente: os que aceitam e os que rejeitam. Não se duvida da consciência transparente de que Jesus opta pela parcialidade do Reino de Deus, sobretudo nas parábolas⁵⁷.

⁵¹ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 129.

⁵² JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 122.

⁵³ Cf. MIRANDA, J. P. *Marx y la Biblia: crítica a la filosofía de la opresión*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1975. p. 141.

⁵⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 130; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 491.

⁵⁵ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 145.

⁵⁶ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 130.

⁵⁷ Cf. Idem., p. 131.

2.1.2.3 Reino de Deus como Reino de vida mínima

Para os pobres, a vida é uma carga pesada de exigências primárias para sobreviver e viver com certa dignidade. Os pobres “morrem antes do tempo”, como repete G. Gutiérrez⁵⁸. Se o Reino de Deus pertence aos pobres, então se faz necessário no mínimo um Reino de vida. Conforme J. Jeremias, a situação dos pobres se comparava à morte: “A situação de tais pessoas, e segundo o pensamento daquela época, já não se chama de vida. Estão praticamente mortos”⁵⁹. Assim se realiza a tradução do anúncio do Reino como vontade primordial de Deus: “Agora os que se assemelham com os mortos – paraplético, cego, leproso e a que não tinha filhos – são ressuscitados para a vida”⁶⁰. A pobreza não se compagina com o plano original de Deus. Com a pobreza, a criação de Deus se manifesta como violentada⁶¹.

Para J. Sobrino, quando Jesus se refere à *Torah*⁶², exprime a vontade última de Deus⁶³. Jesus se concentra nos mandamentos em relação ao próximo, que asseguram a vida como vontade primeira de Deus. No cumprimento dos mandamentos, Jesus mostra o ser humano primariamente necessitado e que precisa de ajuda (cf. Mc 7,10; Mt 15,4; Lc 10,30).

A radicalidade de Jesus ao defender a vida torna-se ainda mais firme na crítica à interpretação da Lei elaborada pelos escribas, a *Halakah*⁶⁴. Jesus condena a criação de tradições humanas que vão contra a vontade primigênia de Deus (cf. Mc 7,8-13; Mt 15,3.9).

Jesus também dá centralidade ao símbolo primário de vida: a comida e o pão. Ele come com os coletores de impostos (cf. Mc 2,15-17); desconsidera as abluções rituais antes da comida (cf. Mc 7,2-5; Mt 15,2); multiplica os pães no intuito de dar comida ao faminto (cf. Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 15,32-39); no juízo escatológico (cf. Mt 25,35.40)

⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

⁵⁹ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 128.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 131; Cf. CARDENAL; MARTÍN-BARÓ; SOBRINO, op. cit., p. 37-40.

⁶² *Torah*: instrução, ditame, decisão, prescrição, norma, preceito, rito. Cf. SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 700.

⁶³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 132.

⁶⁴ *Halakah* expressa o coração do judaísmo rabínico. O material *haláquico* pertence aos assuntos da Lei judaica, rituais, jurisprudência e prática. A verdadeira pretensão rabínica constitui em ensinar que a monarquia submete-se a *Halakah*, e não vice-versa. Cf. SHIMOFF, S. R. *The Age of Solomon: Scholarship at the turn of the Millennium*. New York: Brill – Lowell K. Handy, 1997. p. 457-459.

quem dá de comer ao faminto experimenta Deus; na oração ensina a necessidade de pedir o pão (cf. Mt 6,11; Lc 11,3). O pão da vida e o pão terreno não se contrapõem. O Reino de Deus se realiza dinamicamente como o mínimo que se torna o máximo para os pobres: a vida⁶⁵.

J. Sobrino, o fato de o Reino de Deus oferecer esse mínimo – a vida – aos pobres e isso tornar-se realidade, adverte para a necessidade de falar da escatologia plenificante, sem esquecer a protologia da criação, e de falar da vida em plenitude, sem descuidar da vida básica⁶⁶. Apelar para o mistério e a vida plena, para desvalorizar o básico e mínimo da vida, pressupõe uma compreensão distorcida do Deus de Jesus: “A vontade de Deus não é nenhum mistério, principalmente no que se refere ao irmão e ao amor”⁶⁷.

Portanto, o anúncio da boa-nova aos pobres se realiza a partir do que os pobres necessitam: uma nova realidade. Os pobres deixarão de ser vítimas da distribuição injusta de bens (cf. Is 61,1-2; Lc 4,16-30). A boa-nova é a libertação dos oprimidos⁶⁸. Assim, a última via de averiguação para compreender a categoria Reino de Deus é a práxis de Jesus.

2.1.3 Via da prática de Jesus

De modo geral, as teologias atuais aceitam que o Reino de Deus significa realidade esperançosa. O perigo desta afirmação se manifesta quando essa esperança se dá numa mera expectativa da vinda do Reino sem que a prática a acompanhe. Por isso, pergunta-se: Que tipo de esperança Jesus indicava e gerava? Apenas como expectador ou como fato? Jesus pensava que o Reino de Deus viria gratuitamente, pelo simples fato de suplicar por ele na oração? Ou Jesus também exigiu algo dos ouvintes?⁶⁹

Historicamente Jesus anunciou o Reino e fez coisas relacionadas com o Reino⁷⁰. Os Sinóticos apontam o sumário do anúncio do Reino e também os sumários da atividade de Jesus. “Jesus percorreu toda a Galiléia; pregava em sinagogas e expulsava os demônios” (Mc 1,39); “Jesus curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,34; cf. Mt 8,16; Lc 4,40-41); em At 10,38 se diz que Jesus

⁶⁵ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 133; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 484.

⁶⁶ Cf. Idem., p. 134; Cf. Idem., p. 503.

⁶⁷ KÄSEMANN, E. *La llamada de la libertad*. Salamanca: Sígueme, 1974. p. 35.

⁶⁸ Cf. ESCUDEIRO FREIRE, C. *Devolver el Evangelio a los pobres*. Salamanca: Sígueme, 1978. p. 270.

⁶⁹ Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 480-481.

⁷⁰ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 136.

“passou fazendo o bem, curava a todos que o diabo mantinha escravizados, pois Deus permanecia com ele”.

Desta forma, conforme J. Sobrino, o Reino não contém só o conceito de esperança ou de sentido, mas inclui também a exigência da práxis para que ele tenha início. Logo, quando se constrói ou se faz o Reino, a existência real do anti-reino se dá a conhecer⁷¹.

Nesse sentido são entendidos os milagres, a expulsão de demônios, a acolhida aos pecadores, as parábolas do Reino de Deus e a celebração da vinda do Reino: traços da pregação e da práxis de Jesus que mostram a força do Reino e a caducidade do anti-reino.

2.1.3.1 Os milagres: clamores do Reino

Os milagres de Jesus simbolizam a presença do Reino. Revelam que Deus se aproxima das vítimas com misericórdia.

Na visão de J. Sobrino, dois mal-entendidos necessitam ser evitados na compreensão dos milagres como sinais libertadores da presença do Reino⁷²:

- a) O primeiro é o da concepção ocidental moderna, segundo o qual o milagre consiste numa violação das leis da natureza. Desta forma, os milagres são entendidos como expressão de poder supranatural. Mas os judeus não concebiam a natureza como sistema fechado e por isso os milagres lhes revelavam a ação salvífica poderosa de Deus. Os termos bíblicos sobre milagres nos relatos evangélicos não descrevem algo extraordinário e incompreensível. São os termos *semeia*⁷³, *dynameis*⁷⁴ e *erga*⁷⁵.

⁷¹ Cf. Idem.

⁷² Cf. *Ibidem.*, p. 137-138.

⁷³ *Semeion* (sinal que prenuncia, milagre que dá testemunho): à diferença dos milagres de cura de Jesus e atos de poder (*dynameis*), os sinais revelam a justiça auxiliadora do Reino de Deus e pressupõem a fé. BETZ, O. *Semeion*. In BALZ; SCHNEIDER, (orgs.). *Diccionario*, v. 2, p. 1.389-1.391.

⁷⁴ *Dynamis* (atos de poder, força): ocorre 119 vezes no NT. Pertence à terminologia dos milagres. Os milagres de Jesus descendem de Deus mesmo (cf. Lc 5,17). Deus sempre atua nos milagres; não constitui um poder inerente ao corpo e que flui automaticamente de Jesus. Os milagres apontam para o acontecimento da salvação. Luta-se contra os poderes demoníacos (cf. Mc 3,27), mostrando a irrupção do Reino de Deus neste mundo (cf. Lc 11,20). FRIEDRICH, G. *Dynamis*. In BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998. v. 1, p. 1.085-1.086.

⁷⁵ *Ergon* (obras de Jesus, tarefa): mesmo com a aparição relativamente escassa nos Sinóticos, apenas 10 vezes, o termo ocorre 169 no NT. Como coisa dada por Deus, a obra de Jesus designa a totalidade da ação reveladora levada a cabo por Jesus. Em Mt 11,2-6, as obras de Cristo desempenham prova de legitimidade. HEILIGENTHAL, R. *Ergon*. In BALZ; SCHNEIDER (orgs.), *Diccionario*, v. 1, p. 1.571-1.572.

b) O segundo consiste em considerá-los imediatamente em chave cristológica pelo que significam como descontinuidade em relação a outros seres humanos. Os milagres são interpretados em si mesmos como acesso inequívoco à realidade de Jesus, o que torna o poder supranatural e divino dos milagres demasiadamente enfatizado.

Os milagres demonstram, em primeiro lugar, a proximidade misericordiosa do Reino de Deus. J. I. González Faus afirmou, acertadamente, que os milagres elucidam só sinais do Reino. Eles não conduzem à solução global da realidade oprimida; manifestam a real proximidade de Deus e por isso geram esperança de salvação⁷⁶.

Neste sentido, se os milagres expressam só sinais, em que estes ajudam a compreender o Reino de Deus? Para J. Sobrino, os milagres não respondem à realidade do Reino de Deus enquanto transformação estrutural da realidade, mas são clamores para conduzir à direção correta do advento do Reino⁷⁷.

Esses sinais do Reino se corporificam numa história de opressão. São compreendidos não só a partir do Reino, mas também – dialeticamente – a partir do anti-reino. Exemplo disto é a expulsão dos demônios, que acentua não só o caráter benéfico em favor de alguém, mas também seu traço libertador contra alguém⁷⁸.

Jesus expulsa demônios, cura doenças e enfermidades de vários tipos. E nos milagres os pobres vêm a salvação⁷⁹. Notam que o Reino vai acontecendo e que o anti-reino experimenta seu fim. E, como os milagres se realizaram numa história de opressões concretas, assim também brotam salvações plurais na vida cotidiana: “salvar é curar, exorcizar, perdoar, por meio de ações que afetam o corpo e a vida”⁸⁰.

Os pobres, ao contrário dos grupos apocalípticos que esperavam prodígios como sinais da vinda do Reino, entenderam e acolheram os milagres de Jesus. Eles esperavam salvação de inúmeras injustiças cotidianas. E percebem que Deus age com misericórdia a seu favor.

Assim, os milagres desvendam uma dimensão fundamental da cristologia: a

⁷⁶ Cf. GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Clamor del Reino*: estudio sobre los milagros de Jesús. Salamanca: Sígueme, 1982. p. 156-159.

⁷⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 138.

⁷⁸ Cf. Idem; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 481.

⁷⁹ Cf. Idem., p. 139; Cf. Idem., p. 482.

⁸⁰ LAURET, B. Christologie dogmatique. In LAURET, B.; REFOULÉ, F. (orgs.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1982. v. 2, p. 328.

misericórdia de Jesus⁸¹.

Jesus se sente profundamente compadecido pela dor alheia (cf. Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2; Lc 7,13). Tal atitude de Jesus é expressa pelo verbo *splagchnízomai*⁸², proveniente do substantivo *splagchnon*: ventre, entranhas, coração, símbolo da realidade última do ser humano. A realidade da dor penetra no mais profundo de Jesus e por isso ele reage com misericórdia⁸³.

A misericórdia diante dos pobres (*misereor super turbas*)⁸⁴, desprotegidos e humilhados deslinda algo primeiro e último na prática de Jesus. A misericórdia de Jesus não significa sentimento qualquer, nem uma virtude a mais, mas atitude e prática fundamentais⁸⁵. Lucas realça essa atitude quando define o homem pleno a partir da misericórdia, como o samaritano “movido pela misericórdia” (Lc 10,33) e o próprio Deus a partir da misericórdia: o pai do filho pródigo “movido pela misericórdia” (Lc 15,20). Daí a exigência da misericórdia: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

A partir da imensa compaixão, a respeito da dor dos pobres, compreendem-se outras atitudes de Jesus. Para ele se entende a misericórdia como exclusiva e última⁸⁶. Amplia-se hoje a compreensão dos milagres. Estes não oferecem apenas ajudas benéficas, “obras de misericórdia”, mas geram também esperança de libertação. Portanto, os atuais milagres se concretizam na presença do poder opressor e contra ele⁸⁷.

Mas Jesus não realiza milagres de uma forma qualquer. Ele os realiza por meio da fé que as pessoas demonstram para serem curadas (cf. Mc 5,36) ou deixa de fazê-los por causa da incredulidade (cf. Mc 6,5-6; Mt 13,58). Mas o que significa a fé?

A fé, nesse caso, é aceitação e convicção profunda de que Deus é bondoso para com o fraco e que a bondade triunfa sobre o mal. Como a fé exige mudança radical na

⁸¹ Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 483.

⁸² *Splagchnízomai* (compadecer-se, ter misericórdia): no NT, o verbo ocorre 12 vezes unicamente nos Evangelhos Sinóticos. As experiências relatadas nos Evangelhos testemunham Jesus como quem acolhe com misericórdia as pessoas que se deparam em alguma aflição e lhes presta ajuda. Caracteriza-se Jesus como o representante da misericórdia de Deus. WALTER, N. *Splagchnízomai*. In BALZ; SCHNEIDER (orgs.), Dicionario, v. 2, p. 1.468-1.470.

⁸³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 140-141; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 483.

⁸⁴ Cf. SOBRINO, J. *Misereor super turbas*. *Christus*, México, n. 662, p. 36-38, 1993.

⁸⁵ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 141.

⁸⁶ Ver o bellissimo artigo de J. Sobrino, La Iglesia samaritana y el principio-misericordia, publicado originalmente em *Sal Terrae*, Barcelona, n. 927, p. 665-678, 1990, e depois publicado no livro O Princípio Misericórdia, p. 31-45.

⁸⁷ Cf. Idem., p. 142; Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 484-485.

própria compreensão de Deus, Jesus relaciona o anúncio do Reino de Deus com a conversão e com a boa-nova da aproximação de Deus⁸⁸.

Quem chega a fazer o ato de fé fundamental na bondade de Deus converte-se radicalmente, pois a fé se apóia “no único poder capaz de sarar e salvar o mundo, no único poder capaz de fazer o impossível [...] no poder do bem e da verdade, isto é o poder de Deus”⁸⁹. Quem crê assim sente-se curado interna e externamente⁹⁰.

Jesus possibilita e suscita a fé entre as pessoas, convidando-as a crer em Deus. Esta fé supera o fatalismo, faz crer em novas possibilidades antes negadas na história dos pobres; faz crer num Deus do Reino contra os ídolos do anti-reino⁹¹.

2.1.3.2 Expulsão de demônios: vitória sobre o maligno

A presença do Reino de Deus faz caducar o anti-reino. Mas não sem luta e resistência do maligno que o sustenta. O triunfo do Reino de Deus, porém, é certo⁹².

No AT e no tempo de Jesus, existia a convicção de que no mundo habitavam forças demoníacas desconhecidas. “Reinava o terror extraordinariamente intenso dos demônios. Enfermidades de toda índole eram atribuídas à ação dos demônios”⁹³.

Jesus reage nesse mundo escravizado pelos demônios. O NT participa desta visão e radicaliza-a ao unificar as diversas forças maléficas plurais no maligno. Jesus concentra a multiplicidade dos demônios na figura única de Satanás. O mal permeia tudo, invade o mundo como força negativa da criação e exprime-se histórica e socialmente como anti-reino⁹⁴.

Jesus, porém, transforma a visão demoníaca ou demonológica ao asseverar que

⁸⁸ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 143.

⁸⁹ NOLAN, A. “¿Quién es este hombre?” Jesús, antes del cristianismo. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1984. p. 55-56.

⁹⁰ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 143.

⁹¹ Cf. Idem., p. 144.

⁹² Cf. Idem. Algumas reflexões baseiam-se também nos artigos de J. A. Ruiz de Gopegui. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 79, p. 327-352, 1997 e de J. I. González Faus. Jesús y los demonios: introducción cristológica a la lucha por la justicia. *Estudios Eclesiástico*, Madrid, n. 203, p. 487-519, 1977.

⁹³ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 115.

⁹⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 145. Na América Latina persistem calamidades inenarráveis, acompanhadas de sentimentos de indefesa e impotência. O impacto mais profundo da Teologia da Libertação consiste precisamente em propiciar os pobres a superarem esses sentimentos de indefesa e impotência, a crerem na possibilidade da libertação das forças opressoras diante das calamidades históricas.

essas forças, superiores ao homem, não dominam a Deus. Supera o maligno pela libertação da escravidão. O próprio Jesus “vem com a autoridade de Deus não só para exercer a misericórdia, mas também, e principalmente, para empreender a luta contra o Maligno”⁹⁵.

Os Evangelhos descrevem a ação de Jesus com relação aos demônios como expulsão, *ekballo*⁹⁶, diferente da terminologia comum da época para designar os exorcismos. Por isso, com Jesus, começou a aniquilação do maligno (cf. Mc 1,24; Mt 12,28). O Reino chega porque Jesus exerce poder para vencer o anti-reino⁹⁷. E ele envia os discípulos com a mesma missão de expulsar demônios (cf. Mc 3,14-15; 6,7; Mt 10,8; Lc 10.19).

Para J. Sobrino, a expulsão de demônios comprova que o Reino de Deus se aproxima, mas com características mais claras e específicas do que nas narrações de milagres. A chegada do Reino se torna não só benéfica, mas libertadora, fazendo evidente o Reino e o anti-reino, realidades formalmente excludentes e antagônicas⁹⁸.

A atividade libertadora de Jesus é interpretada como manifestação de realidades excludentes: para uns ela provém de Deus, para outros provém dos demônios (cf. Mt 12,24; Mc 3,22; Jo 7,20; 10,20). Nesta realidade conflituosa, escolhe-se entre Deus e o Maligno e também entre o que ambos geram: Reino e anti-reino. Mas, diante do poder libertador de Jesus, os demônios resistem e lutam porque não querem ser aniquilados. O anti-reino oferece resistências. Assim se dá a vinda do Reino: através de luta e conflito. O Reino não acontece de forma pacífica e ingênua. Jesus se confronta com os adversários históricos e nessa luta empenha-se pela implantação do Reino. Para J. Sobrino, construir o Reino implica necessariamente em lutar ativa e permanentemente contra o anti-reino⁹⁹.

2.1.3.3 Acolhida aos pecadores

Jesus convive com os pecadores: coletores de impostos (cf. Mc 2,13-17; Mt

⁹⁵ JEREMIAS, Teología del Nuevo Testamento, p. 117.

⁹⁶ *Ekballo* (arrojar, expulsar) surge 81 vezes no NT. Expressa geralmente dimensão teológica nos Evangelhos Sinóticos. Designa a expulsão dos demônios. E isto comprova os sinais da chegada do Reino de Deus. Pois, os seguidores de Jesus (cf. Mc 7,22; 16,17) e outras pessoas (cf. Mc 9,38 par; Lc 9,49) realizam exorcismos “em nome de Jesus”. ANNEN, F. *Ekballo*. In BALZ; SCHNEIDER, (orgs.). Diccionario, v. 1, p. 1.236-1.237.

⁹⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 145.

⁹⁸ Cf. Idem.

⁹⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 146.

9,9-13; Lc 5,27-32; 19,1-10), prostituta (cf. Lc 7,36-50), samaritana (cf. Jo 4,7-42). Jesus acolhe os pecadores e não se arvora em juiz severo. Essa atitude fundamental de acolhida se manifesta esplendidamente nas parábolas (cf. Lc 15,4-10; 11-32; 18,9-14; Mt 18,12-14), chegando a fazer a escandalosa afirmação de que os coletores de impostos e as prostitutas entrarão no Reino de Deus antes dos piedosos ouvintes do Templo (cf. Mt 21,31).

Na visão de J. Sobrino, esses relatos não mostram Jesus perdoando pecados, mas manifestando acolhida terna e carinhosa aos pecadores¹⁰⁰. Em apenas duas passagens, Jesus concede perdão: ao paralítico (cf. Mc 2,10) e à mulher pecadora (cf. Lc 7,48). Por isso, é preciso falar mais de acolhida aos pecadores que de perdão dos pecados. Jesus proclama a irrupção do Reino de Deus¹⁰¹, acolhendo os pecadores. O Reino transborda e se faz boa-nova. Sua vinda garante ao pecador a superação de todos os seus temores¹⁰².

J. Sobrino se pergunta: O que Jesus entende por pecador? Responde-o não a partir da terminologia, mas da ação global de Jesus. Por um lado, surge, em linguagem atual, o “pecador opressor”. Essa opressão consiste em oprimir, praticar a injustiça, a exploração... Por outro, existe também o “pecador por fraqueza” ou o “legalmente pecador”¹⁰³.

Jesus age de forma diferenciada diante desses tipos de pecadores. Oferece salvação a todos e a todos põe exigências. Dos primeiros, exige diretamente conversão radical. A vinda do Reino para esses se realiza quando deixam de ser opressores, embora Jesus ofereça a eles possibilidade de salvação¹⁰⁴. Dos outros, Jesus exige a aceitação da bondade e do amor de Deus, que não vem condenar, mas salvar. Este Deus difere daquele anunciado pelos opressores: ele vai ao encontro do pecador, mostra ternura e compaixão¹⁰⁵. Portanto, com a vinda do Reino, a pecaminosidade humana se vê simultaneamente acompanhada pela acolhida e pelo perdão por parte de Jesus.

Se os milagres e a expulsão de demônios expressam a libertação do mal físico e do poder do mal, a acolhida exprime a libertação do pecador do próprio princípio exterior da escravidão. O Autor salvadorenho acredita em algo que liberta internamente o pecador

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 148.

¹⁰¹ Cf. *Idem.* Usa-se o termo da acolhida para o pecador – mais do que o perdão – para exprimir a totalidade e riqueza da iniciativa e da gratuidade de Deus, todavia sabe-se da importância do perdão para o pecador.

¹⁰² Cf. *Ibidem.*, p. 148-149.

¹⁰³ *Ibidem.*, p. 149.

¹⁰⁴ Os Evangelhos quase não mencionam a missão de Jesus neste campo. Apenas relatam a conversão de Levi (Mateus), e o evangelista Lucas exemplifica em que consiste a conversão dos opressores no relato de Zaqueu. Mas necessita-se incluir essa reflexão no projeto pastoral na atual missão da Igreja.

¹⁰⁵ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 149.

de si mesmo: o perdão-acolhida, que acentua a graça, o amor incondicional de Deus¹⁰⁶.

A acolhida revela a libertação porque devolve dignidade aos desprezados e marginalizados pela sociedade. J. Jeremias comenta o relato de Zaqueu:

O fato de Jesus querer se hospedar em casa desse homem desprezado e a quem todos evitavam é para Zaqueu inconcebível. Jesus lhe devolve a honra perdida, ao hospedar-se na sua casa e ao partir o pão com ele. Jesus lhe concede comunhão... Da experiência da graça nasce a conversão. A bondade de Deus demonstra o único poder pelo qual conduz o homem realmente à conversão¹⁰⁷.

O gesto de amizade de Jesus aproxima os outros de si e supera a oposição imposta pela sociedade¹⁰⁸. A singularidade de Jesus se evidencia quando, através da proximidade dos grupos desprezados da época, devolve aos excluídos a dignidade¹⁰⁹.

A acolhida de Jesus aos pecadores causa escândalo. Os adversários de Jesus se indignam com o fato de ele comer com coletores de impostos e pecadores (cf. Mc 2,16; Mt 9,11; Lc 15,2) e, sobretudo, de perdoar pecados: “Por que fala assim este homem? Ele blasfema! Quem pode perdoar os pecados senão Deus?” (Mc 2,7). O escândalo se radicaliza quando Jesus oferece o perdão-acolhida, independente das prescrições cúlitas. A imagem de Deus revelada por Jesus causa escândalo, rompe e derruba o mais sagrado: o cumprimento da Lei. Deus se oferece como graça àqueles considerados pecadores pela sociedade. Ressurge a parcialidade de Deus¹¹⁰. Jesus não veio buscar justos, mas pecadores.

Jesus desmascara o sentido que se dava aos termos “justos” e “pecadores”. A parábola dos dois homens que se dirigiram ao Templo para orar (cf. Lc 18,9-14) revela sua noção de justiça. O aparentemente justo não sai justificado, enquanto o que se reconhece pecador é justificado. O pecado do fariseu se enraíza na auto-suficiência diante de Deus e no desprezo aos outros. O coletor de impostos, por outro lado, deixa-se acolher por Deus.

A parcialidade e a gratuidade de Deus causam escândalo porque abalam a sociedade religiosa oficial. Jesus assegura que o Reino de Deus se aproxima como boa-nova, no qual os pecadores se deixam acolher por Deus¹¹¹.

¹⁰⁶ Cf. *Idem.*, p. 150.

¹⁰⁷ JEREMIAS, *Teología del Nuevo Testamento*, p. 187.

¹⁰⁸ Cf. THEISSEN; MERZ, *O Jesus Histórico*, p. 420.

¹⁰⁹ Cf. SOBRINO, *Jesus, o Libertador*, p. 150.

¹¹⁰ Cf. *Idem.*, p. 151.

¹¹¹ Cf. *Ibidem.*

2.1.3.4 Parábolas do Reino de Deus

A reflexão sobre milagres, expulsão de demônios e acolhida de pecadores interpreta os “atos” de Jesus. Com as parábolas do Reino, pesquisam-se os “ditos” do anúncio da vinda do Reino¹¹², embora existam outros “ditos”: ensinamentos, exigências, orações.

Não se nega o núcleo histórico das parábolas de Jesus, mas elas sofreram releituras pelas primeiras comunidades cristãs¹¹³. As transformações não lhes obscurecem o sentido original. A partir do seu gênero literário¹¹⁴, esclarece-se o sentido do Reino.

As parábolas relatam fatos baseados na vida cotidiana. Em primeiro lugar, falam do Reino, embora não o definam. Em segundo lugar, a interpretação do conteúdo do fato relatado exige decisão do ouvinte, não admitindo neutralidade. “A parábola não força o julgamento: o ouvinte se vê diante de duas possibilidades”¹¹⁵: aceitar ou não o modo como o Reino se manifesta. Em terceiro lugar, por seu conteúdo concreto e vital, as parábolas suscitam polêmicas. Faz parte da estratégia global de Jesus em favor dos pobres desmontar o mecanismo ideológico com que os próprios pobres vestiam a religião popular, mantendo os benefícios dos poderosos de Israel. As parábolas são mecanismo desideologizador e conscientizador, e não simplesmente a pregação de um mestre de moral universal¹¹⁶.

Para J. Sobrino, o modo de traduzir o conteúdo central das parábolas se modifica conforme o público. Geralmente os ouvintes representam os adversários de Jesus, aqueles que lhe criticam a preferência pelos pobres e pecadores¹¹⁷ (cf. Lc 15,2; 18,9; Mt 21,23). Diante dos adversários, Jesus reitera a mensagem central: o Reino pertence aos pobres, aos fracos e aos desprezados. Os pobres e pecadores esperam em Deus com alegria e sem medo. Por isso, a proximidade do Reino torna-se verdadeiramente boa-nova¹¹⁸.

Jesus, nas parábolas, defende os pobres e justifica a atuação parcial de Deus em favor deles. Àqueles que não aceitam e rejeitam Jesus, demonstram-se a parcialidade e

¹¹² Cf. TROCMÉ, E. *Jesús de Nazaret: visto por los testigos de su vida*. Barcelona: Herder, 1974. p. 116.

¹¹³ Cf. JEREMIAS, As parábolas, p. 112-113; Cf. PERRIN, N. *Jesus and the Language of the Kingdom: Symbol and Metaphor in New Testament Interpretation*. Philadelphia: Fortress Press, 1976. p. 101.

¹¹⁴ Cf. LAURET, op. cit., p. 321-326.

¹¹⁵ Idem., p. 322-323.

¹¹⁶ Cf. SEGUNDO, O homem de hoje, p. 204-207.

¹¹⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 154.

¹¹⁸ Cf. Idem.

gratuidade do Reino simplesmente através da bondade e misericórdia, porque Deus manifesta-se assim. O destinatário do Reino ajuda a concretizar o conteúdo do mistério de Deus. O NT manifesta a imagem de Deus como amor. A partir da evidente desumanidade a que estão submetidos os pobres, revela-se a humanidade de Deus em forma de ternura, entrega amorosa e acolhida.

Quanto à mensagem central, as parábolas ainda revelam certo caráter de crise¹¹⁹. Jesus adverte os ouvintes: compara-os às crianças sentadas nas praças que nem dançam ao toque da flauta e nem se lamentam ao canto fúnebre (cf. Mt 11,16-19; Lc 7,31-35); à figueira estéril (cf. Lc 13,6-9), ao homem que dorme (cf. Mt 24,43s; Lc 12,39s) e ainda ao rico insensato que sonha com grandes colheitas enquanto o senhor o chama naquela mesma noite para a prestação de contas (cf. Lc 12,16-21).

Essas parábolas de crise são dirigidas à multidão. Mas existem outras parábolas de crise que se voltam contra os adversários de Jesus, os dirigentes do povo, com advertências duríssimas. Aos escribas, Jesus endereça a parábola do servo fiel (cf. Mt 24,45-51; Lc 12,42-46), a dos talentos (cf. Mt 25,14-30; Lc 19,12-27), a do porteiro vigilante (cf. Mc 13,33-37; Lc 12,35-38). Aos fariseus, recrimina as ações e adverte que cairão sob o juízo de Deus (cf. Mt 7,3-5; 15,14; Lc 6,41-42; Jo 10,1-21). A Jerusalém ameaça com a parábola da galinha e dos pintinhos (cf. Mt 23,37; Lc 13,34). Compara Israel à figueira estéril (cf. Lc 13,6-9) e ao sal que perdeu o sabor (cf. Mt 5,13; Mc 9,50; Lc 14,34-35). Estes relatos acentuam a vinda do Reino através da crise, pois provocam reações nas consciências dos ouvintes.

As parábolas geram também esperança na irrupção do Reino¹²⁰. As parábolas de contraste – o grão de mostarda: cf. Mc 4,30-32; Mt 13,31-32; Lc 13,18-19; o fermento: cf. Mt 13,33; Lc 13,20-21; o semeador: cf. Mc 4,3-8; Mt 13,3-8; Lc 8,5-8 e o camponês paciente: cf. Mc 4,26-29 – proclamam o começo modesto e o fim vigoroso do Reino. Aqueles aos quais Jesus dá a entender o mistério do Reino de Deus (cf. Mc 4,11) vislumbram nessas parábolas os inícios simples do Reino que está para começar¹²¹.

Por fim, algumas poucas parábolas exprimem a alegria que o Reino de Deus gera por ser boa-nova¹²². Os relatos do tesouro escondido e da pérola preciosa (cf. Mt 13,44-46) expressam esse contentamento. A alegria de Deus, demonstrada nas parábolas da acolhida aos

¹¹⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 155. Cf. DODD, C. H. *Le parabole del regno*. Brescia: Paidéia, 1970. p. 145-162.

¹²⁰ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 156.

¹²¹ Cf. JEREMIAS, As parábolas, p. 155-156; Cf. THEISSEN; MERZ, op. cit., p. 284-285.

¹²² Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 156-157.

pequenos, corresponde à alegria de quem descobriu o Reino. “A boa-nova da vinda do Reino gera alegria, orienta a vida para a consumação da comunhão com Deus e motiva a entrega apaixonada”¹²³.

2.1.3.5 Celebração da vinda do Reino

Além do anúncio e da prática do Reino, Jesus celebra-lhe a vinda, sobretudo em forma de refeição. Os Evangelhos falam das refeições nas parábolas, nos milagres, na multiplicação dos pães... Jesus lhes confere importância especial, a própria vida: come com pecadores e desprezados (cf. Mc 2,15; Mt 9,10-11; Lc 7,36-47) ou despede-se dos discípulos numa ceia (cf. Mc 14,12-25; Mt 26,17-29; Lc 22,7-20). Após a ressurreição, várias narrativas de aparições são descritas em forma de refeição (cf. Lc 24,29-31; Jo 21,12-13). As refeições celebram a vinda do Reino e a realização dos ideais de paz e comunhão universal, gerando a alegria do Reino: “Feliz de quem participar da refeição no Reino de Deus” (Lc 14,15).

Para celebrar a vinda do Reino, Jesus se senta à mesa com coletores de impostos, pecadores, prostitutas, aqueles que o anti-reino excluía. Nas parábolas, Jesus sublinha que no Reino participarão do banquete os desprezados, os que nunca chegaram a ser convidados: “pobres, aleijados, cegos e coxos” (Lc 14,21) e também os “maus e bons” (cf. Mt 22,1-10). Segundo J. Sobrino, o anti-reino reage a essa prática de Jesus. Os adversários questionam a alegria de comer juntos e acusam Jesus de “glutão e beberrão” (Mt 11,19); e se escandalizam ao vê-lo “comer com pecadores e coletores de impostos” (Mc 2,16; Mt 9,10-11; Lc 7,34)¹²⁴.

Os adversários de Jesus permanecem cegos à proximidade do Reino de Deus. Jesus proclama as parábolas da alegria de Deus para que os pobres e desprezados sentassem à mesa do Reino. Jesus comunica e celebra tal alegria¹²⁵, pois, para ele, o Reino já chegou! Na América Latina, os pobres celebram os sinais benéficos e libertadores do Reino: a mesa compartilhada¹²⁶, o pão em todas as mesas, uma sociedade sem Lázarus e

¹²³ JEREMIAS, As parábolas, p. 201.

¹²⁴ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 158.

¹²⁵ Cf. Idem., p. 158-159.

¹²⁶ Cf. AGUIRRE, R. *La mesa compartida: estudios del Nuevo Testamento desde las ciencias sociales*. Santander: Sal Terrae, 1994. p. 121-133; Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 100; Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 358.

ricos avarentos. Enfim, a festa da Eucaristia manifesta o extraordinário sinal do Reino de Deus¹²⁷.

2.2 Categoria Reino de Deus: organização sistemático-teológica

Ao recuperar o Jesus histórico e o significado revelador de sua existência terrena, descobre-se um fato central para a cristologia: Jesus não fez de si mesmo o centro de sua pregação. Então, quais são as realidades centrais da vida e da pregação de Jesus? Na vida e na pregação de Jesus, qual é a sua relação com o Reino de Deus e com o Deus do Reino?

2.2.1 Jesus como mediador absoluto do Reino de Deus

A cristologia da libertação compreende que o “último” para Jesus é o Reino de Deus. Para tanto, essa cristologia começa sua reflexão, metodologicamente, com Jesus de Nazaré. Nele surge com toda evidência a relação entre Jesus e o Reino de Deus.

J. Sobrino vê a possibilidade de estabelecer, a partir de algo central do Jesus histórico, a edificação da relação de Jesus com o Reino de Deus¹²⁸.

Para desenvolver o sentido de Jesus como mediador absoluto do Reino de Deus, analisaremos as seguintes questões: o significado do “último” para Jesus – o problema teológico; a ultimidade de Jesus a partir do Reino de Deus; e a proximidade do Reino de Deus – o problema escatológico.

2.2.1.1 Que significa o “último” para Jesus? Problema teológico

Ao colocar essa pergunta, J. Sobrino propõe o problema de forma teológica.

¹²⁷ J. Sobrino descreve a fenomenologia do pão, para explicar que “o pão – como símbolo primário da vida – é sempre mais que pão”. Esse pão se desdobra e põe o ser humano nos diversos âmbitos de sua existência: física e espiritual, pessoal e social, prática e celebrativa, histórica e transcendente. O símbolo primeiro do Reino de Deus, como boa notícia hoje, para J. Sobrino, é o pão. Cf. SOBRINO, *Centralidad del Reino*, p. 503-504.

¹²⁸ Cf. SOBRINO, J. *Cristologia Sistemática. Jesucristo, el mediador absoluto del Reino de Dios*, *In* *Mysterium Liberationis*, v. 1, p. 576.

Busca o sentido daquilo que significa o “último” para Jesus. Para responder a essa questão, ele analisa a ultimidade para Jesus de maneira crítica e dialética¹²⁹.

A argumentação da moderna cristologia realça a peculiaridade e irrepetibilidade de Jesus e sua filiação divina. Mostra a necessidade de a própria cristologia ser relacional e não absoluta. Dessa forma, compreende-se Jesus a partir de algo distinto e maior que ele mesmo. Consequentemente, Jesus não se pregou a si mesmo¹³⁰.

Quando Jesus expulsa os demônios (cf. Lc 11,20), simboliza a proximidade do Reino de Deus e não a ultimidade de si mesmo. As antíteses do sermão da montanha: “Ouvistes o que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo” (Mt 5,22.28.31-34.38-39.43-44) mostram a ultimidade da nova forma de vida. O seguimento radical exigido por Jesus (cf. Mc 8,34ss) expressa o serviço da última salvação ou condenação do ser humano. Quando Jesus pede à multidão e aos discípulos para não se envergonharem dele nem de suas palavras, a razão está em que o Filho do Homem se envergonhará deles (cf. Mc 8,38)¹³¹.

Essas afirmações, para J. Sobrino, mostram que Jesus não se concebeu a si mesmo como o absolutamente último, mas em relação a algo distinto dele¹³².

Jesus não anunciou Deus simplesmente. Deus não consiste no último pólo referencial para Jesus. K. Rahner afirma: “Jesus pregou o Reino de Deus e não a si mesmo”¹³³. W. Kasper constata: “o centro e o marco da pregação e atividade de Jesus foi o Reino de Deus que se tinha aproximado. O Reino constituía a ‘causa’ de Jesus”¹³⁴. Para o Autor salvadorenho, os teólogos atuais não mencionam Deus simplesmente como o último para Jesus. Insistem numa afirmação dual: Deus e o Reino, Deus e sua vontade, Deus e a paternidade, e outras¹³⁵.

Sistematicamente, J. Sobrino realça que o último para Jesus é Deus em sua relação com a história dos seres humanos, explicitada como Reino, sua proximidade, sua vontade, seu amor paternal, ou na ordem inversa: uma história que seja segundo Deus¹³⁶.

A razão profunda pela qual Jesus não pregou simplesmente Deus se concentra

¹²⁹ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 346.

¹³⁰ Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 122-123.

¹³¹ Cf. Idem., p. 123.

¹³² Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 346-347.

¹³³ RAHNER, Curso fundamental da Fé, p. 298.

¹³⁴ KASPER, W. *Jesús, el Cristo*. 7. ed. Salamanca: Sígueme, 1989. p. 86.

¹³⁵ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 347.

¹³⁶ Cf. Idem.

nas tradições do êxodo, proféticas, apocalípticas e sapienciais que Jesus herda. Elas não mostram Deus-em-si-mesmo, mas Deus em relação concreta com a história¹³⁷.

As orações de Jesus confirmam a ultimidade do Reino. Duas delas especialmente – a oração de ação de graças (cf. Mt 11,25s) e a oração do horto (cf. Mc 14,32-42) – mostram a vontade de Deus realizada na história e a vontade desejada por Deus para a história¹³⁸. A oração surge como diálogo com Deus-Pai, no horizonte da busca da vontade de Deus, na alegria da chegada do Reino, na aceitação fiel até o fim e na confiança incondicional para com o Pai¹³⁹.

J. Sobrino eleva a dimensão histórica do Reino anunciado por Jesus. Para Jesus, o Reino é “de Deus”, e isso ocorre na história quando Deus reina. Com isso, não descarta as dimensões teologal, transcendente e escatológica do Reino de Deus¹⁴⁰.

O Autor diz que a primeira leitura eclesial dos Evangelhos equipara o Reino de Deus com o Reino dos céus numa versão absolutamente transcendente. Isso se distingue e se opõe ao sentido de que o último para Jesus se realiza de alguma forma na história dos seres humanos. Essa compreensão surge devido à expressão do Evangelho de Mateus: “Reino dos céus”¹⁴¹. A exegese tem mostrado que essa expressão significa um circunlóquio para evitar reverentemente o nome de Deus¹⁴². Mas o Reino de Deus tem também sua versão histórica. Todavia, esta versão não se confunde com a Igreja. Segundo a exegese, o Jesus histórico não quis fundar uma Igreja, tal como surgiu depois no NT; mesmo quando Jesus desejava a restauração de Israel, fiel às melhores tradições de seu povo¹⁴³.

J. Sobrino afirma que o sentido da vida, atividade e destino de Jesus é o Reino¹⁴⁴ e faz considerações sistemáticas sobre o sentido do último para o Mestre de Nazaré¹⁴⁵:

- a) Jesus se refere ao último na unidade de transcendência e história. Essa unidade, numa explicação dual, realiza-se porque Jesus concebe Deus como Deus do Reino.

¹³⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 347-348; Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 124.

¹³⁸ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 348.

¹³⁹ Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 170-171.

¹⁴⁰ Cf. SOBRINO, Centralidad del Reino, p. 487.

¹⁴¹ SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 125.

¹⁴² Cf. KLEINKNECHT, H.; VON RAD, G.; KUHN, K. G.; SCHMIDT, K. L. Basiléus, Basiléia, Basilissa, Basileuo, Symbasileuo, Basileios, Basilikos. In KITTEL, G. *Theological Dictionary of the New Testament*. Michigan: WM. B. Eerdmans, 1977. v. 1, p. 564-593.

¹⁴³ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 348-349; Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 125.

¹⁴⁴ Cf. *Idem.*, p. 349; Cf. *Idem.*

¹⁴⁵ Cf. *Idem.*; Cf. *Ibidem.*, p. 125-126.

Jesus expressa sua relação com o absoluto numa única história: em direção ao Reino de Deus na história da graça e contra o anti-reino na história do pecado.

b) Nenhuma instituição criada chega a ser absoluta, porque põe em perigo a absolutez do Reino de Deus. Jesus não adequou ao Reino de Deus os projetos contemporâneos de rabinos, fariseus, essênios e zelotas. Mas os valores do Reino julgam qualquer tipo de configuração humana, religiosa ou sociopolítica que explícita ou implicitamente se faça passar pelo Reino de Deus. Todavia, o serviço a este Reino exige configurações concretas na história.

2.2.1.2 A ultimidade de Jesus a partir do Reino de Deus

A relação de Jesus com o Reino de Deus surge nos Sinóticos como questão central. J. Sobrino define esta relação como a última vontade de Deus para este mundo. Jesus mostra o Reino e sua proximidade como o realmente último. Isso configura sua pessoa na exterioridade da missão, no fazer história e na interioridade de sua subjetividade, na própria historicidade; e ainda, também desencadeia seu destino histórico de cruz. A ressurreição manifesta a resposta de Deus a quem, por causa do Reino, foi morto pelo anti-reino. Desta forma, para conhecer o especificamente cristão do Reino de Deus é necessário voltar a Jesus; e para conhecer Jesus é urgente voltar ao Reino de Deus¹⁴⁶.

Em diversas ações e práticas, Jesus fala da relação com o Reino de Deus. Essas ações são interpretadas como sinais da vinda do Reino em favor dos pobres, sendo os milagres, a expulsão de demônios, a acolhida aos pecadores vistos como luta contra o anti-reino, e as controvérsias, as denúncias aos opressores como celebração do Reino¹⁴⁷.

Jesus se revela em sua relação com o Reino. Ele surge como mediador de Deus; ele é o mediador da vontade de Deus, aquele que anuncia o Reino, põe sinais de sua realidade e aponta para sua totalidade¹⁴⁸.

Ao proclamar Jesus como o mediador definitivo do Reino de Deus, J. Sobrino – e a cristologia sistemática – traz uma contribuição para a compreensão da fé cristã: toda a vida de Jesus, inclusive a ressurreição, revela a plenitude do humano em sua pessoa¹⁴⁹.

¹⁴⁶ Cf. SOBRINO, *Cristologia Sistemática*, p. 576.

¹⁴⁷ Cf. *Idem*.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem.*, p. 577.

¹⁴⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 578.

Para dar esse salto na fé, faz-se necessário refletir sobre a descontinuidade e continuidade da vinda de Jesus como mediador do Reino. Na linha da descontinuidade, nota-se a audácia de Jesus em proclamar a proximidade do Reino e a vitória indefectível de Deus; a ousadia de anunciar – dentro da ambigüidade do devir histórico – o desenlace definitivo do drama da história; a firmeza em proclamar que foi rompida para sempre a simetria de que Deus em sua chegada se mostra como salvador ou condenador. Mas a prova maior da descontinuidade é o anúncio da vinda da salvação para os pobres. Essa realidade gratuita, salvífica e libertadora de Deus trazida por Jesus através da proximidade do Reino oferece, do ponto de vista histórico, uma descontinuidade para os ouvintes de Jesus¹⁵⁰.

Na dimensão da continuidade, Jesus surge como outros mediadores anteriores – Moisés, os profetas, o servo. Ele participa da corrente da história que é repleta de lealdade para com o real, de misericórdia perante o sofrimento alheio, de justiça diante da opressão das maiorias, de total fidelidade a Deus, de esperança indestrutível, de entrega de sua vida¹⁵¹.

Com essa reflexão, J. Sobrino quer dar sentido à realidade de Jesus como mediador absoluto do Reino de Deus. Ele chama atenção para o seguinte: a audácia de Jesus se remete à sua própria ultimidade transcendente, e a realização do humano em Jesus se refere à sua própria ultimidade humana, não como diferenciação, mas como plenitude do humano¹⁵².

Esse salto da fé se concretizou depois da ressurreição. Nessa perspectiva, a ressurreição confirma a verdade do mediador Jesus e não somente a ação de Deus para revelar sua realidade. Deus ressuscitou aquele que anunciou o início da vida para os pobres e, por isso, foi privado de vida como vítima do anti-reino. Assim, J. Sobrino compreende a ressurreição como a confirmação do mediador, de sua audácia teológica e da plenitude do humano ocorrido em sua pessoa. Então, a partir do Reino de Deus se formula a realidade de Jesus, e a partir da ultimidade do Reino se articula a ultimidade de Jesus¹⁵³.

O Autor salvadorenho realça a ultimidade divina de Jesus na sua relação filial com Deus-Pai e naquilo que é último na humanidade do Nazareno¹⁵⁴:

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 577.

¹⁵¹ Cf. *Idem.*

¹⁵² Cf. *Ibidem.*, p. 578.

¹⁵³ Cf. *Idem*; Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 158-161.

¹⁵⁴ Cf. SOBRINO, *Cristologia Sistemática*, p. 578-579.

a) Em relação à divindade de Jesus, nos Evangelhos, Jesus se relaciona com a pessoa de Deus a quem chama de Pai. Essa relação de Jesus com o Pai se associa com o Deus do Reino. Por isso, a relação de Jesus com o último divino se desenvolve a partir do Deus do Reino e a partir do Pai. Portanto, a partir da ultimidade do Reino de Deus se aborda o divino de Jesus.

b) Em relação à humanidade de Jesus, quando Jesus se confronta com o Reino de Deus, surge a totalidade da pessoa de Jesus em ação. J. Sobrino se guia pelas três perguntas kantianas – e o teólogo salvadorenho acrescenta uma quarta. Nas respostas encontradas, fica expressa a totalidade do humano com relação ao Reino de Deus: o saber que Jesus tem e comunica acerca do Reino de Deus e do anti-reino, a esperança que suscita e mantém a vinda do Reino, a práxis que leva plenamente o serviço do Reino e a celebração histórica da manifestação da presença concreta do Reino.

J. Sobrino deduz que se conhece melhor a interioridade humana de Jesus a partir da exterioridade de sua relação com o Reino. Essa exterioridade se mostra em concreto, *in actu*. Jesus se revela leal à verdade, misericordioso, justo, denunciador e desmascarador, disponível e fiel, o que configura sua interioridade pessoal em referência ao Pai¹⁵⁵.

Conforme o Autor, na relação de Jesus com o Reino de Deus, são postas em relevo algumas características específicas do verdadeiramente humano: a lealdade para com a realidade, a misericórdia como reação primária, a exigência de justiça diante da opressão das maiorias, a fidelidade nas provas e perseguições, o amor maior da entrega da vida: o martírio¹⁵⁶. Nessa relação, o humano de Jesus se exprime como parcial na encarnação, nos destinatários da missão e no próprio destino. E ainda, se revela como o humano solidário.

2.2.1.3 A proximidade do Reino de Deus: problema escatológico

O caráter escatológico foi redescoberto no início do século XX por J. Weiss e A. Schweitzer. A partir disso, surgem entre os especialistas várias discussões sobre o tema. A discussão se concentra em dois pontos: a) se com Jesus o Reino já chegou

¹⁵⁵ Cf. *Idem.*, p. 579-580.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 580.

definitivamente ou não. Trata-se, portanto, do caráter temporal do Reino; b) se para Jesus o Reino é pura obra de Deus ou ação do homem. Trata-se, portanto, do caráter gratuito do Reino¹⁵⁷.

J. Sobrino se pergunta: O que realmente pensou Jesus sobre o Reino de Deus? Jesus pensou na vinda futura do Reino, provavelmente durante sua vida ou ao final dela. O Reino não se fazia totalmente presente com a vinda de Jesus e, no entanto, ele pregou no presente algo último. Jesus também concebeu o Reino como dom de Deus e, no entanto, atuou de forma determinada durante sua vida. Essas contribuições da vida real de Jesus oferecem novo acesso ao escatológico¹⁵⁸.

O que Jesus propõe como escatológico e último é viver na proximidade do Reino. A plenitude, a gratuidade, a historicidade, a transcendência do Reino convergem na resposta do ser humano ao seguimento de Jesus (cf. Mc 8,34)¹⁵⁹. O seguimento de Jesus se torna lugar primordial de toda epistemologia teológica cristã. A partir daí compreende-se a escatologia: a tensão pensada entre dom de Deus e tarefa humana se dissolve a partir do seguimento de Jesus. Na práxis do amor e da justiça, o Reino se aproxima, torna-se presente e, na práxis conflituosa em meio ao pecado do mundo, firma-se a esperança no futuro de Deus¹⁶⁰.

O seguimento de Jesus propõe que a plenitude do Reino se compreende a partir da e na realidade histórica, possibilitando viver e construir o Reino conforme a vontade de Deus.

J. Sobrino aponta o seguimento de Jesus, não como mera imitação mecânica, para que a Igreja, e toda pessoa, aprenda como servir historicamente a proximidade do Reino. Resumidamente, ele evidencia o fundamental de Jesus na proximidade do Reino: Deus se mostra maior que qualquer configuração histórica, e, paradoxalmente menor, porque seu rosto se revela nos pequenos e oprimidos; o pecado tem nomes concretos na história e se encarna no indivíduo e na sociedade. A práxis do amor consiste no último a realizar; esse amor exige eficácia, sendo traduzido em justiça para as maiorias oprimidas. O seguimento de Jesus é parcial em favor dos pobres e oprimidos. É preciso estar disposto, como Jesus, a mudar, a converter-se, a passar por certa ruptura, a deixar Deus ser Deus; e ainda, estar disponível à entrega, ao sacrifício, à perseguição, a dar a própria vida e não

¹⁵⁷ Cf. SOBRINO, Jesús y el Reino, p. 361-362; Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 139-140.

¹⁵⁸ Cf. Idem., p. 362; Cf. *Ibidem.*, p. 140.

¹⁵⁹ Cf. Idem; Cf. Idem.

¹⁶⁰ Cf. Idem; Cf. *Ibidem.*, p. 140-141.

guardá-la para si¹⁶¹.

Para o Autor salvadorenho, o seguimento de Jesus a serviço do Reino possibilita pensar as seguintes questões: Quais são as mediações concretas que se aproximam mais do Reino de Deus? Quais sistemas sociais, econômicos e políticos se fazem mais iluminadores da proximidade do Reino? Onde se faz presente o Espírito de Jesus: nos centros do poder ou no rosto dos oprimidos? Como conceber e organizar a Igreja: a partir das cúpulas institucionais ou a partir das bases do povo? Quais são os pecados concretos a serem denunciados hoje?¹⁶².

J. Sobrino propõe o problema da escatologia do Reino para aprender de Jesus como viver, como ser Igreja na fé e na esperança de que o Reino se aproxima¹⁶³.

2.2.2 A centralidade do Reino anunciado por Jesus em favor dos pobres

O Reino de Deus anunciado por Jesus torna-se central na vida cristã e na missão da Igreja. Três temas fundamentais de grandeza evangélica e que tem estreita relação com o Reino serão aqui abordados: a utopia, o pobre e o seguimento de Jesus¹⁶⁴. Mesmo que esses temas já tenham sido mencionados nos itens anteriores, é necessário analisá-los de novo, pelo caráter significativo que J. Sobrino lhes atribui em sua teologia sobre o Reino de Deus.

Em sua teologia, o Autor dá centralidade ao Reino. Quer ser fiel ao Jesus histórico, que não se preocupou com a Igreja, mas com o Reino. Para ele, o Reino é categoria globalizadora que atinge todas as instâncias do real.

O Reino de Deus surge no AT como expressão do desígnio salvífico de Deus e da esperança do povo. Israel passou por vicissitudes e tragédias, mas manteve perseverante a fé na esperança. Experimentou Deus na história. No Egito, Deus escutou os clamores do povo oprimido e desceu para libertá-lo. Essa foi a origem de sua confissão de fé: “Ele vem para julgar a terra: ele vai julgar o mundo com justiça, e as nações com sua verdade” (Sl 96,13).

¹⁶¹ Cf. *Ibidem.*, p. 363; Cf. *Ibidem.*, p. 142.

¹⁶² Cf. *Ibidem.*, p. 363-364; Cf. *Idem.*

¹⁶³ Cf. *Ibidem.*, p. 364; Cf. *Idem.*

¹⁶⁴ Cf. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 135-160.

J. Sobrino constata que, quando Deus reina, o mundo se torna o Reino de Deus. Por isso, antes de falar de Reino de Deus, é necessário mencionar o Reinado de Deus¹⁶⁵. Esse Reinado deseja com ardor o ideal da justiça. Deus mostra que reina no mundo através da bondade e da misericórdia para com todas as criaturas (cf. Sl 86,15; 145,9). Ele transforma a injusta realidade histórica em justiça, na qual prevalece a solidariedade, para que não haja mais pobres (cf. Dt 15,4)¹⁶⁶. Dessa forma, compreende-se o Reinado de Deus como¹⁶⁷:

- a) **libertação**, não só como ação benéfica;
- b) **parcial**, porque os oprimidos estão no centro do olhar e da ação de Deus;
- c) **histórica**, pois trata-se de libertação de opressões objetivas, sem perder a dimensão transcendente;
- d) **social**, pois consiste em libertação e justiça para o povo;
- e) **teologal**, pois Deus se revela na história: com predileção pelos pobres e oprimidos.

O Reino, entendido como dom, torna-se tarefa do povo. A forma de agir de Deus, compassivo, libertador é traduzida também na missão do povo de Israel: na luta para que não haja mais pobres, na partilha dos frutos da colheita e na ajuda ao estrangeiro, ao órfão e a viúva (cf. Dt 15; 26; Lv 19). Israel, por ser o povo escolhido, será o Povo de Deus. Isso não é privilégio algum que ponha Israel acima dos outros povos. A consciência de ser escolhido contém em si responsabilidade e, ao mesmo tempo, graves perigos. Por isso, o AT não se omite em dizer que Deus também libertou os filisteus de Caftor e os arameus de Quir (cf. Am 9,7). E libertará, sobretudo, os egípcios, dos quais libertou Israel: “Quando clamarem a Javé por causa dos opressores, ele lhes enviará um salvador e defensor que os livrará. Javé se dará a conhecer aos egípcios e os egípcios, naquele dia, conhecerão a Javé e o servirão com sacrifícios e oblações e farão votos a Javé e os cumprirão” (Is 19, 20-21). Deus faz maravilhas com qualquer povo. A escolha não consiste numa pura arbitrariedade. É preciso corresponder à eleição, fazendo historicamente o que Deus faz com o povo de Israel¹⁶⁸.

J. Sobrino não exclui que o Reinado de Deus tem uma dimensão pessoal. Deus

¹⁶⁵ Cf. *Ibidem.*, p. 122.

¹⁶⁶ Cf. ALEGRE, X. El Reino de Dios y las parábolas en Marcos. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 67, p. 8, 2006.

¹⁶⁷ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 122.

¹⁶⁸ Cf. *Idem.*, p. 123.

reina quando os seres humanos reproduzem em suas vidas sinais de Deus: bondade, compaixão, justiça... Na experiência de Ezequiel, Deus reina quando o coração de pedra se transforma em coração de carne, e para Jeremias, quando o ser humano conhece Javé¹⁶⁹.

Jesus se insere nessa tradição. Anuncia a chegada iminente desse Reino e dá sinais de sua presença: milagres, expulsão de demônios, acolhida de pecadores, refeições com eles... É a boa-nova de Deus, *eu-aggélion*, especialmente para os pobres. Jesus se colocou a serviço dos pequenos e defendeu-os dos opressores até a entrega total de sua vida na cruz. E, mesmo na dor, manteve a esperança da vinda do Reino. Depois da morte de Jesus, os discípulos reconheceram que Deus reinava com ele na história, “pois Deus estava com ele” (At 10,38)¹⁷⁰.

Jesus anuncia a boa-nova a pessoas concretas e a torna real para elas. Exige delas um estilo de vida para que Deus reine em Israel. Convida ao seguimento, à práxis do Reino e a configurar a vida segundo a sua mensagem e a sua pessoa. Essa convocação inclui a participação de seu destino de perseguição e cruz, por causa do confronto com o anti-reino¹⁷¹.

Jesus comunica aos discípulos sua experiência com Deus. Convida-os a chamar a Deus de *Abba*, realidade nova e escandalosa. Ensina que eles deixem o *Abba* ser Deus, mistério imanipulável, improgramável. Paulo expressa esse Reinado de Deus ao dizer que o desígnio de Deus é que se “chegue a ser filhos no Filho”¹⁷².

2.2.2.1 Utopia

Entre as realidades indispensáveis na reflexão sobre o Reino de Deus estão a esperança e a utopia, manifestadas dialeticamente com o anti-reino.

Ao anunciar a vinda do Reino, Jesus trazia esperança, especialmente aos pobres. Com isso, J. Sobrino se pergunta: Como hoje se mantém essa esperança – e a utopia – anunciada por Jesus no mundo e na teologia?

Para o Autor, a esperança e a utopia perderam suas acepções com o capitalismo. Este desprestigia a utopia. Aconselha aos ricos atitude de moderação; e aos

¹⁶⁹ Cf. Idem.

¹⁷⁰ Cf. Idem.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem.*, p. 124.

¹⁷² Cf. Idem.

pobres, de resignação. No âmbito da Igreja, por razões de retrocessos, desencantos, imposições e centralismos, há esfriamento em relação à esperança e à utopia¹⁷³.

Na tradição bíblica, a utopia é constante ao longo da história e nasce a partir de baixo, com base na esperança das vítimas¹⁷⁴. Nos Evangelhos, o Reino consiste numa utopia específica. Responde a carências e limitações dos humanos, mas, sobretudo, ao sofrimento dos pobres¹⁷⁵. À essa utopia corresponde a esperança, alimentada pelos sinais do Reino: milagres, expulsões de forças destruidoras, acolhida aos desprezados, refeições fraternas...¹⁷⁶

A utopia do evangelho, necessária e urgente hoje, traduz-se em vida justa e digna para os pobres. J. Sobrino deseja que isso chegue a ser uma realidade na vida dos injustiçados, de modo que a crueldade real de seus sofrimentos não seja a última palavra¹⁷⁷.

Deus vê o sofrimento dos pobres, escuta seus clamores e, através dos sinais históricos, os defende e os ama (cf. Puebla, 1.142). Deus concentra seu olhar e seu coração diretamente no sofrimento. Isso se aplica a todo ser humano, mas especificamente aos pobres. A glória de Deus se realiza quando os sem-vida têm vida¹⁷⁸.

A esperança vive da utopia dos sinais do Reino, sinais libertadores, como os de Jesus. J. Sobrino enfatiza que a construção do Reino de Deus se faz na luta contra as forças opressoras, o anti-reino. Essas forças estão enraizadas na realidade e foram elas que determinaram a morte de Jesus Cristo e dos mártires da história.

A utopia contradiz a presença ativa do pecado no mundo, aquilo que configura o mundo como anti-reino. O pecado causou a morte do Filho de Deus. Hoje, num processo contínuo, o pecado mata os filhos de Deus. Para compreender o Reino e torná-lo real, é preciso conhecer a realidade do anti-reino¹⁷⁹, que corresponde a um mundo desumanizado, insensível e cruel.

¹⁷³ Cf. *Ibidem.*, p. 125.

¹⁷⁴ Cf. SOBRINO, *Onde está Deus?*, p. 53.

¹⁷⁵ Para J. Sobrino, a ressurreição de Jesus, entendida como início da ressurreição universal, tem força para expressar o sentido último da história e a radical esperança. Entretanto, para a Teologia da Libertação a ressurreição não é vista como realidade tão apta como a do Reino de Deus para servir como o último, para organizar e hierarquizar o todo da fé no Terceiro Mundo. Cf. SOBRINO, *Centralidad del Reino*, p. 470-473. Num escrito recente, J. Sobrino, como cristão, diz que acredita no mistério Pascal: na cruz e na ressurreição de Jesus, como culminação da vida em favor de pobres e vítimas. Ele se pergunta sobre o que produz mais esperança: o momento da ressurreição ou o momento da cruz? Mesmo que a resposta seja difícil, ele vê na cruz, um grande amor; e o amor gera esperança. Cf. SOBRINO, *Onde está Deus?*, p. 202-205.

¹⁷⁶ Cf. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 125.

¹⁷⁷ Cf. *Idem.*, p. 126.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem.*, p. 127.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 127-128.

No tempo de Jesus, acreditava-se que o mundo era dominado por forças malignas. Essas forças produziam transtornos físicos e psíquicos, atemorizando e escravizando os seres humanos. Jesus não negou a existência de tais forças. De certa forma, ele as radicalizou ao unificá-las numa só: Belzebu, a força do mal. Além disso, Jesus desmascarou outras forças malignas históricas, visíveis, que surgem personificadas em grupos de poder¹⁸⁰.

Nos Evangelhos, esses grupos de poder eram simbolizados pelos fariseus, que ostentavam atitudes de prepotência; pelos escribas, que se arrogavam o monopólio do poder intelectual, e pelos sumos sacerdotes, que vinculavam o poder religioso ao poder político quando tomava as decisões sobre Israel como nação, ao poder econômico porque a economia girava ao redor do Templo, ao poder financeiro porque imprimiam a moeda, ao poder sociocultural porque estabeleciam critérios de dignidade ou indignidade entre os cidadãos¹⁸¹.

O decisivo para J. Sobrino está na conclusão que se tira dessa realidade: com seu poder opressor, essas forças configuram o mundo como anti-reino. A realidade que Jesus denuncia se mostrava ativamente oposta ao Reino de Deus. Jesus adquire uma visão dialética da realidade e sua práxis, pelo fato de confrontar-se com o anti-reino, gera libertação¹⁸².

Para o Autor, a relação entre Reino e anti-reino, além de ser dialética, é também antagônica. Torna-se necessário entender como um age contra o outro, porque essas forças e seu modo de operar se mostram distintas. O Autor salvadorenho insiste que a ação do anti-reino contra o Reino, o mundo dos ricos e opressores contra o mundo dos pobres e oprimidos, é evidente. Por outro lado, quando o Reino age contra o anti-reino, o mundo dos pobres contra o mundo dos ricos, necessita ser explicado, manifestado.

Os pobres lutam contra o anti-reino, através das organizações sociais e movimentos populares de libertação. Todavia, faz-se necessário observar os modos adequados e os perigos de desumanização que toda luta acarreta. J. Sobrino vê algo mais específico nessa reflexão: os empobrecidos, pelo fato de serem pobres, já agem contra o anti-reino por causa do seu potencial para desmascará-lo. Neles a realidade toma a palavra em forma de clamores, de lamentos, de pedido de auxílio: a pobreza desmascara a

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 128.

¹⁸¹ Cf. *Ibidem.*, p. 128-129.

¹⁸² Cf. *Ibidem.*, p. 129.

cegueira, a necessidade de despertar do sono dogmático da cruel inumanidade. Aceitar o Reino e sua relação com o anti-reino faz ver a dimensão contraditória da realidade e a dessimetria das formas de luta¹⁸³.

O Autor salvadorenho adverte que hoje não basta conhecer a verdade da realidade através de dados de pesquisa e análise. Para deixar-se afetar pelos pobres e sua situação desumana, a realidade do anti-reino, sua magnitude e crueldade são captadas na experiência *in actu*, em ação. Assim, o ser humano se compromete em lutar contra as forças de morte, o anti-reino¹⁸⁴.

Para melhor compreender a oposição entre Reino e anti-reino, faz-se mister lembrar que o Reino pertence a Deus e o anti-reino tem suas divindades. J. Sobrino considera significativa a reflexão sobre o Deus do Reino e a fé nele, de modo dialético e antagônico, com as divindades do anti-reino e a idolatria que exigem¹⁸⁵.

Com as pesquisas exegéticas¹⁸⁶, chegou-se à nova definição de ídolos: são realidades históricas que prometem salvação e que, para subsistir, exigem culto e ortodoxia. Assim, há uma correlação transcendental entre ídolos e vítimas. Onde há vítimas, há ídolos¹⁸⁷.

Puebla insiste em mencionar os ídolos (cf. Puebla, 405; 491; 493; 497; 500). Ela os hierarquizou, sobretudo, na riqueza (cf. Puebla, 493-497) e no poder político (cf. Puebla, 498-506). Os ídolos produzem vítimas. As inocultáveis vítimas por fome e por armas, com imensa crueldade, não são comumente associadas a ídolos. Por isso, o Autor fala da necessidade de se voltar a Puebla e rever sua condenação aos ídolos. E propõe três considerações fundamentais¹⁸⁸:

- a) **Pastoral:** quando hoje se fala da secularização e do agnosticismo, menciona-se o fato da existência dos ídolos e não as causas. As Igrejas costumam justificar essas causas com facilidade. Isso consiste na negação específica da realidade teologal, de modo que a idolatria fica encoberta como pecado teologal original e originante.

¹⁸³ Cf. *Ibidem.*, p. 129-130.

¹⁸⁴ Cf. *Ibidem.*, p. 130.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem.*, p. 131; Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 266-284.

¹⁸⁶ J. L. Sicre e G. Von Rad se destacam no estudo sobre os ídolos: SICRE, J. L. *Los dioses olvidados*. Poder y riqueza en los profetas preexilicos. Madrid: Cristianidad, 1979; SICRE, J. L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990; VON RAD, G. *Teologia do AT*. São Paulo: Aste, 1974. 2v.

¹⁸⁷ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 131.

¹⁸⁸ Cf. *Idem.*, p. 132-133.

- b) **Histórica:** hoje se estabelece, de alguma forma, certa unificação dos ídolos. Estes tomaram a forma de império – estadunidense. O império torna-se ídolo no âmbito planetário. As sociedades e as civilizações são atingidas pela idolatria. Crescem e se mantêm na órbita do império: gozam, sem se opor, dos bens que a idolatria produz; em seu interior realizam ações idolátricas que geram vítimas por ação ou omissão; facilitam a idolatria. J. Sobrino insiste que a globalização, por necessidade, gera vítimas. Enquanto realidade econômica, ela produz vencedores e perdedores, beneficiados e vítimas¹⁸⁹. Portanto, para crer no Deus do Reino é preciso ser ativamente ateu do deus do império.
- c) **A volta dos ídolos:** manifesta-se como um fenômeno recente e mais específico da Europa. A pós-modernidade valoriza esse regresso dos ídolos no plural. O retorno aos deuses politeístas e suas histórias facilitam o pluralismo e a convivência. J. Sobrino adverte que isso não traz resposta para os males profundos da realidade. A volta aos ídolos resiste ao único Deus, cuja essência é fazer justiça, sanciona-se uma realidade pluralista. O perigo surge quando desaparece a figura do “pobre”, porque essa realidade, embora pluralista, se mostra como homogênea. Além disso, oculta-se a dialética de uns deuses contra outros e se obscurece a alteridade desafiadora, questionadora e possibilitadora de refazer e atualizar a existência do “outro”, especialmente, do “pobre”¹⁹⁰.

2.2.2.2 Centralidade do pobre no cristianismo

Jesus de Nazaré anuncia a boa-nova aos pobres (cf. Lc 4,18). Para J. Sobrino, “Reino de Deus” e “pobres” são correlativos. Não se fala de “Reino” sem levar em conta os “pobres”¹⁹¹.

J. Sobrino considera dois pontos fundamentais para a autocompreensão e missão das Igrejas com relação à centralidade do pobre no cristianismo: a “opção pelos pobres”, central em Medellín, na Teologia da Libertação e na vida e morte das comunidades; e a aceitação que “a salvação vem dos pobres”. A importância de manter esses dois pontos no planejamento e na prática pastoral das Igrejas se concentra em duas

¹⁸⁹ Cf. SOBRINO, J. Redenção da globalização: as vítimas. *Concilium*, Petrópolis, n. 293, p. 114-124, 2001.

¹⁹⁰ Cf. SOBRINO, J. Fora dos pobres não há salvação, p. 133-134.

¹⁹¹ Cf. Idem., p. 134.

análises: os pobres são a maioria da humanidade e estão no centro do Evangelho¹⁹².

Para o Autor salvadorenho, a opção pelos pobres não ocorre na realidade, nem na teoria no mundo da democracia e nem mesmo na Igreja. Apesar dos desejos de João XXIII, do cardeal Lercaro e do monsenhor Himmer, a Igreja dos pobres não obteve êxito no Concílio Vaticano II¹⁹³.

Em relação à Igreja, essa opção teve, por um lado, dificuldade teórica, por causa dos privilégios intelectuais contraídos pelas teologias ao longo da história; e por outro, objeção prática, pois, como para Jesus, a opção leva à perseguição, difamação, abandono... Além disso, cabe a pergunta da teodicéia diante do Deus que faz a opção pelos pobres: Como aceitar um Deus que privilegia o pobre quando a injustiça o oprime tão impiedosamente?¹⁹⁴

Em sua dimensão teologal, Puebla formula a opção da seguinte forma: “Deus toma a defesa dos pobres e os ama” (1.142). J. Sobrino observa que se aceita, facilmente, que Deus ame incondicionalmente os pobres. Mas, que os defenda, supõe introduzir um conflito sem fronteira no próprio conceito da opção, uma vez que, na história real, não se protege ninguém sem construir inimizade e enfrentar aqueles que os oprimem¹⁹⁵.

Dessa forma, a opção não significa apenas amar, mas defender. Às vezes, quer-se suavizá-la com o acréscimo “preferencial”, diz J. Sobrino. É difícil manter a profundidade dessa opção. É preciso voltar a ela na articulação da missão das Igrejas, sem pensar que seja coisa conhecida, compreendida, esgotada, aceita e praticada¹⁹⁶.

Com essa opção mais profunda, o Autor levanta o problema do lugar da salvação. Com o Concílio Vaticano II, supera-se o perigo do reducionismo: a salvação não é só religiosa, mas adquire dimensão histórica e social¹⁹⁷. Na declaração *Dignitatis humanae*, afasta-se o perigo do exclusivismo da interpretação rigorista: não só a Igreja, mas qualquer realidade humana, como o mundo, chega a ser lugar de salvação¹⁹⁸.

As reflexões em torno de Medellín intensificaram a compreensão do lugar da

¹⁹² Cf. *Ibidem.*, p. 134.

¹⁹³ Cf. *Ibidem.*, p. 135.

¹⁹⁴ Cf. *Idem.*

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem.*, p. 135-136.

¹⁹⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 136.

¹⁹⁷ Conforme o Concílio Vaticano II, a salvação se constitui num horizonte totalizante: “Trata-se de salvar a pessoa humana e de restaurar a sociedade humana [...] O homem uno e integral: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, 3).

¹⁹⁸ Cf. DH, n. 11-12.

salvação. A soteriologia bíblica redescoberta no Concílio Vaticano II atingiu o mundo dos pobres na América Latina e Medellín remeteu a fé e a Igreja não mais ao mundo, mas aos pobres. Isso se estendeu à teologia. Concedeu-se aos pobres o privilégio hermenêutico: a capacidade de compreender, a partir deles, realidades e textos¹⁹⁹.

A partir dos pobres se reformulou o mistério de Deus. À pergunta “Onde está Deus?”, o Autor responde: na cruz e em meio ao sofrimento dos pobres e das vítimas deste mundo²⁰⁰. Com esse dinamismo teológico – a partir dos pobres – se pensou o lugar de onde provém a salvação. J. Sobrino fala que o mundo da riqueza ou da abundância pensa que já possui “salvação” e os meios que conduzem a ela, precisamente por não ser o mundo dos pobres. Não lhe ocorre que a “salvação” possa vir do mundo dos pobres²⁰¹.

O Autor salvadorenho reconhece a presença do *mysterium iniquitatis* no mistério da realidade dos pobres²⁰². Ele afirma que na Igreja há pecado²⁰³, mas se exprime a fé nela, como lugar de salvação, pela presença de Cristo e de seu Espírito, que produz vida e santidade. Algo semelhante, de certa forma, se diz do mundo dos pobres. Além de sua realidade sem disfarce, nos pobres, como afirmação essencial, há algo de Cristo e de seu Espírito. Nessa realidade, Medellín e Puebla insistiram ao mencionar o texto de Mateus 25: Cristo “quis identificar-se com ternura especial com os mais fracos e pobres” (Puebla, 196)²⁰⁴.

2.2.2.3 Seguimento de Jesus

Ao iniciar a vida pública, Jesus convidou diferentes pessoas a segui-lo em comunhão de vida, missão e destino²⁰⁵. A pergunta específica que Jesus faz aos discípulos em Cesaréia de Filipe – “Quem dizeis vós que eu sou?” (Mc 8,29) – abre o caminho definitivo e o

¹⁹⁹ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 112-113; Cf. SOBRINO, Cristologia Sistemática, p. 597-599.

²⁰⁰ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 113.

²⁰¹ Cf. Idem., p. 114.

²⁰² Cf. *Ibidem.*, p. 116-117.

²⁰³ Segundo o Concílio Vaticano II, também os crentes, “pela negligência na educação da sua fé, por exposições falaciosas da doutrina, e pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, mais escondem que manifestam o rosto genuíno de Deus e da religião”, (GS, 19) são uma das causas do ateísmo.

²⁰⁴ Na reflexão de J. Sobrino, essa linguagem de Puebla torna-se mais vigorosa do que a “não se apartou de nós, vive no meio de”, que também usa para se referir a presença de Cristo “no meio de sua Igreja, especialmente na sagrada eucaristia e na proclamação de sua palavra; está presente no meio dos que se reúnem em seu nome e na pessoa dos pastores que envia” (n. 196).

²⁰⁵ Cf. SOBRINO, J. Seguimento. In FLORISTÁN, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Conceptos fundamentales de pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 938-939.

seguimento a ele e ao seu Reino tornam-se a sublime “forma de explicitar a identidade cristã”²⁰⁶.

Esta pergunta feita na América Latina de maneira reflexiva e contextualizada adquire expressão radical para a vida cristã. Por um lado, tanto Cristo como o Continente estão hoje crucificados. Por outro, a partir da realidade de Cristo, os cristãos compreendem que o *eu-aggélion* é boa-nova, expressão da bondade e do amor de Deus (cf. Fl 3,4). Portanto, na América Latina, para o Autor salvadorenho, capta-se Cristo como crucificado e como boa-nova²⁰⁷.

J. Sobrino recorda que na primeira etapa da vida de Jesus, no início da sua vida pública, seguimento significou anunciar e introduzir os sinais do Reino; na segunda etapa consistiu em manter-se firme diante da poderosa reação do anti-reino²⁰⁸.

Depois do programático anúncio do Reino, Jesus chama seus seguidores. Chama-os para estarem com ele, para serem enviados por ele e para participarem de seu destino. Isso ressoa na expressão de Jesus: “segue-me!”²⁰⁹. O seguimento de Jesus consiste no modo especificamente cristão de corresponder à passagem de Deus por este mundo, de chegar ao seu Reinado. Não se compreende Jesus fora da prática de seu seguimento. É a hermenêutica da práxis. Na América Latina, esta exigência da prática se chama “seguimento de Jesus”, o que implica valorizar sua prática libertadora.

Para J. Sobrino, é preciso encarregar-se do Reino, no seguimento enquanto práxis, sem cair na *hybris*, no “ativismo” excessivo e, principalmente, na irresponsabilidade: delegar a outros, mesmo que fosse a Deus, a missão de tornar o mundo humano²¹⁰.

O Autor salvadorenho insiste que não há oposição entre práxis e graça, entre construção do Reino e dom de Deus. Na história das comunidades primitivas, há graça: cristãos que receberam *ouvidos novos* para escutar a palavra que é Deus, a fé que vem pelo ouvido e *olhos novos* para ver Deus nos pobres, o Ressuscitado, o *opthe*, que se deixou ver,

²⁰⁶ SOBRINO, J. La identidad cristiana. *Diakonía*, Manágua, n. 46, p. 100, 1988; Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 17; Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 15.

²⁰⁷ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 17-18; Cf. SOBRINO, J. Jesús como Buena Notícia. Repercusiones para un talante evangélico. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 76, p. 715-726, 1988; Cf. SOBRINO, J. ¿Es Jesús una buena noticia? *Sal Terrae*, Santander, n. 81, p. 595-608, 1993.

²⁰⁸ Cf. SOBRINO, Cristologia Sistemática, p. 585.

²⁰⁹ Para estudar o tema do seguimento de Jesus em J. Sobrino, recomenda-se a tese doutoral de BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

²¹⁰ Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 137.

dos relatos das aparições. J. Sobrino redescobre que há graça também na vida dos cristãos que chegaram a ter *mãos novas* para fazer o Reino²¹¹.

A construção do Reino a partir do seguimento de Jesus não leva à exclusão entre práxis e espírito, se espírito é entendido como *spiritus*, energia que se relaciona com o ser e o fazer na edificação do Reino. Sem espírito não se trabalha pela verdade, pela justiça. Este espírito é o que vem do Pai, e do Filho, de Jesus. Exprime-se na lucidez para ver o novo e na audácia para cumprir suas exigências. Persuade a pessoa para deixar Deus ser Deus, radical alteridade e, simultaneamente, capacita a chamar Deus de Pai, proximidade máxima. Portanto, esse espírito remete ao Jesus concreto, onde a práxis exige o espírito e vice-versa²¹².

No Evangelho, a dificuldade do seguimento de Jesus provém da práxis de construir o Reino e de confrontar-se com o anti-reino. Segundo Marcos, Jesus entra em graves conflitos por atuar em favor do Reino. Quando Jesus cura o homem da mão seca em dia de sábado, “os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam” (Mc 3,6). É o começo da perseguição que o leva a morrer crucificado por defrontar-se com o anti-reino. A cruz, em sua realidade de crueldade e morte, não é o destino de todos os que trabalham pelo Reino. Entretanto, ela torna-se inerente a todo seguimento²¹³.

J. Sobrino constata que, na realidade salvadorenha, aqueles que se assemelham a Jesus e o seguem são perseguidos e até assassinados. É o preço a pagar: quem se encarrega do Reino tem de estar disposto a carregar o fardo do anti-reino²¹⁴.

O ato de fé em Cristo na América Latina se mostra no seguimento de Jesus e no martírio. O seguimento de Jesus realizado na história recupera a estrutura fundamental do Jesus histórico: o seguimento está relacionado essencialmente com a construção do Reino de Deus e a destruição do anti-reino. J. Sobrino acredita que os atuais martírios são historicamente semelhantes ao de Jesus e pelas mesmas razões do de Jesus: anunciar aos pobres o Reino de Deus e defendê-los na luta contra o anti-reino²¹⁵.

Vários cristãos – e também outras pessoas – foram assassinados por

²¹¹ Cf. Idem., p. 138; Cf. SOBRINO, *Cristologia Sistemática*, p. 589-591.

²¹² Cf. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 138-139.

²¹³ Cf. Idem., p. 140; Cf. SOBRINO, J. El seguimiento de Jesús como discernimiento cristiano. *Concilium*, Madrid, n. 139, p. 17-27, 1978.

²¹⁴ Cf. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 140.

²¹⁵ Cf. SOBRINO, *Cristologia Sistemática*, p. 586.

“encarregar-se ou responsabilizar-se do Reino” e assim “carregaram o peso do anti-reino”. O Autor considera que os mártires são a melhor riqueza que a Igreja produziu na América Latina. Configuram-na como verdadeira Igreja de Jesus. Introduzem verdade num mundo de mentira, compaixão e solidariedade num mundo de insensibilidade e crueldade.

Nota-se certa dificuldade de manter a tensão entre a historização do transcendente da fé em Cristo e a transcendência daquilo que há de histórico nessa fé. Os primeiros cristãos se confrontaram com as realidades históricas de Jesus e com a experiência da ressurreição. Através dessas experiências, eles refletiram sobre quem era Jesus, até chegar a confessá-lo como o Cristo. O caminho percorrido que levou à formulação da fé em Cristo começou com o Nazareno. Portanto, o caminho lógico da cristologia é o cronológico da vida de Jesus²¹⁶.

O salto da fé se realiza quando se confessa Jesus, o anunciador do Reino de Deus, como o Cristo. A resposta razoável para tal propósito está no seguimento real de Jesus.

Ter acesso a Cristo supõe sempre algum tipo de descontinuidade, mas [...] esse acesso só é possível, em última análise, também a partir de alguma forma de continuidade entre Jesus e os que o conhecem; e essa continuidade deverá ser proposta a partir do lugar da máxima densidade da realidade, que em nossa visão é a prática com espírito. Segundo isso, aproximar-se de Jesus não é questão, em primeiro lugar, de saber sobre ele, nem de desenvolver para isso uma hermenêutica que diminua a distância entre Jesus e nós e possibilite o saber sobre Jesus. Trata-se, em última análise, de afinidade e co-naturalidade, começando com aquilo que é mais real em Jesus [...] Na fé se confessa o Cristo como o Senhor ressuscitado e o Filho por antonomásia – descontinuidade. Mas é essencial para a fé confessá-lo também como o primogênito da ressurreição entre muitos irmãos e como o irmão maior – continuidade. O seguimento da prática de Jesus com espírito é, portanto, exigência ética do próprio Jesus histórico, mas é também princípio epistemológico [...] Para dizê-lo em formulação negativa, fora do seguimento não se tem a afinidade suficiente com o objeto da fé para saber de que se está falando ao confessá-lo como o Cristo. E em formulação positiva, a partir da afinidade do seguimento, pode ter sentido proclamá-lo como o Cristo, como a revelação do verdadeiramente divino e do verdadeiramente humano²¹⁷.

No seguimento verifica-se se o mistério da realidade dá mais de si ou não; se a esperança chega a ser mais prudente ou sensata que o desencanto ou a desilusão; enfim, se a vida de Jesus, encarnada em cada pessoa, abre para mais vida.

J. Sobrino equipara o seguimento de Jesus com a expressão “caminhar com Deus” do AT. É preciso praticar a justiça, amar com ternura e caminhar humildemente com Deus (cf. Mq 6,8). O seguimento por causa do Reino ajuda a formular o sentido desse

²¹⁶ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 62-65.

²¹⁷ Idem., p. 88-89.

caminhar: fazer o Reino acontecer e carregar o fardo do anti-reino. Ao encarregar-se do Reino, o mistério absoluto surge, sobretudo, como proximidade entranhável com o Pai – *Abba*, em quem Jesus confia. O responsabilizar-se pelo anti-reino manifesta-se, principalmente, como Deus-não-manipulável, diante do qual Jesus é disponível²¹⁸.

No seguimento, faz-se a experiência do Deus-Pai de Jesus. O seguimento assegura que na experiência se fazem presentes os dois elementos fundamentais do mistério de Deus: “ser Pai” e “continuar sendo Deus”. J. Sobrino compreende essa experiência num processo dialético, assim como foi para Jesus. Isso significa, portanto, o “caminhar” com Deus em justiça, amor e ternura, e o “caminhar” para Deus sem chegar a estar em posse dele. Esse caminhar produz alegria e sentido da vida²¹⁹.

O Autor salvadorenho observa que no seguimento torna-se visível a pergunta da teodicéia: Por que existe tanta crueldade contra os pobres? A resposta se descobre no caminhar “com Deus” na história, onde os pobres continuam entregues à vida e, mesmo assim, mantêm a esperança.

O lugar histórico privilegiado da experiência da transcendência são os pobres. E isso se concretiza, diz J. Sobrino, no seguimento de Jesus a serviço do Reino de Deus²²⁰.

2.3 Conclusão

A partir da averiguação da via nocional, do destinatário e da prática de Jesus, o que se desejou, na primeira parte desse capítulo, foi traçar os caminhos de compreensão da categoria Reino de Deus na teologia de J. Sobrino. Ele não faz exegese bíblica dos textos relativos à categoria Reino de Deus, mas oferece elementos históricos significativos da vida de Jesus, sobretudo nos Sinóticos.

A radicalidade humana de Jesus, a consciência de pertença à tradição religiosa e histórica concretas e a pertença à própria história da humanidade abrem a possibilidade de refazer e atualizar na história o Jesus histórico.

Na segunda parte desse capítulo, foram analisados os pontos-chave da cristologia desse Autor em relação à realidade do Reino de Deus. Os tópicos abordados

²¹⁸ Cf. SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 144.

²¹⁹ Cf. *Idem*.

²²⁰ Cf. *Idem*.

querem apontar para as realidades centrais da vida e da pregação de Jesus como Mestre de Nazaré.

Com o estudo sobre o significado, a pertinência e a relevância da categoria Reino de Deus na teologia de J. Sobrino, delineou-se a resposta da primeira parte da pergunta central que perpassa esta pesquisa: Como o Autor desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia?

J. Sobrino busca aprofundar e ampliar os horizontes de compreensão pelo significado do “último” da fé cristã. Ele vê no Reino de Deus a categoria mais adequada para organizar o todo da teologia, sobretudo na realidade do Terceiro Mundo. Essa concepção da fé, a partir do Reino de Deus, estabelece a relação indissolúvel de Deus com a história. A primazia que se dá ao Reino de Deus reside em sua capacidade de unificar, sem separação nem confusão, transcendência e história. Supera o dualismo Reino – terrestre – e Deus – celeste – e, além do mais, oferece a verificação da realização do transcendente na história.

O Reino de Deus também faz redescobrir a realidade do anti-reino, o mundo do pecado. A dualidade última na realidade se mostra no binômio irreconciliável do Reino e anti-reino, história da graça e do pecado. A realidade latino-americana clama pelo Reino de Deus, pois o anti-reino se faz presente. O Autor salvadorenho capta a realidade como pobreza injusta e esperança de vida justa. Assim, ele reformula a reflexão teológica em favor da vida como pré-compreensão necessária para entender a revelação de maneira adequada.

A Teologia da Libertação vê na realidade latino-americana certa afinidade com a realidade em que surgiu a noção do Reino de Deus. A situação atual faz com que o Reino de Deus seja mais útil que outros conceitos para elaborar teologicamente a realidade. A afinidade entre a realidade atual do Terceiro Mundo e a dos povos que forjaram a concepção do Reino de Deus possibilita compreender adequadamente o significado do Reino. Dessa forma, fica justificada a relevância da reflexão teológica de Jesus como mediador absoluto do Reino e da centralidade desse Reino anunciado por Jesus no pensamento de J. Sobrino.

Em prosseguimento a esta temática o próximo capítulo tratará da seguinte questão: Quais são as implicações, na teologia desse Autor, que a categoria Reino de Deus oferece para a prática pastoral, hoje, em favor da situação dos povos crucificados da

história? Como a categoria Reino de Deus ilumina a prática pastoral na realidade dos povos crucificados da América Latina? Para solucionar essa questão, aplica-se o desenvolvimento da categoria Reino de Deus, do segundo capítulo, e a descrição da condição de pobreza latino-americana, do primeiro capítulo.

Outros questionamentos estão imbricados nesse horizonte de compreensão: Como as vítimas sentem a proximidade de Cristo e do Reino de Deus em suas vidas? O que significa descer da cruz o povo crucificado hoje? Que novidade traz a ressurreição de Jesus para os povos crucificados na construção do Reino de Deus? Como ter esperança no “princípio misericórdia” como sinal do Reino para a atual prática pastoral? Quais são as exigências pastorais do “princípio misericórdia” postas à vida cristã? A história se manifesta como lugar de salvação para as vítimas? Como anunciar a esperança na misericórdia aos crucificados da história sem aliená-los e sem propor-lhes o recurso à violência?

3 A Vivência do Reino de Deus sob a luz dos povos crucificados na teologia de Jon Sobrino

No amplo horizonte de compreensão da cristologia de J. Sobrino – que tem como ponto de partida o Jesus histórico, sua dupla relação com o Reino de Deus e com o Deus do Reino e sua exigência de seguimento a serviço dos povos crucificados –, recoloca-se a questão central dessa pesquisa: Como o Autor desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia e como essa categoria ilumina a prática pastoral na realidade de povos crucificados da América Latina?

Até o momento, essa pesquisa se preocupou em descrever a realidade da pobreza salvadorenha – e da América Latina – a partir de alguns questionamentos propostos por J. Sobrino – e outros autores – e como ele compreende a categoria Reino de Deus, num horizonte amplo de pesquisa do movimento da volta ao Jesus histórico no contexto latino-americano. O passo seguinte se concentrará em mostrar como a categoria Reino de Deus ilumina a prática pastoral latino-americana.

Na América Latina, em meio a um povo pobre, que sofre injustiças sobre injustiças, não bastam explicações; é necessário abrir caminhos para transformações. O Autor salvadorenho oferece novo ânimo com a visão da proximidade de Cristo e do Reino de Deus. Para ele, a esperança na misericórdia e a perspectiva a partir das vítimas manifestam a presença do Reino e iluminam a realidade dos crucificados deste mundo.

Este capítulo prossegue a temática na seguinte questão: Quais as implicações, na teologia de J. Sobrino, que a categoria Reino de Deus oferece para a prática pastoral, hoje, em favor da situação dos povos crucificados da história? O objetivo é responder a segunda parte do ponto central e decisivo da pesquisa: Como a categoria Reino de Deus ilumina a prática pastoral na realidade dos povos crucificados da América Latina? Para solucionar essa questão, aplica-se o desenvolvimento bíblico-teológico e a organização sistemático-teológica da categoria Reino de Deus refletido no segundo capítulo. Além disso, faz-se referência à injusta pobreza das maiorias, que caracteriza a realidade salvadorenha e latino-americana, analisada no primeiro capítulo.

Outros questionamentos estão imbricados nesse horizonte de compreensão: Como as vítimas sentem a proximidade de Cristo e do Reino de Deus em suas vidas? Que significa descer da cruz o povo crucificado hoje? Como ter esperança no “princípio misericórdia” como

sinal do Reino para a atual prática pastoral? Como anunciar a esperança na misericórdia aos crucificados da história sem aliená-los e sem propor-lhes o recurso à violência? J. Sobrino vê a necessidade de levar em conta a realidade histórica do mundo dos pobres na eficácia do Reino. Ele acentua duas dimensões que desafiam a teologia: levar a sério tanto a revelação e a fé cristã, como a situação histórica. Como ambas se iluminam e se potenciam mutuamente?

3.1 Perspectiva a partir das vítimas deste mundo: a esperança da proximidade de Cristo e do Reino de Deus

O seguimento de Jesus consiste no imperativo do evangelho e visa à restauração do “rosto desfigurado do mundo” (Santo Domingo, 13). Por que as vítimas inocentes compreendem melhor o evangelho? (cf. Aparecida, 398). A esperança cristã do povo crucificado refaz a presença de Deus no mundo, como sinais dos tempos?¹ Que significado a fé adquire numa situação “trágico-histórica”?

O contexto em que nasce determinado pensamento exerce influência profunda no desenvolvimento. Nenhum pensamento se elabora sem que haja “um a partir de onde e para onde, um para quê e um para quem”².

Com essa constatação, pergunta-se: Qual é a realidade concreta de onde nasce a reflexão cristológica de J. Sobrino e a quem ela se destina?

Na introdução da obra *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, o Autor responde a questão acima proposta. Esse livro assume uma perspectiva parcial, concreta e interessada: “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”³. Essas expressões revelam o drama atual do mundo da pobreza – não apenas na América Latina – e a responsabilidade histórica e concreta de todos diante dela.

As vítimas desse mundo provocam perguntas e trazem luzes para a reflexão teológica⁴. Para que as vítimas recuperem a centralidade histórica e teológica na reflexão teológica, J. Sobrino redescobre a causa específica de Jesus: Reino de Deus para os pobres⁵.

¹ Cf. SOBRINO, *A Fé em Jesus Cristo*, p. 16; Cf. ELLACURÍA, *Discernir*, p. 58.

² SOBRINO, *A Fé em Jesus Cristo*, p. 13.

³ *Idem*.

⁴ Cf. *Ibidem.*, p. 18.

⁵ Cf. *Ibidem.*, p. 17.

Assim, J. Sobrino se pergunta: existe algo de metaparadigmático na cristologia?⁶ A resposta se expressa na convicção do conteúdo central da cristologia: “Jesus e as vítimas”⁷. Essa perspectiva implica em dupla exigência: a predileção de Deus – amor e defesa – em favor dos fracos deste mundo e as situações de pobreza extrema em que vive grande parte dos seres humanos⁸.

Para o Autor salvadorenho, o lugar teológico – a realidade – torna-se importante para que a teologia leia as fontes e, ainda mais, manifeste a presença atual de Cristo e do mistério de Deus:

Para a cristologia latino-americana o lugar teológico é antes de tudo algo real, uma determinada realidade histórica na qual se crê que Deus e Cristo continuam fazendo-se presentes; são por isso lugar teológico mais do que lugar teológico, é lugar de onde se relê mais adequadamente os textos do passado⁹.

Ao buscar o lugar teológico, a cristologia latino-americana leva em conta o que Jesus anunciou, sua opção de vida, com quem viveu e a quem proclamou a boa-nova. A cristologia observa e leva em consideração os sinais que apontam a presença de Cristo e do mistério de Deus na história.

Outro fator indispensável para a cristologia latino-americana são os sinais dos tempos. A partir do Concílio Vaticano II, a expressão “sinais dos tempos” oferece duas compreensões: por um lado, “os acontecimentos que caracterizam uma época” (GS, 4), realidades históricas concretas às quais a Igreja busca se “enquadrar” na ação evangelizadora; por outro, designa uma conotação histórico-teológica: “o Povo de Deus, levado pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências, e anseios, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou dos desígnios de Deus” (GS, 11). Essa afirmação considera a realidade histórica e também evidencia a novidade de conter a presença ou projeto de Deus. A história se manifesta como sacramento que possibilita sentir a presença de Deus¹⁰.

Aparentemente, o lugar de onde se realiza a reflexão cristológica não traduz nenhuma relevância para a cristologia, pois as fontes nas quais se alimenta são anteriores a ela: “A cristologia tem as fontes específicas na Revelação de Deus, que ficou constatada em

⁶ Cf. SOBRINO, J. “Jesús y pobres”: lo meta-paradigmático de las cristologías. *Misiones extranjeras*, Madrid, n. 161, p. 499-511, 1997.

⁷ SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 17.

⁸ Cf. Idem., p. 15-16.

⁹ SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 48.

¹⁰ Cf. Idem., p. 45; Cf. SOBRINO, La teología y el “principio liberación”, p. 120.

textos do passado, especialmente no NT, e que é interpretada normativamente pelo magistério”¹¹.

A partir desse pressuposto, a cristologia não passaria de exigência pastoral para aplicar, num determinado local, as situações e verdades universais contidas no depósito da fé. Mas, em contrapartida, o local possui importância relevante para se fazer cristologia. Para a cristologia latino-americana, a realidade se manifesta como esse lugar ideal. Surge a possibilidade de se compreender melhor as fontes e atualizar a fé em Jesus Cristo. A realidade por excelência que a cristologia latino-americana privilegia é o mundo dos pobres.

J. Sobrino compreende a realidade do pobre sob dois aspectos fundamentais: a Igreja dos pobres, como lugar eclesial, e o mundo dos pobres, como lugar social-teológico. Na reflexão cristológica, ambos os lugares influenciam na compreensão de Jesus Cristo. O lugar eclesial influi, de modo particular, nos conteúdos cristológicos: quem é Jesus. O lugar social-teológico configura o próprio modo de pensar cristológico: como abordar Jesus Cristo¹².

A Igreja professa a fé – em Jesus Cristo – através do seguimento e do testemunho do anúncio e da vivência do Reino de Deus em comunidade. A Igreja se mostra na história, como corpo de Cristo, nas verdades reveladas pelo Jesus histórico, como esperança e caridade com o próximo.

Essa fé real e comunitária e essa corporização de Cristo fundamentam o seguimento da Igreja dos pobres. “Em primeiro lugar a fé da Igreja dos pobres se realiza, sobretudo, sendo prática libertadora, sendo seguimento de Jesus, sendo semelhante a Jesus na opção pelos pobres, nas denúncias, no destino histórico”¹³.

Vive-se a fé na Igreja dos pobres em comunidade. Nessa Igreja, promove-se o testemunho através da solidariedade, da tolerância, da relação de entre-ajuda; admite-se o diferente de maneira receptiva no desejo de acolher e partilhar a vida com o outro. A fé assim vivida em comunidade provoca questionamentos que a conduzem a novas respostas fundamentais e ao conhecimento mais concreto de quem é o Cristo. Nesse sentido, J. Sobrino assegura: “Por serem os privilegiados de Deus e pela diferença que há com a fé dos que não são pobres, os pobres questionam, dentro da comunidade, a fé cristológica, e lhe oferecem sua direção fundamental”¹⁴.

¹¹ SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 42.

¹² Cf. *Idem.*, p. 54.

¹³ *Ibidem.*, p. 52.

¹⁴ *Ibidem.*, p. 53.

A Igreja faz a opção fundamental pelos pobres. Define o local categorial da cristologia: o mundo dos pobres¹⁵. “As vítimas do Terceiro Mundo são os profetas (pobres) que exigem uma razão compassiva, mas são também os que possibilitam uma razão utópica, mesmo que ela tome uma direção aparentemente bem modesta”¹⁶. Esse acontecimento se dá a partir do mundo dos pobres com suas realidades, particularidades e mediações através das quais se compreende Jesus Cristo como libertador.

Para J. Sobrino, o teólogo autêntico e verdadeiro só fala de Jesus quando se deixa afetar pela realidade vivida no, com e por amor. Assim, o teólogo se compromete com o mundo dos pobres através da inserção real entre os pobres, defende a sua causa, participa do seu destino. Onde a negação da vida se faz gritante, a cristologia vê a realidade como criação de Deus, e dá testemunho dela com fé em Deus, que aí se revela através do amor. Os sinais dos tempos, a realidade cruel impulsiona a reconhecer a verdade da realidade: a verdade dos seres humanos e a verdade de Deus, no intuito de reagir e agir com o coração cheio de misericórdia¹⁷.

O lugar categorial – o mundo dos pobres – faz com que o pensar teológico se direcione para o conhecimento e o seguimento a Jesus Cristo. A comunidade se vê orientada para o Cristo, que é Jesus de Nazaré.

O lugar da cristologia não é então diretamente um *ubi* categorial, um lugar concreto enquanto geográfico-espacial (universidades, seminários, comunidades de base, cúrias episcopais...), embora em alguns ou em vários deles se deva estar. [...] Por lugar se entende aqui, antes de tudo, um *quid*, uma realidade substancial na qual a cristologia se deixa dar, afetar, questionar e iluminar¹⁸.

A convergência do pensamento cristológico latino-americano se concentra nas vítimas, nos crucificados, nos mártires da América Latina. O Autor salvadorenho afirma:

Os pobres e as vítimas deste mundo são, pelos valores que têm – muitas vezes – e pelo que são – sempre –, sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo entre nós. Oferecem luz e utopia, interpelação e exigência de conversão, acolhida e perdão. [...] E quando chamamos de mártires essas vítimas, é porque reproduzem a vida e a morte de Jesus e são uma poderosa luz¹⁹.

E acrescenta:

Quando mantemos as vítimas no centro da teologia, não queremos ser obsoletos, obstinados, nem masoquistas impenitentes. Queremos ser honestos para com a realidade e responsáveis diante dela. E queremos ser cristãos que apresentam uma boa notícia: Deus e seu Cristo estão presentes no mundo, e estão não em qualquer

¹⁵ Cf. SOBRINO, Como fazer teologia, p. 300.

¹⁶ SOBRINO, Aniquilação do outro, p. 21.

¹⁷ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 16-27.

¹⁸ SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 48-49; Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 48.

¹⁹ SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 19.

lugar, mas ali onde disseram que estariam: nos pobres e nas vítimas deste mundo. Desta maneira, pensamos, se faz teologia e cristologia, como *intellectus amoris* – a práxis de libertar as vítimas – e como *intellectus gratiae*, a partir da graça que nela nos foi dada²⁰.

Não se pensa a realidade latino-americana ou não se faz cristologia sem se ter presentes a dor e o sofrimento das vítimas. Quando se fazem presentes a solidariedade e o amor de Deus revelados aos pobres na pessoa de Jesus de Nazaré, realiza-se a libertação. Compreende-se Jesus Cristo quando, através do seu seguimento, entra-se no mundo dos pobres, ao assumir a causa e o destino dos pobres²¹.

A partir da situação dos povos crucificados e de Cristo neles, será analisado o seguinte questionamento de J. Sobrino: Há algo mais urgente e necessário sobre o que pensar e o que fazer que descer da cruz o povo crucificado da história?

3.2 Que significa descer da cruz o povo crucificado hoje?

J. Sobrino se questiona: Há algo mais urgente e necessário sobre o que pensar e o que fazer que descer da cruz o povo crucificado da história?²². As vítimas oferecem luz específica para iluminar a vida e a morte. Ele mostra, através da práxis concreta do amor misericordioso de Jesus aos povos crucificados, a possibilidade de construir o Reino de Deus.

No primeiro capítulo, observou-se que a realidade mais flagrante do continente latino-americano é a existência do povo crucificado. A exigência primordial dessa realidade consiste em descê-lo da cruz. A linguagem da cruz torna-se útil e necessária do ponto de vista histórico-ético, pois exprime um tipo de morte ativamente provocada. Para J. Sobrino, “morrer crucificado não significa simplesmente morrer, mas ser morto. Significa que há vítimas e que há opressores; significa que existe um gravíssimo pecado”²³.

O Autor responde a pergunta sobre o que fazer e o que pensar para descer da cruz o povo crucificado, quando relaciona a esperança das vítimas – o princípio hermenêutico específico – com a práxis do amor, que se exigem mutuamente. A raiz última da esperança é o amor²⁴. E afirma, ainda, que se compreende o Reino de Deus num conceito de esperança de

²⁰ Idem.

²¹ Cf. SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 323.

²² Cf. Idem., p. 17.

²³ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 85.

²⁴ Cf. Idem., p. 78.

modo prático. O Reino de Deus não se apreende só como o esperado, mas se capta na construção e no serviço da luta contra o anti-reino²⁵.

Os discípulos tomam consciência de que é preciso anunciar ao mundo a experiência da ressurreição. Pela própria natureza, a ressurreição exige ser testemunhada. Isso desencadeia a missão. Por isso, no caminho da construção do Reino de Deus e do seguimento de Jesus, a disponibilidade para a missão – o testemunhar – é imprescindível para captar a realidade da ressurreição²⁶.

Além da disponibilidade subjetiva dos discípulos, nos relatos de aparições há o envio objetivo do Ressuscitado: dar testemunho (cf. At 1,18; Lc 24,48). A experiência do Ressuscitado e a consciência da missão surgem, na vida dos discípulos, inseparavelmente unidas. Por conseguinte, ao lado da esperança das vítimas, o apostolado – a práxis – é princípio hermenêutico para se compreender a ressurreição. A partir da práxis se compreende a ressurreição como acontecimento escatológico. Ela, por essência, desencadeia a missão²⁷.

Dessa forma, J. Sobrino se pergunta: Que tipo de práxis é necessária, hoje, na Igreja? Ele responde: A práxis necessária e urgente, atualmente, é “descer da cruz os povos crucificados”²⁸. Isso consiste em, de um lado, anunciar a verdade da boa-nova da ressurreição; e de outro, em tornar realidade essa verdade de forma análoga, ou seja, anunciar o Reino de Deus pelos sinais da ressurreição²⁹.

Como entrar na história dos crucificados para ressuscitá-los? A práxis exigida hoje para captar a ressurreição é o prosseguimento da missão de Jesus. O seguimento de Jesus, que consiste em reproduzir sua vida em favor das vítimas, introduz esperança para essas vítimas e se converte em práxis para torná-la realidade: transformar o mal e a injustiça³⁰.

O Autor salvadorenho concentra sua reflexão na práxis de ressuscitar os crucificados da história. Ele estabelece a relação estreita da práxis e da esperança, como pressupostos antropológicos e teológicos para viver como ressuscitados no meio da caducidade da história. O compromisso com a realidade consiste em entrar na história com

²⁵ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 75.

²⁶ Cf. Idem., p. 76.

²⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 76-77.

²⁸ J. Sobrino prova que foi I. Ellacuría quem usou pela primeira vez a expressão “descer da cruz os povos crucificados”. Cf. SOBRINO, J. Ignacio Ellacuría, el hombre y el cristiano. “Bajar de la cruz al pueblo crucificado”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 32 (I), p. 131-161 e n. 33 (II), p. 215-244, 1994.

²⁹ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 77-81.

³⁰ Cf. Idem., p. 79-80. Cf. SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina*, p. 265-266.

todas as contradições e colocar-se junto à cruz e ao lado das inúmeras cruzes da história³¹. Não há outro lugar para falar cristãmente da ressurreição³². A esperança da ressurreição pessoal, fundada na ressurreição de Jesus, passa pela prática do amor histórico de dar vida aos que morrem na história³³.

J. Sobrino propõe o compromisso ativo contra a injustiça. O seguimento a Jesus em prol do Reino de Deus, para o Autor, enraíza-se na encarnação e na cruz. Ele sublinha a aproximação da vida e da práxis³⁴. O apóstolo Paulo, em seu debate com os coríntios, afirma a supremacia do amor como a forma de existência histórica do cristão: o amor crucificado como o de Jesus. Nesse amor consistirá o “viver já como ressuscitados na história”³⁵ e esse amor expressa a dimensão de triunfo da liberdade sobre o egocentrismo, da alegria sobre a tristeza, da justiça e do amor para “descer os crucificados da cruz”³⁶.

3.3 Que novidade traz a ressurreição de Jesus para os povos crucificados na construção do Reino de Deus?

No decorrer desse item, analisam-se as implicações e a novidade que a ressurreição traz para a vivência da fé cristã no processo de descer da cruz os povos crucificados, conforme o projeto de Deus. A ressurreição sobreleva Jesus para além de todas as analogias e faz descobrir dimensões novas na insignificância de sua morte de profeta-mártir. J. Sobrino considera a ressurreição do Crucificado, especialmente, em quatro dimensões interligadas: teológica, cristológica, antropológica e comunitária³⁷.

³¹ Cf. SOBRINO, J. El seguimiento de Jesús pobre y humilde. Cómo bajar de la cruz a los pueblos crucificados. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 24, p. 301-307, 1991.

³² Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da libertação*: estrutura e conteúdos. São Paulo, Loyola, 1992. p. 89s.

³³ Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 224-227.

³⁴ Cf. Idem., p. 225.

³⁵ SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 122.

³⁶ Idem., p. 122-126; Cf. SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 154-156.

³⁷ Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 269-281; Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 34-39.

3.3.1 Teológica

Deus ressuscita Jesus (cf. 1Cor 15,3-4; At 2,24; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30)³⁸. A fidelidade do amor do Pai ao Filho e do Filho ao Reino de Deus é uma nova criação que se abre para todos como possibilidade de viver. Na ressurreição, revela-se o poder de Deus sobre a morte (cf. Rm 4,24). Deus, como o Deus da vida, vence não apenas o caos – primeira criação –, mas também a morte de Jesus – fruto do mal e da injustiça. Essa constatação do Deus da vida na ressurreição torna-se inseparável do Deus solidário que se revela na cruz³⁹.

Essa nova realidade é resposta de amor e fidelidade ao Reino de Deus, que Jesus assumiu em sua própria vida. Jesus aprendeu que o Reinado de Deus não chegaria só com sua existência em favor dos pecadores, mas, sobretudo, graças à sua morte por eles. Jesus viveu a morte como serviço e resistiu à violência contra o Reinado de Deus. Ele se abandona totalmente. Seu grito de solidão na cruz se converte em intercessão, em misericórdia.

A morte de Jesus simboliza a elevação do grito de justiça: os pequeninos não gritam sozinhos, como voz solitária no deserto; agora, o próprio Jesus vive e revela a dor das vítimas, intercedendo da cruz em favor delas. O Pai corresponde a esse amor de Jesus e realiza um ato que jamais realizara depois da criação: a ressurreição⁴⁰. Para J. Sobrino, “sem a ressurreição, o amor não seria o autêntico poder e, sem a cruz, o poder não seria amor”⁴¹.

Nesse sentido, a ressurreição revela a atitude de Deus em relação à cruz e às cruzes da história. Mantém o escândalo de um “Cristo crucificado”. Mas não só isso, expressa também algo característico de Deus: é um Deus de vida e não de morte. Contudo, este poder necessita ser visto junto com a “passividade na cruz” (poder de fidelidade) e como vitória sobre a morte causada pela injustiça e o mal. A partir desta “dualidade” entre fraqueza e poder, vitória e sofrimento, é que se define historicamente Deus como amor (cf. 1Jo 4,8. 16) [...]. Este Deus, assim revelado na história, continua presente em sua fidelidade irrevogável e dialética⁴².

O Pai, ao enviar seu Filho ao mundo, entrega-o para ser crucificado e ressuscita-o dentre os mortos, manifestando na cruz algo de divino.

³⁸ Cf. SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 269.

³⁹ Cf. Idem., p. 271-272.

⁴⁰ “Se Deus cria em sua imagem gloriosa, que é o Cristo pascal, a criação tem sua origem no mistério da salvação”. Cf. DURWELL, X. *La resurrección de Jesús: misterio de salvación*. São Paulo: Herder, 1979. p. 162.

⁴¹ Idem. Cristologia a partir da América Latina, p. 272.

⁴² HAMMES, E. J. “*Filii in Filio*”. A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino. Roma: PUG, 1993. p. 290-291.

3.3.2 Cristológica

A partir da ressurreição, os discípulos adquirem a experiência de que Deus não abandonou Jesus na cruz. J. Sobrino afirma que “após a ressurreição de Jesus, não se pensa em Javé sem pensar em Jesus; mais ainda, não se pensa a atuação de Javé sem a atuação de Jesus; e assim se formula em categorias ontológicas: Deus não é sem Jesus”⁴³.

A ressurreição faz justiça à pessoa de Jesus. Confirma a verdade de sua vida e leva a afirmar sua atual plenitude. A partir da experiência com o Ressuscitado, cria-se nova fé nas pessoas. A primeira fé dos discípulos necessitava passar pela prova da cruz e superá-la.

Após a ressurreição, quando se gera uma específica fé em Cristo, os crentes reconhecem e aceitam, como essencial à sua fé, aquilo que precisamente ocasionou a crise: que Jesus de Nazaré fracassasse, padecesse e fosse justicado. A vitória da fé dos discípulos no momento de crise se concretiza quando eles descobrem o Ressuscitado no Crucificado⁴⁴.

J. Sobrino, em comunhão com H. Kessler e diferentemente de E. Schillebeeckx⁴⁵, acentua o sentido da fé depois da Páscoa: não se trata só da recuperação da fé em Jesus – fé esta, ameaçada pela cruz –, mas de criação de uma nova fé. Essa se centra em Jesus e inclui o escândalo teológico da cruz⁴⁶. Esta segunda fé recupera a primeira, no entanto, qualitativamente, vai mais longe⁴⁷.

3.3.3 Antropológica

Essa dimensão esclarece o sentido da vida, do homem, da sociedade e do cosmos. Do ponto de vista negativo: “se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia, e vazia também a vossa fé” (1Cor 15,14). A ressurreição de Jesus conduz o ser humano à verdadeira

⁴³ SOBRINO, Cristologia a partir da América Latina, p. 279.

⁴⁴ Cf. SOBRINO, J. El resucitado es el crucificado. Lectura de la resurrección de Jesús desde los crucificados del mundo. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 70, p. 181-194, 1982.

⁴⁵ E. Schillebeeckx acentua a continuidade da fé dos discípulos antes e depois da Páscoa. Noutras palavras, fala da experiência como conversão dos discípulos. Cf. op. cit., p. 293-302; 351-367.

⁴⁶ “A história de Deus toca a história do homem, e nela penetra com profundidade impressionante: o Espírito. Mas isso não significa que uma história se dissolva na outra: Deus permanece sempre o Novo, o improgramável, o surpreendente, livre e libertador. Se não é possível enfatizar a vergonha da Cruz, também não será possível enfatizar bastante a novidade da Ressurreição!”. FORTE, B. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*. Ensaio de uma cristologia como história. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 178-179. J. Sobrino não cita esse autor na abordagem do tema, mas enfatiza a unidade entre cruz e ressurreição proposta pelo autor em estudo.

⁴⁷ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 154-175.

surpresa e leva a sua vida ao êxodo; exprime a relação permanente de Deus com esse mundo (cf. Rm 6,4).

J. Sobrino aponta três aspectos antropológicos fundamentais da ressurreição⁴⁸:

- a) a estrutura das aparições expressa certa aproximação: o Ressuscitado se aproxima dos que tinham fugido, que o haviam negado e traído, e sem considerar tal fuga transmite-lhes o próprio Espírito;
- b) o NT recorda que esta aproximação/reconciliação foi conseguida “pelo sangue precioso de Cristo” (1Pd 1,19);
- c) a ressurreição abre as portas para o futuro libertador, para a ressurreição universal, da qual “Cristo é o primogênito de toda criatura” (Cl 1,15; cf. Rm 8,29; Hb 12,23).

Na ressurreição, a humanidade renovada se converte em mediação do mistério de Deus. Essa renovação não se realiza sem o espírito concreto que Cristo suscita e sem que os homens se configurem a ele⁴⁹.

O Espírito é quem desencadeia a história. Ele é Senhor e doador de vida. Renova a face da terra para que essa terra seja mediação do mistério de Deus.

Sinteticamente, na ressurreição sanciona-se de maneira definitiva que Jesus é “o homem”; mas a verdade desse ser homem só se vê na história de Jesus; ratifica-se que no amor e na entrega de Jesus surge o verdadeiro homem, mas a estrutura fundamental desse amor e dessa entrega se mostra em Jesus; afirma-se que haverá novo céu e nova terra – sendo Cristo ressuscitado sua primícia –, mas no Reino de Deus pregado por Jesus advém, de maneira histórica, o fundamento dessa novidade e a exigência não só de esperá-la, mas de construí-la; irrompe como Deus plenifica a história e reconcilia o que na história parece irreconciliável, mas no anúncio do Reino nasce o modo como se constrói a história de maneira cada vez mais plena, ao manter os pólos daquilo que é histórica e dificilmente conciliável: justiça e misericórdia, indignação e perdão, gratuidade e eficácia, universalidade e parcialidade com base nos pobres, estrutura e pessoa e outros⁵⁰.

Esses pressupostos antropológicos presentes na ressurreição de Jesus são fundamentos da espiritualidade cristã, que possibilita acolher o dom de Deus: o Reino de Deus. J. Sobrino fala de fundamentos antropológicos – esperança, amor, motivação de vida, justiça aos oprimidos – e também de pressupostos teológicos para uma espiritualidade libertadora⁵¹. Dessa forma, vive-se uma espiritualidade de ressurreição na história.

⁴⁸ Cf. SOBRINO, *Espiritualidade da libertação*, p. 143-157.

⁴⁹ Cf. SOBRINO, *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 53.

⁵⁰ SOBRINO, *Espiritualidade da libertação*, p. 156; Cf. SOBRINO, *A Fé em Jesus Cristo*, p. 326-327.

⁵¹ Cf. SOBRINO, *Espiritualidade da libertação*, p. 33.

3.3.4 Comunitária

Essa dimensão realça o significado da ressurreição de Jesus na vida cristã e na vida das comunidades. A ressurreição mostra a cruz como caminho para a vida. Não a cruz pela cruz, mas a cruz em conexão com a vida de Jesus, na etapa de serviço ao Reino de Deus. Ela é um acontecimento escatológico e o fundamento de esperança para as vítimas. Entretanto, para que essa esperança seja realmente cristã, torna-se indispensável levar a sério a cruz de Jesus, unida ao significado de sua vida. Cruz e ressurreição não se dissociam da vivência cristã, ao contrário, manifestam a única realidade: o mistério pascal.

Na experiência pascal, o cristão convive com os outros seres humanos. Essa convivência responde ao chamado do Deus do Reino, quando o cristão se entrega no amor-serviço – o caminho percorrido por Jesus – e na solidariedade – a cruz. O cristão atua num mundo caracterizado pela profunda ambigüidade, onde a injustiça, a vontade de poder e a dominação marcam fortemente a realidade presente. Contudo, é nesse mundo que os sinais do Reino de Deus se desenvolvem e alimentam a esperança no amor-serviço e na solidariedade. A última palavra para a realidade dos crucificados é a vida, manifestada como libertação e amor. O mistério pascal, expressado na celebração litúrgica, torna-se ideologia quando não há vivência do amor-serviço concreto e da solidariedade para com as vítimas deste mundo.

J. Sobrino analisa essa correlação entre ressurreição e crucificados para a vivência cristã: a cruz de Jesus, em linguagem humana, expressa o imenso amor de Deus aos crucificados. Quando estes ouvem que Deus estava na cruz de Jesus, compreendem algo surpreendente: que o poder de Deus não é opressor, mas salvador; que não é pura alteridade com relação a eles, mas amorosa proximidade. Dessa forma, a ressurreição de Jesus se converte em símbolo de esperança para os crucificados⁵², que se traduz no “princípio misericórdia”, como sinal do Reino de Deus. Isso se desenvolverá no próximo item.

⁵² Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 220-224.

3.4 A esperança no “princípio misericórdia” como sinal do Reino de Deus

A situação de sofrimento dos povos crucificados do Terceiro Mundo se mostra em proporções inegáveis⁵³. A reação misericordiosa de Jesus exprime a resposta concreta em favor das vítimas. J. Sobrino reafirma que, ao encarnar-se e aproximar-se do mundo dos pobres, Jesus abre novo horizonte no comprometimento com a causa e o destino deles⁵⁴.

A condição inumana em que vivem os pobres toca e sensibiliza J. Sobrino. Com a parábola do bom samaritano, na qual Jesus descreve o homem verdadeiramente humano, ele traduz o significado do amor verdadeiro: inclinar-se ante o irmão apenas “movido por misericórdia”⁵⁵. É na reação diante do sofrimento alheio, interiorizado e assumido de modo concreto e gratuito pelas pessoas, que consiste a reação primária e última do ser cristão⁵⁶.

O “princípio misericórdia” fala da urgência de misericórdia que experimentam os “povos crucificados”, ou as “vítimas deste mundo”. Essas expressões, J. Sobrino toma de I. Ellacuría para dizer com elas os pobres e oprimidos do Terceiro Mundo, especialmente os da América Latina. A teologia da misericórdia busca redescobrir o rosto misericordioso de Deus que se revela a partir da realidade dessas vítimas.

A misericórdia suplica a atitude prática e imprescindível de quem se deixa interpelar pela realidade das vítimas e se dispõe a descer da cruz esses povos crucificados⁵⁷. Para o Autor, essa reação “significa trabalhar pela justiça, justiça que consiste no amor para com a maioria oprimida, e pôr a serviço da justiça todas as capacidades humanas”⁵⁸.

Essa reação reúne a sabedoria e a prática teológica. Testemunha o exercício conseqüente do amor compassivo ante o mundo de vítimas. Desta forma, posiciona-se pela justiça em favor dos oprimidos e isso implica perseguição. A luta pela justiça gera vida para

⁵³ “A miséria marginaliza grandes grupos humanos em nossos povos. Essa miséria, como fato coletivo, se qualifica de injustiça que clama aos céus” (Medellín, Justiça 1). “Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subempregos, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção” (Puebla, 29). Cf. também SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 88-89; Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 366, nota 1.

⁵⁴ Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 235.

⁵⁵ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 35.66.

⁵⁶ Cf. Idem., p. 25-27.

⁵⁷ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 77-81.

⁵⁸ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 26.

as vítimas, porém em consequência conduz ao martírio os comprometidos em sua promoção⁵⁹. A misericórdia antecede qualquer outra atitude. O Autor salvadorenho recorda o testemunho do arcebispo Romero: “pela misericórdia arrisca-se não só a vida pessoal, mas também a instituição eclesial. O arcebispo Romero presenciou a destruição da rádio e da imprensa do arcebispado e acompanhou os assassinatos de sacerdotes”⁶⁰. A fidelidade por causa do projeto do Reino floresce no anúncio da vida pelo agir misericordioso.

Quando as Igrejas, os governos, os sindicatos, os partidos, as forças militares, as empresas, as ciências e outras organizações e instituições saem de si mesmas para irem ao encontro dos feridos, então se descentralizam. J. Sobrino diz que a reação misericordiosa consiste no critério para saber a medida da descentralidade de qualquer pessoa, entidade, instituição ou ciência. O ferido no caminho requer a co-responsabilidade de todos.

A verdadeira espiritualidade latino-americana encara com criticidade os problemas emergentes do continente sem escamoteá-los. O “princípio misericórdia”, proposto pelo Autor, aponta a reação primária ante o mundo sofredor. Consiste no amor primário, ao qual se dá o nome de misericórdia. Segundo o Autor salvadorenho, é preciso compreender adequadamente o termo “princípio” aliado ao termo “misericórdia” para evitar as limitações do conceito misericórdia e os mal-entendidos a que se presta. A misericórdia se fundamenta em coisas verdadeiras e boas, mas também em coisas insuficientes e até perigosas. J. Sobrino fala dos riscos que acarreta o termo “misericórdia” quando não é bem entendido: sentimento de compaixão com o perigo de não ser acompanhado da práxis, obras de misericórdia com o perigo de não se analisarem as causas do sofrimento, atitudes paternalistas com o perigo do paternalismo. Trata-se, conforme a parábola do bom samaritano com a qual Jesus descreve o homem pleno, da estrutura fundamental do ser humano, do sofrimento alheio internalizado em alguém que leva à reação misericordiosa perante as vítimas deste mundo⁶¹.

Com relação à misericórdia e à compaixão, J. Sobrino menciona o aprendizado que recebeu de I. Ellacuría: “Aprendi que não há nada mais essencial para viver como ser humano do que o exercício da misericórdia diante do povo crucificado, e que não há nada mais humano e humanizante do que a fé no Deus de Jesus”⁶².

Por que a fé no Deus de Jesus se torna humana e humanizante através do exercício da misericórdia para com o povo crucificado? A atitude misericordiosa revela o sinal

⁵⁹ Cf. *Idem*.

⁶⁰ *Ibidem.*, p. 26-27.

⁶¹ Cf. *Ibidem.*, p. 25-26; 32-33.

⁶² *Ibidem.*, p. 28.

profético de reconhecimento na vida das pessoas que buscam seguir Jesus Cristo e empenham-se pelo Reino de Deus. Elas anunciam corajosamente, como Jesus, o Reino de Deus aos pobres; distinguem os sinais de morte e os denunciam⁶³; encorajam os crucificados para que consigam o indispensável para viver com dignidade⁶⁴; atuam sem aprisionar a verdade com a injustiça; exercem a justiça ao buscar e ao promover a paz.

A misericórdia não resulta num mero gesto de compaixão, alienado da práxis. Compreende-se como reação diante do sofrimento alheio internalizado. Atinge as entranhas e o coração, em virtude unicamente do sofrimento. Essa reação se concretiza num amor específico às vítimas deste mundo⁶⁵. Reveste-se do modo de ser e de agir de Jesus, como retratam os Evangelhos. Desta forma, efetiva-se o seguimento de Jesus e promove-se a sua práxis. Isso se traduz em carregar o pecado do mundo e em se comprometer decididamente a descer da cruz os povos crucificados com esperança, alegria e vida⁶⁶.

O “princípio misericórdia” orienta a ação de Deus e não apenas sinaliza a obra de misericórdia em favor do necessitado. Exprime um amor específico, uma atitude misericordiosa num longo processo⁶⁷ em vista de libertação. Esse “princípio misericórdia” está em toda a ação amorosa na obra salvífica de Deus: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3,7-8). Deus se volta para o povo com amor de misericórdia. Essa conduta designa reação diante do sofrimento alheio, interiorizado por aquele que se identificou com a vítima⁶⁸, desvelando o agir de Deus e de Jesus ao longo da história⁶⁹.

Conforme J. Sobrino, é no comportamento misericordioso que se define a identidade humana de Jesus e o procedimento amoroso de Deus. É nisto que consiste o comportamento essencial da pessoa humana e, em especial, o do cristão. Agir com misericórdia simboliza a configuração inigualável de amar, que delineia o ser humano⁷⁰.

Nos Evangelhos Jesus ensina que sem o desígnio misericordioso não se concretiza a humanidade nem a divindade da pessoa. “Não há nada anterior à misericórdia para motivá-

⁶³ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 266-284.

⁶⁴ Cf. *Idem.*, p. 288-300.

⁶⁵ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 33.

⁶⁶ Cf. *Idem.*, p. 31.

⁶⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 32.

⁶⁸ Cf. *Ibidem.*, p. 33.

⁶⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 34.

⁷⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 35.

la, nem advém nada mais além dela para relativizá-la ou recusá-la”⁷¹. Segundo o Autor salvadorenho, “quem vive segundo o ‘princípio misericórdia’ realiza o mais profundo do ser humano, tornar-se semelhante a Jesus”⁷².

Jesus não exercita tão-somente a misericórdia; para ele, a misericórdia precede todas as coisas e configura toda a sua vida, a sua missão e o seu destino. Ele o demonstra em suas ações. Diante do sofrimento, Jesus se sensibiliza até às entranhas. “Essas entranhas comovidas que configuram tudo o que Jesus revela: o saber, o esperar, o agir e o celebrar”⁷³.

Jesus proclama o Reino de Deus aos pobres. Ele procede em favor dos pequenos, dos pobres e oprimidos e se empenha tenazmente em erradicar o sofrimento injusto. Oferece aos pobres a esperança do Reino de Deus. Move e impele as pessoas à construção desse Reino. J. Sobrino acredita que o “princípio misericórdia” envolve todas as dimensões do ser humano: do conhecimento, da esperança, da celebração e da práxis⁷⁴. Ele se pergunta: Como orientar à vida cristã na prática pastoral pelo “princípio misericórdia”?

3.5 Exigências pastorais do “princípio misericórdia”

A proposta do “princípio misericórdia”, adotado por J. Sobrino, desafia a vida cristã ao compromisso de assumir atitudes práticas, capazes de descer da cruz os povos crucificados ou vítimas deste mundo em busca de vida humana digna.

O Autor aponta o agir do bom samaritano descrito na parábola (cf. Lc 10,33-36) como exigência cristã prática. Inspirado pela atitude de misericórdia do bom samaritano, o cristão se lança em assumir o compromisso afetivo e efetivo em relação às vítimas deste mundo. Toma a atitude misericordiosa como princípio configurador da vida e missão cristãs. Dispõe a trabalhar pela justiça em favor do pobre oprimido como expressão de amor⁷⁵.

J. Sobrino redescobre a fé em Jesus Cristo enquanto misericórdia e, assim, também descobre o como e o porquê da fé que conduz à misericórdia. Como atitudes práticas consideradas importantes na teologia da misericórdia, ele aponta diversos elementos⁷⁶:

⁷¹ Idem.

⁷² *Ibidem.*, p. 37.

⁷³ Idem; Cf. SOBRINO, J. Iglesias ricas y pobres, y el principio-misericordia. Una Iglesia “pobre” es una Iglesia “rica en misericordia”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 20, p. 315, 1990.

⁷⁴ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 38.

⁷⁵ Cf. Idem., p. 26.

⁷⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 25-27.

- a) a historização da misericórdia não afeta somente indivíduos feridos, mas povos inteiros crucificados. A redescoberta evangélica perante o mundo de vítimas faz com que o Autor se concentre na parábola do bom samaritano com a qual Jesus descreve o homem pleno;
- b) a misericórdia transformada em justiça conduz à perseguição e ao martírio pelos opressores;
- c) pela misericórdia, como experiência anteposta a qualquer outra prática, arriscam-se a vida e a instituição eclesial;
- d) Jesus compreende a liberdade a partir da misericórdia, e não inversamente.

A atitude misericordiosa requer o despertar do sono da inumanidade para a realidade de humanidade, aprender a ver Deus a partir do mundo das vítimas e vice-versa; essa ação misericordiosa produz alegria e sentido da vida⁷⁷.

A prática pastoral do ser humano na América Latina exige o encontro com o ferido no caminho, não somente com o indivíduo, mas com a multidão de povos crucificados: negros, índios, mulheres, crianças, desempregados... “Aqui os pobres são, antes de tudo, pobres no plural, não pobres somente individuais, mas uma realidade coletiva e massiva”⁷⁸.

A vida do mártir revela o testemunho pleno daquele que internalizou o sofrimento alheio e que decide curar o ferido. O mártir reage com amor eficaz à situação do povo crucificado. Trabalha em prol desse povo porque seu intuito é fazê-lo descer da cruz.

O sentido profundo do “princípio misericórdia” está em fazer o povo descer da cruz, expresso na caridade-reativa que leva à implantação da justiça e do direito⁷⁹.

Na América Latina, mesmo considerados sub-humanos, os pobres lutam por justiça e vida. Salta aos olhos a resistência deles. Eles se unem na luta pela sobrevivência. Excluídos do mercado, sobrevivem da e na economia informal. Nessa capacidade de reação às forças opressoras, os pobres se articulam com determinação histórica.

O lugar dos pobres se funda como força imprescindível, capaz de refazer o tecido social e reconstruir o chamado à solidariedade da família humana. J. Sobrino vê os pobres como lugar teológico. Ele redescobre a capacidade dos pobres de esforçar-se na busca do

⁷⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 28.

⁷⁸ SOBRINO, Jesus, *o Libertador*, p. 366.

⁷⁹ Cf. SOBRINO, *O Princípio Misericórdia*, p. 79.

necessário para a sobrevivência e em gerar a fraternidade e a celebração. Os pobres não dão a vida como suposta. Eles esperam esse mínimo que é dom de Deus: a vida⁸⁰.

Entre os frutos pastorais da atitude misericordiosa, como sinais da presença do Reino de Deus hoje, o Autor salvadorenho destaca o perdão-acolhida – analisado através do desenvolvimento bíblico-teológico no segundo capítulo dessa dissertação – e o fortalecimento da fé e da esperança dos pobres em meio à situação de sofrimento.

3.5.1 Orientar a vida com a atitude misericordiosa do perdão-acolhida

A atitude do perdão-acolhida, como exigência cristã, tem espaço nas reflexões teológicas de J. Sobrino com a intenção de resgatar a vida ameaçada⁸¹. Numa realidade social e histórica que crucifica povos inteiros, requer-se a atitude do perdão-acolhida: “erradicar a culpa dos pecadores e procurar sua salvação”⁸². O objetivo, conforme o Autor, consiste em reconciliar a própria realidade para possibilitar relações de fraternidade⁸³. A erradicação do mal que desumaniza abre espaço para a vida humana digna. “O pecado leva à morte do pecador, mas, antes disso, o pecado causa a morte de outros”⁸⁴.

Para J. Sobrino, os cristãos têm responsabilidade perante o pecado, a pobreza e a morte. O compromisso da fé cristã exige a libertação do pecado da realidade e a humanização do ofensor. O Autor salvadorenho afirma que lutar contra o pecado significa denunciá-lo profeticamente, desmascará-lo por ser a mais grave ofensa contra Deus. Nessa luta se destroem, objetivamente, os ídolos que matam e, concretamente, as estruturas de opressão e violência. Entretanto, nessa luta, novas estruturas de justiça são construídas, a conscientização é propiciada, além da organização política, social e pastoral... Trata-se de defender os pobres, os milhões de seres humanos que vivem na miséria⁸⁵.

O perdão-acolhida cristão da realidade, diferentemente de outras formas de erradicar o pecado, exige também carregá-lo. Ou seja, consiste na “encarnação no mundo de pecado, no mundo dos pobres, deixar-se afetar por sua pobreza e participar de sua fraqueza”⁸⁶.

⁸⁰ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 131.

⁸¹ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 97-99.

⁸² Idem., p. 99.

⁸³ Cf. Idem.

⁸⁴ *Ibidem.*, p. 101.

⁸⁵ Cf. *Ibidem.*, p. 101-102.

⁸⁶ *Ibidem.*, p. 102.

Essa encarnação requer conversão que leva à solidariedade com eles. Dessa forma, o cristão se abre à realidade, capta sua verdade e suas exigências de carregar o pecado⁸⁷. Isso supõe fortaleza, para se manter firme quando sua erradicação se torna árdua e o pecado se reverte contra quem o carrega; permanência na esperança, quando esta fica sombria; disponibilidade ao maior amor, dando a vida pelos pobres, passando pelo destino do Servo Sofredor.

Para J. Sobrino, essa atitude de carregar o pecado consiste em agir com amor radical, com verdadeira fé no Deus da vida, na defesa dos pobres; fé no Deus que é mistério e “que continua como mistério, crucificado nos pobres e nos que os defendem, que mantém, todavia, a esperança no futuro e atrai continuamente a história para si”⁸⁸.

O perdão-acolhida ao pecador “reproduz o gesto de benignidade de Deus”⁸⁹. Mostra a fé no Deus da graça, da ternura e da aliança. Essa fé em Deus se mantém na história, mesmo tantas vezes rompida pelo povo e “cada vez oferecida com maior radicalidade como iniciativa gratuita, definitiva e irrevogável”⁹⁰. O perdão-acolhida ao pecador desvenda a iniciativa salvadora de Deus. O fato de Deus nos amar primeiro (cf. 1Jo 4,11) quando ainda éramos pecadores (cf. Rm 5,8) justifica essa sua iniciativa de perdoar o pecador. Na prática pastoral, é preciso tornar verdadeira a fé nesse Deus, estando disposto a perdoar o pecador⁹¹.

Perdoar a realidade e o pecador exige, para J. Sobrino, a integração de aspectos que historicamente estão em tensão: no nível estrutural, a relação entre erradicação do pecado e o perdão ao pecador; na vida cotidiana, o perdão das ofensas e sua relação com o perdão estrutural. A espiritualidade do perdão leva em conta esses aspectos e integra-os⁹².

O desafio, segundo o Autor, consiste em manter, no nível estrutural, a tarefa inevitável de erradicar o pecado e amar o pecador. A espiritualidade do perdão-acolhida integra a tensão entre amor e destruição: por amor é preciso estar disposto ao perdão-acolhida do pecador e impossibilitar os frutos desumanizantes para outros e para ele mesmo⁹³. Pelo amor e pela defesa aos oprimidos, Jesus diz a verdade aos opressores. Numa forma paradoxal de amor, Jesus oferece-lhes salvação. O amor de Jesus se realiza no perdão-acolhida à pessoa do opressor. Esse amor regenera e recria. Jesus acolhe, perdoa, liberta e salva o pecador⁹⁴.

⁸⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 102-103.

⁸⁸ *Ibidem.*, p. 103.

⁸⁹ *Ibidem.*, p. 106.

⁹⁰ *Idem.*

⁹¹ Cf. *Idem.*

⁹² Cf. *Ibidem.*, p. 107.

⁹³ Cf. *Idem.*

⁹⁴ Cf. *Ibidem.*, p. 107-108.

O Autor salvadorenho cita o exemplo do arcebispo Romero que viveu plenamente essa espiritualidade em tensão. Movido por amor, profeticamente, denunciava e exortava os opressores em nome de Deus a deixarem o caminho da opressão e da repressão, “pelo bem dos oprimidos e deles mesmos”⁹⁵.

O exercício da espiritualidade do perdão-acolhida se faz necessário no nível estrutural e também na vida cotidiana. J. Sobrino insiste que cada cristão redescubra o seu próprio mundo de pecado e de perdão, e assim, observe as opressões presente nas comunidades: o autoritarismo dos líderes, o machismo, a insensibilidade para com os pobres, o desinteresse pelas responsabilidades, o desejo veemente de dominação. Dessa forma, o cristão se depara com o pecado comunitário: pequenas mortes dentro da comunidade, divisão e confrontação dos membros, afastamento do Reino da fraternidade. Entretanto, o cristão, ao mesmo tempo, é chamado a vivenciar a essência e a finalidade do perdão-acolhida. Sem perdão-acolhida não há reconciliação, nem comunidade, nem Reino de Deus⁹⁶. Quem sente o pecado em si sabe perdoar e comprometer-se com a erradicação do pecado da sociedade⁹⁷.

Na América Latina, existe o *mysterium iniquitatis*, o pecado de mil formas: a *hybris*, a opressão, a mentira, o assassinato... E, nessa realidade, há também o *mysterium salutis*: a disponibilidade de ser acolhidos-perdoados. J. Sobrino faz referência a João Paulo II que disse: “no dia do juízo os povos do Terceiro Mundo julgarão o Primeiro Mundo”⁹⁸. Ele crê que os povos do Terceiro Mundo carregam o pecado de todo o mundo. Por isso, eles podem perdoar o pecado do mundo⁹⁹. Os povos crucificados revelam o pecado do mundo. Acolhem e perdoam o mundo pecador para humanizá-lo. O Autor acredita que, quando essa acolhida e esse convite são aceitos, então a reconciliação, a solidariedade e o futuro do Reino de Deus se fazem presentes na história¹⁰⁰.

3.5.2 A vivência da práxis misericordiosa na história fortalece a fé e a esperança dos pobres

No segundo capítulo desta dissertação, viu-se que a prática servidora de Jesus – os

⁹⁵ *Ibidem.*, p. 108.

⁹⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 109.

⁹⁷ Cf. *Ibidem.*, p. 110.

⁹⁸ *Ibidem.*, p. 111.153.

⁹⁹ Cf. *Ibidem.*, p. 111.154.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem.*, p. 111.

milagres, a vitória sobre o maligno, a acolhida aos pecadores, as parábolas do Reino e a celebração da vinda do Reino – tinha em foco destinatários bem específicos: os pobres.

Os clamores dos pobres e oprimidos ressoam no mundo atual, expressando a dor e o sofrimento de milhares de pessoas¹⁰¹. Sem ingenuidade e sem fechar os olhos à dramática realidade social, todo cristão é desafiado a descobrir, a partir do mundo dos pobres, os sinais da presença de Deus e a chama da esperança que não se deixa apagar. J. Sobrino, em sua missão, recupera e reanima a fé e a esperança do povo salvadorenho. Ele cita alguns testemunhos esperançosos: Rockefeller vê a esperança que faz o pobre dizer: “é possível viver de outra maneira”, como a maior ameaça à riqueza; o arcebispo Romero que, em meio à repressão e morte, dizia: “eu, cheio de esperança, não só em Deus, mas nos homens, digo: ‘sim, há saída’”. I. Ellacuría insistia no desejo de reverter a história. Essa missão, segundo ele, é assumida junto com os pobres e oprimidos, utópica e esperançosamente¹⁰².

A raiz e a força da esperança se concentram na boa-notícia de Deus, trazida por Jesus. “A fé cristã tem como verdade central e inamovível que Deus é boa notícia, e que, como tal, se mostrou em Jesus”¹⁰³. Em Jesus se manifestou, humanamente, a benignidade de Deus (cf. Tt 2,11). A boa-nova de Jesus significou anúncio de vida e de esperança, especialmente para os pobres, a quem Jesus anuncia a proximidade do Reino de Deus (cf. Mc 1,14). Assim, o cristão tem a tarefa de ser sinal de esperança do Reino junto aos pobres¹⁰⁴.

J. Sobrino insiste na necessidade do testemunho da boa notícia. Crê que a boa notícia “só dará esperança aos pobres deste mundo se ela for e agir como Jesus”¹⁰⁵. Para o Autor, configurar-se com Jesus é reproduzir a estrutura de sua vida. Segundo os Evangelhos, isso significa encarnar-se e chegar a ser carne na história real; anunciar a boa notícia do Reino de Deus com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade do anti-reino; carregar o

¹⁰¹ A pesquisa da CEPAL feita em 31/08/2006 constatou que, em 2005, havia 213 milhões de pobres e 88 milhões de indigentes na América Latina, respectivamente 40,6% e 16,8% da população, o que somado corresponde a que o mais legítimo produto do capitalismo na América Latina se expresse numa população de 301 milhões de miseráveis, ou 57,4% da população da região. Os efeitos da aplicação diligente das políticas do imperialismo pelos governos dos países dominados são catastróficos. J. Ziegler relator da ONU para o Direito à Alimentação, denunciou essa catástrofe em discurso pronunciado em junho de 2006: a) mais de 100 mil pessoas morrem devido à fome todos os dias ao redor do mundo; b) a cada quatro minutos uma criança fica cega por falta de vitamina A; c) a cada sete segundos uma criança menor de dez anos morre devido à desnutrição. Segundo J. Ziegler, esse verdadeiro genocídio ocorre apesar de o mundo ter hoje a capacidade de produzir alimentos para 12 bilhões de pessoas, ou seja, o dobro da população atual. Esses dados estão no site: www.cecac.org.br, acessado no dia 16/05/2008.

¹⁰² Cf. SOBRINO, J. Um jubileu total. “Dar esperança aos pobres e deles recebê-los”. *Concilium*, Petrópolis, n. 283, p. 152, 1999.

¹⁰³ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 153.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem.*, p. 154.

¹⁰⁵ *Ibidem.*, p. 155.

pecado do mundo, que causa a morte de milhões de pessoas; e ressuscitar os pobres, dando a eles vida, esperança e alegria¹⁰⁶. A misericórdia desafia e interpela o cristão a encarnar a boa-nova do Reino com prioridade no mundo dos pobres. Assim, o cristão atualiza “a compaixão de Deus, com a conotação de parcialidade e ternura para com os pobres”¹⁰⁷.

A verdade dos pobres como situação de injustiça e opressão se mostra, atualmente, como exigência ética. O Autor salvadorenho responde a essa situação com juízo teórico e prático que desencadeia algum tipo de ação: “não basta registrar na consciência, mas como verdade diante da qual é preciso reagir”¹⁰⁸. A descoberta da realidade dos pobres dá origem à solidariedade¹⁰⁹. Ele nota que essa descoberta questiona a pessoa humana como ser social; exige mudança para recuperar a verdadeira identidade humana e oferece ao ser humano a possibilidade de edificar essa identidade através da co-responsabilidade para com o pobre¹¹⁰.

J. Sobrino crê que a misericórdia assumida como princípio orientador da práxis cristã humaniza a vida e cristifica-a, porque constitui a estrutura fundamental do ser cristão. O “princípio misericórdia”, entendido como “amor específico que está na origem de um processo, mas que, além disso, permanece presente e ativo ao longo dele”¹¹¹, é fundamental e central na ação de Deus Pai e de Jesus.

Da mesma forma, o cristão se dispõe, como discípulo, a descer da cruz os povos crucificados e a refazer-lhes a vida através do ensinamento, da vida e da práxis misericordiosa de Jesus. Segundo o Autor, “elevar a princípio esta misericórdia parece ser mínimo; mas, segundo Jesus, sem ela não há humanidade nem divindade e, como todos os mínimos, é um verdadeiro máximo. Esse mínimo-máximo constitui o primeiro e último”¹¹². Não existe nada anterior à essa misericórdia, nem existe nada para relativizá-la ou substituí-la.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem.*, p. 31.

¹⁰⁷ SOBRINO, Um jubileu total, p. 156.

¹⁰⁸ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 219; Cf. SOBRINO, J. “Suportai-vos mutuamente”. Análise teológica da solidariedade cristã. In PICO, J. H.; SOBRINO, J. *Solidários pelo Reino: os cristãos diante da América Central*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 71.

¹⁰⁹ J. Sobrino reflete sobre o tema da solidariedade a partir da realidade salvadorenha. Cf. SOBRINO, Suportai-vos mutuamente, p. 63-99. Numa obra mais recente, ele analisa como desencadeou o processo de convocação à solidariedade e em que consiste “o levar-se mutuamente dos desiguais”. Cf. SOBRINO, Onde está Deus?, p. 128-138.

¹¹⁰ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 219-220; Cf. SOBRINO, Suportai-vos mutuamente, p. 71.

¹¹¹ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 32; Cf. SOBRINO, Iglesias ricas y pobres, p. 315.

¹¹² SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 35.

Dessa forma, J. Sobrino acentua duas dimensões que desafiam a teologia: levar a sério tanto a revelação e a fé cristã, como a situação histórica. Como ambas se iluminam e se potenciam mutuamente?

3.6 A história como lugar de salvação para as vítimas na reflexão teológica de Jon Sobrino

O mundo do capitalismo neoliberal investe em criatividade propagandista, *design* e *marketing*. Tudo vale para transformar o próximo em cliente e as relações humanas em relações de mercado. Assim, como compreender a presença da transcendência na história?¹¹³.

A vida, como força e dinamismo, impele o ser humano a mergulhar na história. Convicto dessa realidade e de posse dessa vitalidade, o cristão não se acomoda com as estruturas pessoais e sociais, inquieta-se realmente com as injustiças e desigualdades existentes na sociedade. Coloca-se em ação e em movimento, sente-se atraído, capaz de criar e de transformar a sociedade.

A preocupação de J. Sobrino se volta para a necessária aceitação da Palavra de Deus, presente no mundo dos pobres, como sinal dos tempos¹¹⁴. Ele acentua duas dimensões que desafiam a teologia: levar a sério tanto a revelação e a fé cristã, como a situação histórica, de modo que ambas se iluminem e se potenciem mutuamente.

J. Sobrino pressupõe que a teologia se baseia na revelação de Deus e na Tradição e interpretação autorizadas na Igreja. Ele ressalta a necessidade e a importância fundamental de levar em conta a realidade histórica do mundo dos pobres na eficácia do Reino¹¹⁵.

Na teologia sobriniana, destacam-se três características fortes e desafiantes¹¹⁶:

- a) comprometer-se em assumir como conteúdo da teologia a atual manifestação de Deus e a resposta da fé;
- b) teologizar como reação da misericórdia frente aos povos crucificados;
- c) teologizar com uma determinada pré-compreensão subjetiva – opção pelos pobres – e num lugar objetivo – o mundo dos pobres.

¹¹³ Cf. ELLACURÍA, *Historicidad de la salvación*, p. 5-45.

¹¹⁴ Cf. SOBRINO, *Como fazer teologia*, p. 285.

¹¹⁵ Cf. *Idem*; Cf. SOBRINO, *La Iglesia de los pobres*, p. 132.

¹¹⁶ Cf. SOBRINO, *Como fazer teologia*, p. 285.

3.6.1 A manifestação atual de Deus na história e a resposta da fé

No teologizar, J. Sobrino, em primeiro lugar, enfatiza a dimensão dos sinais dos tempos. Sem menosprezar a revelação de Deus, acontecida de forma definitiva e irrevogável em Jesus Cristo, ele considera o presente histórico como lugar da manifestação de Deus. O Concílio Vaticano II convida a perscrutar os acontecimentos, exigências e aspirações do tempo presente. Busca “conhecer e entender o mundo atual, as esperanças, as aspirações e a índole freqüentemente dramática” (GS, 4). O Autor salvadorenho chama essa análise de sinais dos tempos histórico-pastorais. Entretanto, o Concílio Vaticano II insiste também na importância de fazer o discernimento dos sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus na história (cf. GS, 11). Ele denomina essa reflexão de sinais histórico-teológicos¹¹⁷.

J. Sobrino dá atenção à presença e à manifestação histórica sempre nova de Deus no mundo. A teologia, em virtude da atual manifestação de Deus, abre-se à novidade dos conteúdos. “Trata-se de historizar e atualizar na teologia a dimensão antropológica de ser ouvinte da Palavra, tanto a partir da subjetividade do ser ouvinte como da objetividade da Palavra de Deus”¹¹⁸.

O Autor acredita que “a resposta de fé aos sinais dos tempos gera mais fé, mais esperança, mais caridade, mais vida cristã no Povo de Deus, na vida religiosa, na hierarquia, mais testemunho e mais martírio”¹¹⁹. E ressalta: “A aceitação dos sinais dos tempos pela teologia é ‘razoável’ por ser coerente com o que já foi dado na Revelação e por desencadear mais e melhor a vida cristã”¹²⁰. No teologizar, sem excluir ou ignorar o passado, ele prioriza o presente da realidade de Deus. Insiste na confrontação contínua e renovada com a Palavra do AT e do NT, para descobrir a Revelação sempre atual de Deus. Nessa compreensão, pensa a opção teológica a partir do mundo dos pobres. O argumento da realidade, na teologia latino-americana, torna-se questão de fidelidade a Deus e ao seu projeto de amor, e ainda, ajuda a reler os mesmos temas na Revelação. Se isso não for levado a sério, o discurso teológico perde o vigor, a relevância e a identidade¹²¹.

A preocupação desse Autor relaciona-se com o agir cristão e não simplesmente com uma ética do cristianismo. Nesse agir cristão, o discernimento só se consegue no

¹¹⁷ Cf. SOBRINO, *Onde está Deus?*, p. 77.

¹¹⁸ SOBRINO, *Como fazer teologia*, p. 287.

¹¹⁹ *Idem.*, p. 289.

¹²⁰ *Idem.*

¹²¹ Cf. *Ibidem.*, p. 291.

seguimento. Como característica central da vida cristã, o seguimento se dá na dinâmica do Espírito de Jesus para o qual J. Sobrino aponta.

3.6.2 A reação misericordiosa como *intellectus amoris*

Na segunda característica, J. Sobrino teologiza como reação da misericórdia frente aos povos crucificados – como *intellectus amoris*. A situação crucial de miséria, de pobreza e de opressão da América Latina oferece à teologia novo horizonte para compreender Jesus Cristo e o evangelho. Para o Autor, a consequência última, para a atividade teológica, de levar a sério o mundo sofredor, os povos crucificados do Terceiro Mundo como o fato maior significa: conceber a teologia como *intellectus amoris*,¹²² sem ignorar o *intellectus fidei*¹²³.

O Autor salvadorenho contribui com a prática da teologia da misericórdia. Deixa mover sua inteligência pela misericórdia – *intellectus misericordiae* – e pelo amor e se coloca a serviço da libertação dos povos crucificados. Essa teologia se origina no mundo sofredor e procura o *logos* pelo qual é possível erradicar esse sofrimento¹²⁴.

Na Revelação, a misericórdia brota como princípio e fim do ser e do agir de Deus, de Jesus Cristo e do ser humano. Deus se deixa mover por misericórdia. Verifica-se isso na lógica do êxodo e nas parábolas do filho pródigo e do bom samaritano. Descreve-se Jesus como o homem da misericórdia. E o ser humano no sentido pleno, aquele que atua movido por misericórdia, é tipificado pelo samaritano da parábola. Portanto, a orientação da prática teológica num contexto de sofrimento brota do princípio do amor misericordioso¹²⁵.

3.6.3 A opção pelos pobres como pré-compreensão da teologia

A terceira característica teologal desafiadora consiste em fazer a opção pelos pobres como pré-compreensão da teologia. Essa opção pelos pobres expressa algo totalizante e, enquanto totalizante, tem função de pré-compreensão para a teologia. A opção pelos pobres como algo totalizante verifica, analisa e interpreta a totalidade da realidade a partir dos

¹²² Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 71-76; Cf. SOBRINO, La teología y el “principio liberación”, p. 128.

¹²³ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 72.

¹²⁴ Cf. Idem., p. 66-68.

¹²⁵ Cf. SOBRINO, Como fazer teologia, p. 295; Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 66-67.

pobres. J. Sobrino chama de princípio de parcialidade essa redescoberta na compreensão da Revelação dos conteúdos teológicos a partir da opção pelos pobres¹²⁶. O Autor valoriza também o princípio de descentramento. Ele se fundamenta na prática em favor da vida dos pobres e na erradicação da pobreza como resposta à maior exigência ética. O maior amor consiste em dar a vida por outros. Por isso, através do descentramento radical do ser humano, chega-se ao centro de si mesmo¹²⁷. A partir desses dois princípios, J. Sobrino vê na esperança de que essa visão e essa prática ofereçam salvação, histórica e transcendental. Isso ele denomina de princípio de salvação¹²⁸.

O Autor salvadorenho concentra sua insistência na autocompreensão praxica do ser humano. Necessita-se desta pré-compreensão não só para compreender e interpretar os textos da Escritura, mas também para compreender a realidade presente. A opção pelos pobres “é redescoberta na Revelação mesma como a atitude fundamental de Jesus e de Deus para com o mundo: Deus vê a totalidade desse mundo a partir dos pobres”¹²⁹ e reage com misericórdia.

J. Sobrino afirma tal opção necessária e importante porque reconduz a teologia “ao criatural, à verdadeira realidade do mundo”¹³⁰. A teologia passa pelo processo de conversão para assumir a verdade do mundo dos pobres. Deixa-se interpelar por essa realidade cruel e desumana e assume, diante dela, o compromisso de colocar a inteligência a serviço da libertação. O Autor salvadorenho insiste no correto uso da inteligência no anúncio da verdade. “A primeira atitude que se exige da inteligência é a de ser honesta com a realidade”¹³¹.

Teologizar exige converter-se para a verdadeira realidade dos povos crucificados. J. Sobrino afirma que se a morte de dezenas de milhões de pobres não questiona a inteligência teológica, suspeita da honestidade dessa teologia ao estabelecer a verdade fundamental.

A reflexão teológica aponta para o desafio de comunicar a fé cristã aos pobres. Ela leva a sério a necessidade de pensar Deus a partir deles e, sobretudo, para eles¹³². Isso significa despertar para o Cristo real, presente e crucificado, nas vítimas, abrindo-se a essa realidade e dispondo-se a libertá-la. Essa reflexão teológica leva a assumir o compromisso de

¹²⁶ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 60-62.

¹²⁷ Cf. Idem., p. 62-63.

¹²⁸ Cf. SOBRINO, Como fazer teologia, p. 297-298.

¹²⁹ Idem., p. 298.

¹³⁰ *Ibidem.*, p. 299; Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 58-60.

¹³¹ Idem; Cf. *Ibidem.*, p. 64-65.

¹³² Cf. SOBRINO, Como fazer teologia, p. 302.

descer da cruz os povos crucificados. Para tanto, buscar conhecer Jesus de Nazaré e segui-lo concretiza o ideal do Reino de Deus¹³³. O mundo dos pobres interpela a teologia a despertar para a realidade dos crucificados na história. J. Sobrino considera que “a misericórdia não é suficiente, mas é absolutamente necessária num mundo que faz todo o possível para ocultar o sofrimento e evitar que o humano seja definido a partir da reação a esse sofrimento”¹³⁴.

3.6.4 Eixos da teologia do “princípio misericórdia” como salvação na história

A teologia do “princípio misericórdia”, sem desprezar os textos resultantes do passado revelatório, abre-se ao desafio de constatar a presença atual e histórica de Cristo ao “fazer teologia com sentido de realidade”¹³⁵. J. Sobrino assume o mundo dos pobres como lugar teológico. A pré-compreensão do mundo dos pobres como lugar objetivo do teologizar possibilita a captar teologicamente os sinais dos tempos e a ver neles a presença histórico-salvífica de Deus e de Jesus Cristo. A perspectiva das vítimas deste mundo oferece luz para melhor compreender o conteúdo teológico. Torna-o mais próximo e existencial¹³⁶.

A partir do lugar das vítimas, dos últimos, tem-se a visão da totalidade. A experiência da exclusão torna-se chave de compreensão da totalidade, o critério de verdade de qualquer teoria. O lugar das vítimas mostra a verdade do mundo. O Autor diz que a vida do pobre revela o critério de aprofundamento epistemológico da realidade. Paradoxalmente, o povo crucificado, no sofrimento, oferece luz e salvação. Trata-se de captar a realidade. “Aprisionar essa verdade com a injustiça é a pecaminosidade fundante”¹³⁷.

J. Sobrino vê nos pobres a salvação. Ele parafraseia o antigo axioma católico “*extra ecclesiam nulla salus*” de Orígenes e Cipriano e a formulação “*extra mundum nulla salus*” de E. Schillebeeckx, e propõe a seguinte tese: “*extra pauperes nulla salus*” – “fora dos pobres não há salvação”¹³⁸.

¹³³ Cf. SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 13.

¹³⁴ Idem., p. 8.

¹³⁵ SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 154.

¹³⁶ Cf. SOBRINO, A Fé em Jesus Cristo, p. 17-18.

¹³⁷ SOBRINO, O Princípio Misericórdia, p. 91.

¹³⁸ SOBRINO, Fora dos pobres não há salvação, p. 111-115.

O Autor salvadorenho insiste na relação teologal entre os pobres e Deus: “Deus ama o pobre pelo simples fato de ser pobre”¹³⁹. Manter os povos crucificados deste mundo no centro da reflexão teológica é questão de honestidade e responsabilidade para com a realidade. “Deus e seu Cristo estão presentes nos pobres e nas vítimas deste mundo”¹⁴⁰.

J. Sobrino crê que no mundo dos pobres se dá hoje o *Sitz-im-Leben* da teologia latino-americana, e conclui: “É um *Sitz-im-Leben und im Tode*, uma realidade trágica e crucificada; mas uma realidade também – como a do Servo Sofredor e como a de Jesus crucificado – de luz e de vida”¹⁴¹.

Ao partir do Jesus histórico, o Autor reaviva o significado revelador da existência como caminho para compreender a totalidade do mistério de Cristo¹⁴². Justifica esse ponto de partida por acreditar que a totalidade da fé em Deus necessita de um caminho – Jesus de Nazaré – que a ela conduz.

Cristo se revela como caminho para o Pai e como sacramento do Pai. Jesus de Nazaré, na vida e na práxis, concretiza a verdade do Reino de Deus. Ele se manifesta como boa-nova do Pai. Visualiza, através de atitudes e gestos, o humano de Deus pelo amor, pela misericórdia, pela fidelidade e pela entrega, em vista da salvação. Dessa forma, Cristo, cuja realidade não se esgota em Jesus de Nazaré, integra-se na totalidade do mistério de Deus.

J. Sobrino adverte, “se Cristo é caminho e sacramento do Pai, Jesus de Nazaré é sacramento histórico de Cristo, e seu prosseguimento é caminho ao Pai”. E conclui: “se isto é assim, a concentração jesusânica é fundamental”¹⁴³. Jesus, portanto, salvaguarda a Cristo e a Deus. Com Jesus, o amor e a manifestação de Deus se tornam concretos na realidade. Jesus de Nazaré é Jesus Cristo, o Cristo de Deus que possibilita à humanidade o conhecimento e a experiência de Deus¹⁴⁴.

Na teologia sobriniana do “princípio misericórdia”, a relação de Jesus de Nazaré com o Reino de Deus e a relação com o Pai tornam-se centrais¹⁴⁵. Para J. Sobrino, não basta dizer que Jesus é Cristo, Deus e homem, mas é necessário expressar que Cristo é Jesus em quem Deus se manifestou e em quem a realidade última do que significa ser homem surgiu.

¹³⁹ Idem., p. 19.

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ SOBRINO, Como fazer teologia, p. 302. Cf. SOBRINO, La teología y el “principio liberación”, p. 126.

¹⁴² Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 88.

¹⁴³ SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 163.

¹⁴⁴ Cf. SOBRINO, Jesus na América Latina, p. 23.

¹⁴⁵ Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 164.

A proposta teológica desse Autor se enraíza no Jesus histórico: a pregação, a práxis, as atitudes, o espírito, o destino da cruz e a ressurreição. Enfim, em toda a vida e história de Jesus. Os textos evangélicos mostram que o mais histórico de Jesus é a prática, ou seja, o conjunto de atividades em vista do Reino de Deus. A confissão da fé em Cristo se realiza na caminhada a partir do conhecimento e seguimento do Jesus histórico. Ele ensina a concretizar o ideal do Reino pela luta em favor da vida e contra os ídolos de morte¹⁴⁶.

3.7 Conclusão

J. Sobrino lança o desafio e o compromisso da missão do Reino de Deus de anunciar a esperança num mundo no qual a miséria globalizada resulta como produto da “civilização do mercado”, da transação financeira e da fortuna de elite privilegiada. Ele descobre o “horizonte regulador” para o sentido da vida humana: o “princípio misericórdia”. Os meios de comunicação forjam a humanidade conectada pela palavra, pela imagem e pelos negócios e, ao mesmo tempo, separam, pelo fosso social, ganhadores e perdedores.

Ao repensar a fé cristã à luz da realidade e a partir do evento Jesus de Nazaré, o Autor salvadoreño inicia sua reflexão teológica a partir da perspectiva das vítimas deste mundo. A esperança da proximidade de Cristo e do Reino de Deus se desdobra na dialética do aprendizado que consiste em ver a Deus a partir do mundo de vítimas, e em ver o mundo de vítimas a partir de Deus.

Nesse breve cenário histórico e atual da América Latina, a expressão “povos crucificados” reflete a realidade crucificada e indica a centralidade da pessoa humana, como protagonista da história.

Os povos que não têm o essencial para viver, desprezados e humilhados em sua dignidade de filhos de Deus, simbolizam a atualização do rosto histórico do Crucificado de Nazaré. J. Sobrino fala da urgência de descer da cruz os povos crucificados da história. Para a prática pastoral, isso significa relacionar a esperança das vítimas com a práxis do amor. Esse amor se expressa em viver já como ressuscitados em meio às vicissitudes da história.

Numa cultura de violência, de sem-sentido e de injustiça, a novidade teológica, cristológica, antropológica e comunitária trazida pelo Autor na análise da ressurreição gera

¹⁴⁶ Cf. SOBRINO, Jesus, o Libertador, p. 111-113.

utopias. Essas experiências da ressurreição de Jesus impulsionam os povos crucificados a defender em todas as situações a vida, e fortalecem a dialética da cruz e ressurreição.

J. Sobrino analisa a relação entre ressurreição e crucificados para a vivência cristã: a cruz de Jesus, em linguagem humana, expressa o imenso amor de Deus aos crucificados. Quando estes ouvem que Deus estava na cruz de Jesus, compreendem algo surpreendente: que o poder de Deus não é opressor, mas salvador; que não é pura alteridade com relação a eles, mas amorosa proximidade. Dessa forma, a ressurreição de Jesus se converte em símbolo de esperança para os crucificados e ilumina a prática pastoral da Igreja.

Como teólogo enraizado na América Latina, o Autor vê que a esperança das vítimas, na ressurreição de um crucificado, se traduz no “princípio misericórdia”, como sinal da presença do Reino de Deus. O seguidor de Jesus, mergulhado nas contingências da história, luta contra as forças do anti-reino. Tal situação exige, a exemplo da parábola do bom samaritano, constante busca da vontade do Pai, por meio da ação misericordiosa.

O “princípio misericórdia”, como exigência pastoral da vida cristã, requer atitude de perdão-acolhida. O objetivo dessa atitude, para J. Sobrino, é reconciliar a própria realidade para possibilitar relações de fraternidade. O perdão-acolhida cristão consiste na encarnação no mundo de pecado, no mundo dos pobres, deixar-se afetar por sua pobreza e participar de sua fraqueza. Os povos crucificados fazem descobrir o pecado do mundo. Acolhem e perdoam o mundo pecador para humanizá-lo e convocam a todos para lutar contra o pecado e humanizar a realidade. O Autor acredita que quando se aceita essa acolhida e esse convite, então a reconciliação, a solidariedade e o futuro do Reino de Deus se fazem presentes na história.

J. Sobrino descobre, a partir do mundo dos pobres, os sinais da presença de Deus e a chama da esperança que não se deixa apagar. A misericórdia desafia e interpela o cristão a encarnar a boa notícia do Reino com prioridade no mundo dos pobres. Como sinal da presença do Reino de Deus, a misericórdia assumida como princípio orientador da práxis cristã humaniza a vida e cristifica-a, porque constitui a estrutura fundamental do ser cristão.

Humanizar-se num contexto de sofrimento e anunciar a esperança na misericórdia aos crucificados da história sem aliená-los e sem propor-lhes o recurso à violência significa, para J. Sobrino, levar em conta a realidade histórica do mundo dos pobres na eficácia do Reino.

O Autor salvadorenho reaviva na tarefa teológica tanto a revelação e a fé cristã como a situação histórica. A reflexão teológica aponta para o desafio de comunicar a fé cristã

aos pobres desse mundo, levando a sério a necessidade de pensar Deus a partir das vítimas. Dessa forma, leva a assumir o compromisso concreto de descer da cruz os povos crucificados.

Enfim, a categoria Reino de Deus ilumina a prática pastoral latino-americana em favor dos povos crucificados, porque estes povos mostram a verdade do mundo. J. Sobrino diz que a vida do pobre revela o critério de aprofundamento epistemológico da realidade. Para ele, a esperança no “princípio misericórdia”, a vitória de Deus sobre a injustiça trazida pela ressurreição de Jesus e a perspectiva a partir das vítimas manifestam a presença do Reino e iluminam a realidade dos crucificados deste mundo.

Conclusão

A presente dissertação não desejou levar à exaustão o tema acerca de Jesus e o anúncio do Reino de Deus sob a luz dos povos crucificados, segundo J. Sobrino. Almejou apenas abrir caminhos para prosseguir a reflexão do pensamento sobriniano com relação ao Reino de Deus e aos povos crucificados da história. Essa relação irradia luz e esperança para a vida e a missão cristãs na sociedade hoje.

No contato com a teologia sobriniana e com outros autores ao longo desta pesquisa, entremearam-se luzes, provocações e esperanças. Foi uma experiência totalizante, de conversão contínua, de integração e de amadurecimento da fé cristã.

Chama à atenção, no **primeiro capítulo**, a realidade da pobreza e de sofrimento que atinge a maioria dos seres humanos do continente latino-americano, revelando enorme distância entre tal realidade e o projeto de Deus. J. Sobrino, como teólogo enraizado na vida do povo salvadorenho, aponta a práxis da misericórdia como resposta humana e cristã aos povos crucificados. Dessa forma, lançam-se as bases para responder à pergunta central dessa pesquisa: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia e como essa categoria ilumina a prática pastoral na realidade de povos crucificados da América Latina?

A realidade dos povos crucificados, vista segundo os níveis fático-real, histórico-ético e religioso, desemboca na cristologia. As vítimas são a atual presença do Crucificado. O Autor relaciona a situação do povo salvadorenho com o modelo do Servo Sofredor e com a figura de Jesus, que toma sobre si os pecados do mundo.

A redescoberta da categoria Reino de Deus tem suas raízes no horizonte do processo histórico de compreensão da vida, missão e destino de Jesus de Nazaré. Esse fato surge no seio do movimento da volta ao Jesus histórico, que polarizou a atenção dos teólogos nestes últimos tempos.

Na segunda metade do século XX e após o Concílio Vaticano II, desenvolveram-se diversas cristologias. Entre elas, nasceu, no seio da Teologia da Libertação, a cristologia da libertação latino-americana. Essa cristologia insere-se no grande movimento da volta ao Jesus histórico.

A cristologia latino-americana recolheu os fragmentos já existentes no ambiente

cristão em Medellín (1968) e fez afirmações que apontaram para uma nova compreensão pastoral e teológica de Cristo. Tais afirmações se concentraram, particularmente, no aspecto histórico da salvação, no princípio da parcialidade e na hermenêutica.

Os teólogos da libertação são unânimes em valorizar a categoria Reino de Deus. Entre eles, destaca-se J. Sobrino que constata a inoperância das cristologias tradicionais e elabora uma cristologia segundo a perspectiva do seguimento a serviço do Reino de Deus.

No **segundo capítulo** a dissertação se concentrou na resposta à primeira parte da pergunta central da pesquisa: Como J. Sobrino desenvolve a categoria Reino de Deus em sua teologia? O Autor elucida algo central nos Evangelhos: Jesus está a serviço do Reino de Deus, que para ele é a realidade última. Jesus é o mediador absoluto e definitivo do Reino de Deus. Apesar de falar inúmeras vezes do Reino de Deus, Jesus não define, teoricamente, o Reino nem quem é Deus. Diante desse fenômeno paradoxal, o teólogo salvadorenho percorre três vias fundamentais que não se excluem: a via nocional, a via dos destinatários e a via da prática de Jesus.

Em sintonia com os pressupostos da Teologia da Libertação, J. Sobrino privilegia a via dos destinatários. A razão se concentra em que a boa-nova do Reino é algo relacional. Em outras palavras, os destinatários ajudam a esclarecer o conteúdo do próprio evangelho. Assim, os pobres são os destinatários privilegiados desta boa-nova.

A centralidade da categoria Reino de Deus na vida e na missão de Jesus atravessa toda a cristologia de J. Sobrino. Neste aspecto, ele mesmo reconhece estar em sintonia com outros teólogos. Entretanto, o que impressiona é a sua capacidade de sistematizar e reelaborar tal categoria.

Na reapropriação histórica da vida de Jesus que o conceito Reino de Deus adquire um caráter sistemático e totalizante. A partir desse conceito, torna-se possível na teologia sobriniana globalizar a missão de Jesus e sua prática e conceber Deus voltado para a história com projetos históricos.

Na história da humanidade, em sua realidade concreta e situada, é que o Reino de Deus precisa ser visualizado pela práxis do seguimento. O Reino – história – de Deus – transcendência – se realiza na luta contra as forças do anti-reino. Esse Reino tem como destinatários os pobres e necessita de mediação histórica para a sua concretização.

J. Sobrino evidencia o caráter relacional e não absoluto de Jesus quanto ao Reino e ao Pai: o Reino como utopia da libertação total que se realiza na história e o Pai como

referência última. Ambos dão sentido à vida, à atitude e ao destino de Jesus.

Essa afirmação da dupla relação de Jesus traz consigo outras conseqüências: uma nova compreensão da atividade de Jesus – os milagres, a expulsão dos demônios, acolhida aos pecadores, as parábolas do Reino de Deus, a celebração da vinda do Reino –, que deixam de ser sinal da divindade para significar o advento do Reino e, indiretamente, iluminar a figura do Jesus histórico. É na história humana de Jesus que se esconde e se revela a sua divindade. Jesus experimenta, como realidade última de sua existência, a relação com o Reino de Deus e o Deus do Reino.

O **último capítulo** procurou responder à segunda parte da pergunta central da dissertação e, assim, solucionar a hipótese levantada no início dessa pesquisa: Como a categoria Reino de Deus, no pensamento sobriniano, ilumina a prática pastoral na realidade de povos crucificados da América Latina?

O Autor pensa sua teologia a partir da realidade das maiorias oprimidas, empobrecidas, injustamente tratadas e crucificadas. Ao mesmo tempo, concentra-se nos testemunhos bíblicos que narram Deus presente na história dolorosa e esperançosa da humanidade.

As leituras dos cantos do Servo Sofredor de Javé e de Jesus na cruz, sugeridas pelo Autor em forma de meditação, ajudam os cristãos a compreender a situação atual dos povos crucificados e vice-versa. As vítimas do Terceiro Mundo reproduzem tal realidade: são povos sem rosto, privados de justiça; têm os direitos fundamentais violados, como o Servo de Javé; entretanto, procuram implantar o direito, a justiça e lutam cheios de esperança pela libertação. J. Sobrino constata que essa realidade é encoberta e precisa ser urgentemente descoberta, acolhida e assumida com amor misericordioso.

A cruz, como expressão máxima de amor e de fidelidade a Deus e aos seres humanos, é prova de total confiança e abandono ao Deus solidário com a cruz do povo crucificado. O Autor salvadorenho concentra sua reflexão na práxis de ressuscitar os crucificados da história. O compromisso com a realidade consiste em entrar na história com todas as contradições e colocar-se junto à cruz e ao lado das inúmeras cruces da história. Não há outro lugar para falar de forma cristã da ressurreição. Isso se concretiza, conforme o Autor, nas dimensões teológica, cristológica, antropológica e comunitária.

Para J. Sobrino, os pobres são o lugar teologal por excelência. Ele diz que a Galiléia é o lugar da vida histórica de Jesus, o lugar do pobre e do pequeno. A Galiléia de

todos os tempos e contextos históricos é o lugar onde se segue Jesus presente na história: o Mestre de Nazaré, o homem misericordioso e fiel até à cruz.

Jesus revela, em atitudes e gestos, a bondade misericordiosa e humanizante do Deus do Reino. Mostra solicitude divina por aqueles a quem é tirado o direito de viver dignamente. É neles que o Reino de Deus toma corpo.

A partir da teologia sobriniana, constata-se que a misericórdia, como princípio, torna-se característica central na vida e missão de Jesus. O “princípio misericórdia” mostra a importância e a necessidade da abertura ao horizonte das vítimas. Esse princípio conduz os cristãos a se encherem do amor benigno de Deus, a exemplo de Jesus de Nazaré. Leva-os a testemunhá-lo, atualizadamente, dentro da realidade de pobreza. Isso requer a humilde disposição de descer da cruz os pobres deste mundo. J. Sobrino vê na prática misericordiosa, fundamentada na fé e na esperança dos povos crucificados, a possibilidade de iluminar a pastoral e a missão da Igreja atual.

A verdade dos pobres, como situação de injustiça e opressão, leva o cristão a assumir ações concretas em prol do Reino de Deus. Essa realidade inumana em que vivem milhões de filhos de Deus exige, como apelo e questionamento na prática pastoral, conversão de cada cristão para recuperar a verdadeira identidade humana.

O pensamento de J. Sobrino se destina a sustentar, do ponto de vista teológico, um projeto pastoral libertador bem determinado em El Salvador e, por extensão, na América Latina. Essa reflexão, entranhada pela dor e esperança vividas por cristãos, constitui uma resposta concreta à situação de opressão e injustiça. Isso se transforma num paradigma de historização de Jesus e seu evangelho e torna-se, de fato, válida para os demais ambientes semelhantes ao país centro-americano. Além disso, essa reflexão abre caminhos para qualquer elaboração cristológica libertadora, oferece adequada estrutura de interpretação que se orienta metodologicamente a partir do Jesus histórico e faz do sentido atual da história de Jesus seu próprio conteúdo.

A originalidade da cristologia sobriniana se mostra na orientação decidida para a prática. Não se vive o evangelho na América Latina, ou onde houver opressão, sem a atitude de abertura ao outro, especialmente a solidariedade com os povos crucificados. Situada historicamente, essa cristologia consiste em tornar presente o seguimento de Jesus e a fidelidade à verdade do ser humano, de Jesus, do Reino de Deus e da própria Igreja.

J. Sobrino mostra Jesus Cristo como aquele que vive uma relação de proximidade

com o Pai e de entrega ao serviço do Reino em favor dos pobres e pecadores. O Autor vê na prática misericordiosa de Jesus o exemplo para o ser humano em meio às vicissitudes históricas. Essa historicidade da misericórdia, sustentada pela espiritualidade libertadora não relegada à esfera do intimismo, articula a fé na luta contra as injustiças e possibilita a unidade da teologia e da espiritualidade.

O Autor salvadorenho introduz no corpo de sua cristologia a expressão “povos crucificados”, cunhada por I. Ellacuría. Ele se coloca diante dessa realidade de vítimas, cuja situação real oferece luz e esperança. Desta forma, manifesta-se sua opção pelos pobres em vista de libertação.

J. Sobrino aprofunda a dimensão libertadora da cristologia, redescoberta pela Teologia de Libertação, e torna viva em sua situação concreta este caráter libertador. Na cristologia, ele mantém a utopia, a esperança, dos povos crucificados, no sentido de potencializar a busca solidária de humanização no mundo atual.

O Reino de Deus ocupa lugar central nessa cristologia. Com isso, torna-se possível a reformulação de noções fundamentais da teologia cristã: o martírio, a eclesialidade, o pecado, a graça, a cruz, a ressurreição e outros. Tal centralidade abre horizonte para os cristãos se aproximarem de organismos da sociedade que lutam em prol da dignidade da vida humana. Além disso, num mundo pluralista, inclusive no âmbito teológico, o tema do Reino de Deus goza de grande significado. Ele assegura à cristologia fundamentação para o diálogo no interior da teologia cristã e em outros pensamentos teológicos; faz analisar a realidade do Povo de Deus, conforme a *Lumen Gentium*; configura as instituições eclesiais, a forma de realizar os ministérios. Essas questões abrem caminhos para novas contribuições à ciência teológica.

A gratuidade do Reino de Deus como dom não exclui, mas exige a participação efetiva do ser humano em vista da cristologia encarnada na realidade da América Latina. Estas reflexões feitas sobre o pensamento sobriniano desejam responder às perguntas atuais do ser humano e recriar a mensagem libertadora de Jesus.

Referências Bibliográficas

1 Fontes

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1996. v. 1.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (orgs.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998. v. 2.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002/2003.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla. 5. ed. Texto oficial da CNBB. Apresentação didática: J. B. Libanio. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida. São Paulo/Brasília: Paulinas/Paulus/CNBB, 2007.

_____. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

EICHER, P. (org.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Loyola, 1988.

KITTEL, G. *Theological Dictionary of the New Testament*. Michigan: WM. B. Eerdmans, 1977. v. 1.

SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

THE GREEK NEW TESTAMENT. Intruducción en Castellano. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

2 Livros do Autor

Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982.

Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico. Tradução de Orlando Bernardi. Petrópolis: Vozes, 1983.

Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo/Petrópolis, Loyola/Vozes, 1985.

Oscar Romero. Profeta e mártir da libertação. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1988.

Os seis jesuítas mártires de El Salvador. Depoimento de Jon Sobrino. Traduzido por várias pessoas. São Paulo: Loyola, 1990.

Jesucristo liberador: lectura histórica-teológica de Jesús de Nazaret. San Salvador: UCA, 1991.

Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos. Tradução de Atilio Cancian. São Paulo, Loyola, 1992.

O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.

Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré. 2. ed. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996.

A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.

Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. Tradução de Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópico-proféticos. Tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2008.

3 Artigos do Autor

El seguimiento de Jesús como discernimiento cristiano. *Concilium*, Madrid, n. 139, p. 17-27, 1978.

Jesús y el Reino de Dios. Significado y objetivos últimos de su vida y misión. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 5, p. 345-36, 1978.

Relación de Jesús con los pobres y desclasados. *Concilium*, Madrid, n. 150, p. 18-27, 1979.
Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. *Concilium*, Petrópolis, n.150, p. 18-23, 1979.

El resucitado es el crucificado. Lectura de la resurrección de Jesús desde los crucificados del mundo. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 70, p. 181-194, 1982.

El significado actual del reino de Dios anunciado por Jesús. *Diakonía*, Manágua, n. 26, p. 94-110, 1983.

El significado actual del Reino de Dios anunciado por Jesús. *Iglesia Viva*, Madrid, n. 105-106, p. 361-377, 1983.

Jesús de Nazaret. In FLORISTÁN, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Conceptos fundamentales de pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 480-513.

Seguimiento. In FLORISTÁN, C.; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Conceptos fundamentales de pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 936-943.

La Iglesia de los pobres, concreción latinoamericana del Vaticano II. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n.5, p. 115-146, 1985.

Vivir en tiempo de guerra. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 75, p. 157-163, 1987.

A injusta e violenta pobreza na América Latina. *Concilium*, Petrópolis, n. 215, p. 60-65, 1988.

Jesús como Buena Notícia. Repercusiones para un talante evangélico. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 76, p. 715-726, 1988.

La identidad cristiana. *Diakonía*, Manágua, n. 46, p. 95-127, 1988.

- La injusta y violenta pobreza en América Latina. *Concilium*, Internacional, n. 215, p. 60-68, 1988.
- Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 55, p. 287-288, 1989.
- El asesinato-martirio de los jesuitas salvadoreños. ¿Quiénes eran y por qué los mataron? *Sal Terrae*, Barcelona, n. 12, p. 853-874, 1989.
- Meditación ante el pueblo crucificado. *Diakonía*, Manágua, n. 49, p. 5-8, 1989.
- Mi recuerdo de Monseñor Romero. *Diakonía*, Manágua, n.50, p. 121-182, 1989.
- Mi recuerdo de Monseñor Romero. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 16, p. 3-44, 1989.
- Cristología sistemática: Jesucristo, el mediador absoluto del Reino de Dios. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.). *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación. 2. ed. Madrid: Trotta, 1990. v. 1, p. 575-599.
- Iglesias ricas y pobres, y el principio-misericordia. Una Iglesia “pobre” es una Iglesia “rica en misericordia”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 20, p. 307-323, 1990.
- La herencia de los mártires de El Salvador. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 929, p. 867-880, 1990.
- La Iglesia samaritana y el principio-misericordia. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 927, p. 665-678, 1990.
- Os povos crucificados: atual servo sofredor de Javé. *Concilium*, Petrópolis, n. 232, p. 117-127, 1990.
- Centralidad del Reino de Dios en la Teología de la Liberación. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.). *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación. Madrid: Trotta, 1991. v. 1, p. 467-510.
- El seguimiento de Jesús pobre y humilde. Cómo bajar de la cruz a los pueblos crucificados. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 24, p. 299-317, 1991.
- Aniquilação do outro. Memória das vítimas. Reflexão profético-utópica. *Concilium*, Petrópolis, n. 240, p. 13-21, 1992.
- “Suportem-se mutuamente”. Análise teológica da solidariedade cristã. In PICO, J. H.; SOBRINO, J. (orgs.). *Solidários pelo Reino*. Os cristãos diante da América Central. São Paulo: Loyola, 1992. p. 63-99.
- ¿Es Jesús una buena noticia? *Sal Terrae*, Santander, n. 81, p. 595-608, 1993.
- Misereor super turbas. *Christus*, México, n. 662, p. 36-38, 1993.
- Ignacio Ellacuría, el hombre y el cristiano. “Bajar de la cruz al pueblo crucificado”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 32 (I), p. 131-161 e n. 33 (II), p. 215-244, 1994.
- La teología y el “principio liberación”. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 35, p. 115-140, 1995.
- Los mártires y la teología de la liberación. *Sal Terrae*, Santander, n. 983, p. 699-715, 1995.
- “Jesús y pobres”: lo meta-paradigmático de las cristologías. *Misiones extranjeras*, Madrid, n. 161, p. 499-511, 1997.
- Los mártires latinoamericanos. Interpelación y gracia para la Iglesia. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 48, p. 307-330, 1999.

Um jubileu total. “Dar esperança aos pobres e deles recebê-los”. *Concilium*, Petrópolis, n. 283, p. 152, 1999.

Teología desde la realidad. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170.

Redenção da globalização: as vítimas. *Concilium*, Petrópolis, n. 293, p. 114-124, 2001.

Nosso mundo. Crueldade e compaixão. *Concilium*, Petrópolis, n. 299, p. 12-21, 2003.

La centralidad del Reino de Dios anunciado por Jesús. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 68, p. 135-160, 2006.

4 Outros Autores

AGUIRRE, R. *La mesa compartida*. Estudios del Nuevo Testamento desde las ciencias sociales. Santander: Sal Terrae, 1994.

ALEGRE, X. El Reino de Dios y las parábolas en Marcos. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 67, p. 3-29, 2006.

BARREIRO, Á. *Os pobres e o Reino: Do Evangelho a João Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1983.

BERRYMAN, P. *Stubborn Hope: Religion, Politics, and Revolution in Central America*. New York: Orbis Books, 1994.

BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Nova Evangelização*. Perspectiva dos oprimidos. Fortaleza: Vozes, 1990.

_____. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CARDENAL, R.; MARTÍN-BARÓ, I.; SOBRINO, J. *Voz dos sem voz: a palavra profética de D. Oscar Romero*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

DE SEBASTIÁN, L. Europa: globalização e pobreza. *Concilium*, Vozes, n. 293, p. 62-70, 2001.

DODD, C. H. *Le parabole del regno*. Brescia: Paidéia, 1970.

DURWELL, X. *La resurrección de Jesús: misterio de salvación*. São Paulo: Herder, 1979.

ECHEGARAY, H. *Utopia e Reino na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989.

ELLACURÍA, I. *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios: para anunciarlo y realizarlo en la historia*. Santander: Sal Terrae, 1984.

_____. Discernir ‘el signo’ de los tiempos. *Diakonía*, Manágua, n. 17, p. 57-59, 1981.

_____. El pueblo crucificado. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1994. v. 2, p. 189-216.

_____. El pueblo crucificado: ensayo de soteriología histórica. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 18, p. 305-333, 1989.

- _____. Historicidad de la salvación cristiana. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 1, p. 5-45, 1984.
- _____. Las Iglesias latinoamericanas interpelan a la Iglesia de España. *Sal Terrae*, Barcelona, n. 826, p. 219-230, 1982.
- _____. Los pobres, lugar teológico en América Latina. *Misión Abierta*, Madrid, n. 4-5, p. 225-240, 1981.
- _____. The crucified people. In SOBRINO, J.; ELLACURÍA, I. (eds.). *Systematic Theology: Perspectives from liberation theology*. New York: Orbis Books, 1996. p. 257-278.
- ESCOBAR, F. A. En la línea de la muerte – la manifestación del 22 de enero de 1980. *Estudios Centroamericanos*, San Salvador, n. 377-378, p. 375-376, 1980.
- ESCUDEIRO FREIRE, C. *Devolver el evangelho a los pobres*. Salamanca: Sígueme, 1978.
- FABRIS, R. *A opção pelos pobres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FORTE, B. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Acesso a Jesus: ensaio de Teologia Narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. *Clamor del Reino: estudio sobre los milagros de Jesus*. Salamanca: Sígueme, 1982.
- _____. Jesús y los demonios: introducción cristológica a la lucha por la justicia. *Estudios Eclesiásticos*, Madrid, n. 203, p. 487-519, 1977.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Ideas y creencias del hombre actual*. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1991.
- GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *O Deus da Vida*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- HABERMAS, J. *Verdade e Justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HAMMES, E. J. “*Filii in Filio*”. A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino. Roma: PUG, 1993.
- HERNÁNDEZ-PICO, J. *Un cristianismo vivo: reflexiones teológicas desde Centroamérica*. Salamanca: Sígueme, 1987.
- HERRMANN, S. *Historia de Israel: en la época del Antiguo Testamento*. 3. ed. Salamanca: Sígueme, 1996.
- JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- _____. *Teología del Nuevo Testamento: la predicación de Jesús*. 3. ed. Salamanca: Sígueme, 1977.
- _____. *Teologia do Novo Testamento*. Nova edição revista e atualizada. São Paulo: Teológica; Paulus, 2004.
- KÄSEMANN, E. *La llamada de la libertad*. Salamanca: Sígueme, 1974.
- KASPER, W. *Jesús, el Cristo*. 7. ed. Salamanca: Sígueme, 1989.
- KRAMER, P. O órfão e a viúva no livro do Deuteronomio. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 27, p. 20-28, 1990.

- LAURET, B.; REFOULÉ, F. (orgs.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1982. v. 2.
- LIBANIO, J. B. A redescoberta do Reino na teologia. In Vigil, J. M. (org). *Descer da Cruz os Pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 189-198.
- LOIS, J. Cristología en la teología de la liberación. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.) *Mysterium Liberations: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1990. v. 1, p. 223-251.
- LOYOLA, I. de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 1985.
- MACK, B. L. *O Evangelho Perdido: O Livro Q e as Origens Cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- MARDONES, J. M. *Postmodernidad y cristianismo: el desafío del fragmento*. Santander: Sal Terrae, 1988.
- MICHALET, C-A. *O que é a mundialização? Pequeno tratado para uso dos que ainda não sabem se devem ser a favor ou contra*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MIGNE, J. P. *Patrologiae graeca: Sanctus Gregorius Nazianzenus*. Parisii: Bibliothecae Cleri Universa, 1862. v. 37.
- MIRANDA, J. P. *Marx y la Biblia: crítica a la filosofía de la opresión*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1975.
- NEUTZLING, I. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986.
- NOLAN, A. “¿Quién es este hombre?” Jesús, antes del cristianismo. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1984.
- PALÁCIO, C. *Jesus Cristo: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979.
- PARRA CARRASCO, F. O. *Modernidad, utopía e historia en América Latina*. Santiago: San Pablo, 1995. p. 17-54.
- PERRIN, N. *Jesus and the Language of the Kingdom: Symbol and Metaphor in New Testament Interpretation*. Philadelphia: Fortress Press, 1976.
- PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opção pelos pobres: experiência de Deus e justiça*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RICHARD, P. A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 342, pp. 203-214, 2001.
- _____. *O Homem Jesus*. São Paulo: Moderna, 1993.
- RICHARD, P.; MELENDEZ, G. *La Iglesia de los pobres en América Central: un analisis socio-político y teológico de la Iglesia Centroamericana (1960-1982)*. Costa Rica: DEI – Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1982.
- RUIZ DE GOPEGUI, J. A. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 79, p. 327-352, 1997.
- SCHILLEBEECKX, E. *God the Future of Man*. New York: Sheed and Ward, 1968. p. 152-161.
- _____. *Jesús: La historia de un viviente*. Madrid: Cristiandad, 1981.
- SCHNACKENBURG, R. *Reino y Reinado de Dios: estudio Bíblico-Teológico*. 3. ed. Madrid: Fax, 1974.
- SCHRAGE, W. *Ética del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1987.

SEGUNDO, J. L. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. Sinóticos e Paulo: História e atualidades. São Paulo: Paulinas, 1985. v. II/1.

SHIMOFF, S. R. *The Age of Solomon: Scholarship at the turn of the Millennium*. New York: Brill – Lowell K. Handy, 1997.

SICRE, J. L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Los dioses olvidados*. Poder y riqueza en los profetas preexilicos. Madrid: Cristianidad, 1979.

SOARES-PRABHU, G. M. Classe en la Biblia: los pobres bíblicos, ¿una clase social? *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 12, p. 217-239, 1987.

SOL, R. *Para entender El Salvador*. Costa Rica: DEI – Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1980.

THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002. 651p.

TROCMÉ, E. *Jesús de Nazaret: visto por los testigos de su vida*. Barcelona: Herder, 1974.

VIGIL, J. M. Seguir a Jesus sob o império neoliberal na América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 227, p. 537-556, 1997.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1974. 2v.

ZUURMOND, R. *Procurais o Jesus Histórico?* São Paulo: Loyola, 1998.

5 Pesquisas na internet

www.cecac.org.br, acessado no dia 16/05/2008.

<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI1397454-EI8140,00.html>, acessado no dia 10/07/2008.

www.oitbrasil.org.br/info/downloadfile.php?fileId=187, acessado no dia 10/07/2008.

www.ola.cse.ufsc.br/analise/20070312_nildo.htm, acessado no dia 11/07/2008.

www.unisinos.br/ihu, Revista On-Line do Instituto Humanitas Unisinos, acessado no dia 19/07/2008.

www.ilo.org/public/spanish/dialogue/actemp/papers/1998/maquila/capi-1.htm#C1_1, acessado no dia 25/07/2008.

<http://resistir.info/mur/firenze.html>, acessado no dia 02/08/2008.

www.revistamissoes.org.br/quadro2.php?url=edicoes/05_2001/eucaristia.php, acessado no dia 15/08/2008.